

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

# **As razões do título e do *lead***

*Uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia*

**Leandro Ramires Comassetto**

Orientador: Prof. Dr. Nilson Lemos Lage

Florianópolis  
2001

**Leandro Ramires Comassetto**

# **As razões do título e do *lead***

*Uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia*

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Lemos Lage

Florianópolis  
2001

## **As razões do título e do lead**

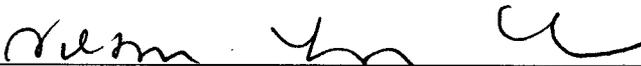
### ***Uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia***

Esta dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Coordenador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

#### **Banca Examinadora:**

  
Prof. Dr. Nilson Lemos Lage (UFSC) – Orientador

  
Prof. Dr.ª Terezinha Kuhn Junkes (UFSC)

  
Prof. Dr.ª Sônia Virgínia Moreira (UERJ)

  
Suplemente: Prof. Dr. Francisco Karam (UFSC)

*“Vislumbro ultimamente, na ânsia demolidora de jovens colegas aflitos, uma velada conspiração contra o lead. Acusam-no de ser quadrado, imputam-lhe o epíteto de démodé. Ora, pilulas! Não façamos revolução às avessas para regredir aos velhos dogmas de uma escola superada.”*

Lago Burnett

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	6
<b>ABSTRACT</b>	7
<b>1 – INTRODUÇÃO</b>	8
<b>2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	10
2.1. O PROCESSAMENTO DO DISCURSO	10
2.1.1. O conhecimento prévio	10
2.1.1.1. A importância dos esquemas	11
2.1.1.2. Uma teoria dos modelos cognitivos	12
2.1.2. Pressupostos contextuais	15
2.1.3. As estruturas textuais	16
2.1.3.1. A superestrutura	16
2.1.3.2. A microestrutura	19
2.1.3.3. A macroestrutura e a coerência global do discurso	22
2.1.3.3.1. <i>A subjetividade das macroestruturas</i>	24
2.1.3.3.2. <i>Macroestratégias de processamento do texto</i>	25
2.2. A ESTRUTURA DA NOTÍCIA	26
2.2.1. Delimitação de notícia	27
2.2.2. A superestrutura da notícia	28
2.2.3. A macroestrutura da notícia	30
2.2.3.1. O princípio da relevância	31
2.2.3.2. A importância da macroestrutura na compreensão da notícia	31
2.2.3.2.1. <i>A pré-leitura como processo de leitura da notícia</i>	33
2.2.3.3. A importância da macroestrutura na produção da notícia	34
2.2.4. A elaboração das categorias essenciais da notícia	35
2.2.4.1. A coerência começa no <i>lead</i>	36
2.2.4.1.1. <i>A popularidade do lead</i>	37
2.2.4.1.2. <i>O formato do lead</i>	38
2.2.4.2. O título como guia para a leitura	39
2.2.4.2.1. <i>A configuração do título</i>	40
2.2.4.2.2. <i>O papel do subtítulo</i>	41
2.2.4.3. Evidenciando a importância de título e <i>lead</i>	42

<b>3. ANÁLISE DE UM RELATO JORNALÍSTICO</b>	44
3.1. A ESTRUTURA EPISÓDICA DA NOTÍCIA	44
3.2. O RELATO JORNALÍSTICO	46
3.2.1. A macroestrutura do relato	49
3.3. CONCLUSÃO	50
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	53
4.1. A PESQUISA	53
4.1.1. Delimitação da pesquisa	54
<b>5. RELEVÂNCIA DA PESQUISA</b>	56
<b>6. ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS</b>	57
6.1. UM TEMA PARA A NOTÍCIA	57
6.2. RELATO CRONOLÓGICO E NENHUMA NOÇÃO DE <i>LEAD</i>	65
6.3. INVERSÃO DAS CATEGORIAS ESQUEMÁTICAS	72
6.3.1. A história antes do fato	73
6.3.2. Antecipação de detalhes	75
6.4. CADÊ A INFORMAÇÃO DO TÍTULO?	78
6.5. QUANDO O TÍTULO INTERNO NÃO CONFIRMA O DA CAPA	81
6.6. QUAL A RELEVÂNCIA DO TEMA DA NOTÍCIA?	84
6.7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DOS TEXTOS	87
<b>7. A VEZ DA REPORTAGEM</b>	88
7.1. AMPLIANDO O CONCEITO DE REPORTAGEM	89
7.2. O ESTILO DA REPORTAGEM	90
7.3. A ABERTURA DA REPORTAGEM	91
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	93
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	96

## RESUMO

Este trabalho analisa aspectos cognitivos da estrutura da notícia. Fundamentado nos estudos de Teun Van Dijk sobre superestrutura e macroestrutura, enfoca principalmente títulos e *lead*, consideradas as categorias responsáveis pela condução do processo cognitivo. Textos construídos a partir das informações mais importantes facilitam a organização do conteúdo semântico global, garantindo agilidade e coerência ao enunciado, processamento mais rápido e eficiente e melhor evocação da notícia. Faz-se um estudo de caso de jornais da região do Contestado, interior de Santa Catarina, com ênfase em estruturas consideradas deficientes do ponto de vista cognitivo.

## **ABSTRACT**

This work analyzes cognitive aspects of the structure of the news. Based in the studies of Teun Van Dijk about superstructure and macrostructure, it focuses titles and lead mainly, considered the responsible categories for the conduction of the cognitive process. Texts built starting from the most important informations facilitate the organization of the global semantic content, guaranteeing agility and coherence to the statement, faster and more efficient comprehension and better evocation of the news. It had done a case study of newspapers of the Contestado's area, Santa Catarina inland, with emphasis in faulty considered structures from the cognitive point of view.

# 1. INTRODUÇÃO

Qual a estrutura redacional mais apropriada à transmissão de uma notícia?

Qualquer resposta a esta pergunta é questionável. O texto é dinâmico. Permite, senão uma infinidade, número considerável de possibilidades. E, dependendo do fato, da intenção do emissor, das pressuposições acerca dos interesses e expectativas do receptor, entre outros fatores, as formas podem variar bastante.

Mas é indiscutível que, ao longo da história da comunicação jornalística, uma estrutura esquemática tem apresentado, de maneira geral, maior eficácia na transmissão de notícias. Funcionando como uma espécie de gênero discursivo, ela facilita a exposição das informações de modo a salientar as macroproposições e permitir melhor organização do conteúdo semântico global, garantindo agilidade e coerência ao texto e processamento mais rápido e eficiente das informações veiculadas.

Dos estudos conhecidos acerca da teoria da notícia, sobressaem-se os do pesquisador holandês Teun Van Dijk, que, ao lado do americano Walter Kintsch, talvez seja quem melhor sistematizou as questões relacionadas à estrutura do discurso noticioso e às estratégias de processamento discursivo, destacando os tipos de relações semânticas e pragmáticas responsáveis pela coerência funcional do texto e a construção e ativação de conhecimentos que levam à compreensão e recordação das informações.

Van Dijk (1980, 1983, 1989, 1990, 1999) e Kintsch (1983) trabalham, sobretudo, com as noções de *macroestrutura* e *superestrutura*, para dar conta, respectivamente, do conteúdo semântico global e da forma como ele se ajusta no texto. É isso que será enfocado aqui, para que se compreenda a importância da ordem das informações no discurso da notícia. A ênfase recai sobre títulos e *lead*, consideradas as categorias essenciais do esquema, responsáveis pela condução do processamento cognitivo.

Ao mesmo tempo em que se propõe à investigação teórica dos aspectos aqui relacionados, este trabalho constitui o estudo de caso de uma realidade considerada problemática do ponto de vista cognitivo. A análise está centrada em notícias de jornais de uma determinada região do interior de Santa Catarina. Assim, além da aplicação da teoria, a idéia é chamar a atenção para um contexto que apresenta estruturas redacionais jornalisticamente pouco eficientes.

Mas, antes de partir para o detalhamento da estrutura da notícia e a análise das redações, procura-se entender melhor o processo de percepção do discurso, que não se limita à decodificação das informações que constam do texto, mas recorre também ao contexto, que inclui a ativação da memória, particularmente a enciclopédica. Consideradas pressuposições cognitivas do processo de construção do entendimento, as informações da memória são espontaneamente ativadas, a partir do contato com o discurso, e se incorporam na construção de uma representação mental, que, usando informações externas novas e dados circunstanciais, permite interpretá-lo. Esse complexo processo estratégico de reconstrução mental do discurso conduz à compreensão de por que determinadas estruturas facilitam o entendimento.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.2. O PROCESSAMENTO DO DISCURSO**

Compreender um discurso é operação que ultrapassa o reconhecimento da estrutura do significado de suas partes; vai além da assimilação passiva das informações nele contidas. Toda vez que deparamos um enunciado, não nos limitamos à interpretação das sentenças e à organização seqüencial do conteúdo que elas expressam. A compreensão constitui, na verdade, complexo processo estratégico de reconstrução, que envolve, além das informações recebidas, as motivações e objetivos do receptor, suas estimativas sobre as intenções do falante, seus pressupostos contextuais e representações cognitivas, ou seja, dados circunstanciais mais experiências e conhecimentos prévios guardados na memória e ativados no momento. Alicerçado nisso, o receptor não só compreende o que o falante queria transmitir, mas também tenta construir a sua própria representação (Van Dijk, 1999). Para entender melhor os passos desta operação, vejamos, a seguir, os fatores envolvidos no processamento discursivo.

#### **2.2.1. O conhecimento prévio**

A ativação de conhecimentos prévios opera desde o processamento lingüístico (Kleiman, 1992, p.13-27), com a decodificação do léxico, o reconhecimento de construções gramaticais que unem palavras e sentenças e a solução de ambigüidades, em busca de um sentido coerente para as operações da língua. O conhecimento textual, ou de estrutura do texto, facilita a compreensão, uma vez que estruturas diferentes (narrativa, argumentativa, descritiva, expositiva) possibilitam perceber intenções diferentes por parte do autor, despertando, conseqüentemente, expectativas diferentes em quem lê. Mas o que mais nos interessa neste momento é o chamado conhecimento de mundo, o conhecimento parcial que temos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos da natureza e da cultura. É, sobretudo, esse conhecimento acumulado e adormecido na mente que permite, quando

ativado, fazer inferências<sup>1</sup>, relacionar fatos e idéias, realizar deduções e buscar um sentido não só local, em nível de sentenças e proposições, mas, principalmente, global.

### 2.1.1.1. A importância dos esquemas

Estudos acerca do papel das representações de conhecimento de mundo na compreensão do discurso remontam a Bartlett (1932), considerado o precursor de uma *teoria dos esquemas*, também rotulados, em estudos mais recentes sobre modelos cognitivos, como *cenários*, *frames* e *scripts*<sup>2</sup>. Neste trabalho em particular, não nos preocuparemos em estabelecer distinções acerca destas noções.

Para Bartlett, “esquema sugere uma organização ativa de reações ou experiências do passado, que devem estar sempre operando em qualquer resposta orgânica bem adaptada” (Bartlett, 1932, p.201). Na sua concepção, a apreensão do mundo (ou do texto, no nosso caso) só é possível a partir de experiências subjetivas (conhecimentos anteriores) vivenciadas pelo indivíduo. À medida que interage com o meio, o indivíduo vai percebendo que determinadas experiências (do presente) apresentam características comuns com outras (do passado), e então estas são chamadas a auxiliar na decodificação daquelas. Uma interpretação bastante didática da teoria dos esquemas é apresentada por Leffa (1996), para quem, “ao iniciar a leitura de um texto, a primeira coisa que o leitor normalmente faz é vasculhar a memória em busca de um esquema onde ele possa fixar as informações do texto” (p.38). Para exemplificar, Leffa cita, entre outros exemplos, títulos de artigos e manchetes de jornais (que serão discutidas nos capítulos posteriores deste trabalho, quando introduzirmos a noção de *macroestrutura* a partir dos estudos de Van Dijk). Títulos e manchetes têm alta capacidade de evocação mental, despertando, na maioria das vezes, associações (esquemas) que permitem inferências e possibilitam de imediato uma idéia geral do assunto tratado pelo texto. Assim,

<sup>1</sup> Para uma compreensão melhor de *inferência*, especialmente no que se refere à economia textual, ou seja, às pistas que permitem recuperar os implícitos e preencher lacunas que poupam o texto de ficar longo demais, ver Kleiman (1992, capítulo 3) e Trevisan (1991, capítulo 3).

<sup>2</sup> Breve consideração sobre as diferentes denominações para o conjunto de conhecimento de mundo reativado na construção do discurso é feita por Trevisan (1991, capítulo 2), onde ela discorre acerca dos modelos cognitivos nas concepções de Beaugrande (1980), Beaugrande e Dressier (1981), Brown e Yule (1983), Rumelhart (1980), Frederiksen (1986) e Van Dijk (1980a). Para uma exemplificação melhor das diferenças entre os conceitos, ela cita a dissertação de mestrado de Garrafa (1987). Van Dijk, nas obras consultadas para este trabalho, não se preocupa em estabelecer distinções, mas informa, em Van Dijk (1999, p.98), que os diversos conceitos têm sido discutidos por Minsky (1975), Charniak (1972), Bobrow e Collins (1975), Schank e Abelson (1977) e Goffman (1974).

na manchete “Polícia invade prédio em Porto Alegre”, um breve levantamento inferencial permite deduzir, pela ativação de esquemas anteriores sobre “polícia e suas ações”, que:

- 1 – Polícias existem para manter a lei;
- 2 – Polícias perseguem bandidos, que cometem crimes e violam a lei;
- 3 – Polícias estão autorizadas a invadir prédios para perseguir bandidos que ocupem ou se escondam nesses prédios;
- 4 – Possivelmente a matéria trate de uma ação policial que resultou na perseguição de bandidos que ocuparam um prédio na capital gaúcha.

Estas são só parte das inferências possíveis evocadas pela manchete do exemplo. Muitas outras ainda podem ser ativadas, algumas contrariando totalmente a lógica traçada, já que o processo de compreensão envolve também crenças, opiniões e expectativas, entre outros fatores, de cada leitor. Quem tem concepção diferente sobre polícia, atribuindo a ela papel repressivo, por exemplo, pode muito bem presumir que os policiais, ao ocupar o prédio, terão desrespeitado privacidades ou reprimido manifestação de cidadãos em busca de seus direitos.

Outra possibilidade nos é fornecida pelo contexto (fator que exerce grande influência na ativação de esquemas) da situação. Vamos supor que, nos dias anteriores ao da invasão do prédio pelos policiais, estivessem em discussão os baixos salários da categoria e a crise de moradia que afetava praças e sargentos; que um prédio financiado pelo Sistema Financeiro de Habitação estivesse desocupado em Porto Alegre, devido ao alto valor das prestações (e que se soubesse disso por notícias anteriores veiculadas pelos jornais): seria muito natural supor que os policiais tivessem invadido o prédio para morar.

A ativação de esquemas compreende, então, uma série de fatores que direcionam para uma ou outra interpretação ainda antes que o texto seja lido. Pode ocorrer que a informação que sucede o título conduza para um caminho contrário às expectativas inicialmente ativadas pelo leitor. Neste caso, terá ele que achar novas pistas que lhe permitam acionar um novo esquema.

#### 2.1.1.2. Uma teoria dos modelos cognitivos

Como este trabalho não tem por objetivo fazer um apanhado das diversas propostas teóricas úteis à atividade de leitura, nos limitaremos aqui a uma breve descrição do processamento estratégico do discurso através de modelos na memória proposto por Van Dijk e Kintsch (1983)<sup>3</sup>, que tem sua origem em Bartlett. Nós o julgamos mais oportuno para explicar a compreensão do texto jornalístico, que é o que nos interessa.

A partir dos exemplos apresentados com a simulação da manchete sobre a polícia, percebemos que os usuários da língua, mal entram em contato com o texto, não se limitam a uma representação mental parcial, mas iniciam uma tentativa de antecipar de que ele trata, quem são as pessoas envolvidas, atos, eventos ou estado de coisas a que o texto ou o falante se referem. E, para isso, utilizam o conhecimento pessoal existente sobre sujeitos, ações e mesmo situações vivenciadas ou presenciadas anteriormente. Tentam, enfim, construir um *modelo da situação* (MS) sobre a qual o discurso versa, e isso a partir de modelos anteriores sobre situações similares. Assim, se deduzo que a polícia entrou no prédio para perseguir bandidos, é porque um de meus modelos situacionais está a dizer que esta é uma prática possível (ou mesmo corriqueira) no espaço conceitual em que se movimentam bandidos e policiais. A recordação de um modelo anterior, portanto, contribui para atualizar o novo, que por sua vez também acrescentará algo ao conhecimento pessoal.

Com ligeiras variações, a grande maioria das pessoas que lerem a manchete do exemplo derivará uma construção semelhante na memória, por se tratar de acontecimento de domínio social, que faz parte do mundo em que vivemos. O conjunto de eventos ou situações estereotípicas ou prototípicas, como ações policiais ou atos mais simples, como “tomar café”, “ir trabalhar”, “dar aula”, “comer no restaurante”, “fazer compras no supermercado”, “dar ou participar de uma festa”, está, segundo Van Dijk e Kintsch, armazenado na memória de longo prazo (MLP), mais precisamente numa derivação dela, denominada memória semântica (MS) ou social. Ainda dentro da MLP, os autores distinguem a memória episódica (ME), que cuida do mesmo tipo de modelos, mas de forma mais personalizada, ou seja, com o acréscimo dos traços acidentais, detalhes ou impressões particulares das situações que presenciamos, sobre as quais lemos ou de que ouvimos falar. Assim, quando leio no jornal matéria sobre golpe militar, não ativo somente a representação geral que me dá conta da deposição de um presidente para a posse de um general, mas posso evocar também tanques nas ruas,

---

<sup>3</sup> Ver também Van Dijk (1999, p.158-181)

resistências, prisões e mortes, evocando golpes anteriores, seja no Brasil, Chile, Argentina ou qualquer outro lugar do planeta.

A ME ajuda a entender a subjetividade dos modelos. Quando presenciamos algum acontecimento ou lemos a seu respeito, nem sempre fazemos a mesma interpretação. Os detalhes que, para um receptor, são importantes, podem não ser para outros. Assim, no exemplo citado sobre golpe militar, os elementos evocados dando conta de aspectos negativos envolvendo o episódio podem passar despercebidos para alguns, ou ser considerados justificáveis em nome de uma causa maior. “Do mesmo modo, opiniões pessoais, baseadas em atitudes, normas, valores ou ideologias<sup>4</sup> mais gerais na memória social (enquanto grupalmente baseada) podem ser associadas com os eventos de que trata o texto” (Van Dijk, 1999, p.164).

Tanto a ME quanto a MS contribuem de maneira eficaz para o processamento estratégico do discurso, com a ativação de modelos pré-existentes na memória; um novo modelo é construído, então, a partir das representações textuais (RTs) derivadas do texto. As RTs são as informações que vamos retirando do enunciado durante a leitura, na medida em que fazemos o reconhecimento semântico do léxico e realizamos combinações de palavras de acordo com uma lógica sintática conhecida, com o objetivo de derivar significados oracionais e organizar proposições. Nesta etapa do processo, é importante o papel da memória de curto prazo (MCP), que atua basicamente no nível externo (do texto), enviando para a MLP<sup>5</sup>, ou simplesmente descartando toda informação que já não se faz necessária para a compreensão local imediata do texto. Como a MCP tem capacidade de armazenamento limitada, não pode armazenar todas as palavras e cláusulas e, em consequência, todas as proposições.

Conforme Van Dijk (1999, p.170), “um sistema de controle global monitora esse fluxo de informação entre a memória de curto prazo e a de longo prazo, e controla a ativação e aplicação de modelos episódicos e *scripts* de memória social”. É esse processo que nos permite compreender o discurso e, de certa forma, compreender o mundo, já que “o objetivo da compreensão, neste quadro, deixa de ser apenas a construção de uma representação semântica de uma sentença ou discurso, para se tornar também a construção de modelos

<sup>4</sup> Sobre a formação de ideologias a partir das representações sociais, ver Gadet & Hak (1990) e Bakhtin (1992).

<sup>5</sup> Kato (1986) sugere aqui a inserção de uma memória intermediária, a memória de médio termo, a quem caberia a armazenagem dos significados proposicionais ou mesmo de conjuntos de proposições que vão sendo extraídos do texto.

novos ou atualizados” (p.175). Segundo Van Dijk, “se podemos ‘imaginar’ sobre o que um texto fala, ou seja, se podemos construir um modelo possível, então dizemos que ‘entendemos’ o discurso” (p.175).

### 2.1.2. Pressupostos contextuais

Os pressupostos contextuais não podem ser ignorados num ato conversacional. Tanto emissor quanto receptor têm motivações, propósitos ou intenções ao entrar em uma interação verbal: assim como o autor pode canalizar seu discurso de modo a contemplar uma intenção, o leitor pode construir um significado que diga respeito aos seus interesses e objetivos. Assim, a simples informação sobre uma mudança na política econômica, por exemplo, pode ser interpretada como bom indício de desenvolvimento da nação ou como alerta capaz de abortar um negócio ou movimentação financeira. Tanto uma quanto outra reação podem não ter sido previstas pelo autor da informação; no caso da informação jornalística para público amplo, diversificado e disperso, a regra é a indeterminação ou desconhecimento desses efeitos particulares.

O que se pretende com o ato comunicativo e os resultados alcançados com ele são melhor explicados pelos *princípios cooperativos* de Grice (1975) e a *teoria dos atos de fala* de Austin (1990). Van Dijk (1999) chama a atenção para a necessidade de se estar consciente, primeiro, do contexto social mais geral onde a interação se realiza e das propriedades reais dos participantes no discurso. Daí, é possível passar às funções pragmáticas pretendidas, com base nos atos sociais, ou atos de fala, envolvidos na interação comunicacional. Assim, a mesma informação da mudança na política econômica do governo, às vésperas de uma eleição presidencial, pode levar a crer que se trata de uma manobra do presidente para tentar iludir o eleitor, se ele é candidato à reeleição. O anúncio, se feito em outro momento, certamente produziria efeito diferente, mais simpático à proposta apresentada.

Fatores como estes são decisivos na construção do sentido e podem determinar também a continuidade ou não do processo comunicativo. À medida que ativamente interpretamos as ações do locutor, somos mais facilmente levados a abandonar a leitura, se não cremos naquilo que está sendo dito.

### 2.1.3. As estruturas textuais

Equacionadas as etapas que nos dão conta (a) do conhecimento prévio, (b) da maneira como ele é ativado para ajudar no processamento discursivo e (c) do papel dos pressupostos contextuais na construção do sentido, o próximo passo é compreender as propriedades estruturais do texto e as estratégias utilizadas pelos leitores para derivar uma representação coerente daquilo que leram.

De acordo com o que defende Van Dijk (1990), a distribuição das informações no texto exerce importância indiscutível não só para a compreensão do discurso jornalístico mas também para a sua posterior evocação. Não é nossa intenção ainda falar das características estruturais da notícia, mas apenas mostrar como, de maneira geral, operações micro, macro e superestruturais atuam na construção da coerência local e global do discurso.

É sabido que essas operações não ocorrem de maneira isolada ou em momentos diferentes em cada um dos níveis citados, mas atuam ao mesmo tempo, a fim de se encontrar uma representação textual o mais breve possível. Para melhor sistematizar a explanação sobre o papel das estruturas na construção discursiva, faremos uma análise seqüencial ou sucessiva: partiremos daquilo que Van Dijk (1989, 1990) e Van Dijk e Kintsch (1983) denominam estrutura esquemática do texto, a *superestrutura*, passando, a seguir, para a *microestrutura*, responsável pelas relações de significado em nível local ou sentencial, e, após, para a *macroestrutura*, que, a partir da derivação e sumarização das proposições, define a temática geral ou o sentido global do texto.

Antes, porém, queremos salientar que estamos trabalhando apenas no plano semântico do discurso. As relações em outros níveis serão citadas aqui na medida em que forem necessárias para explicar o significado.

#### 2.1.3.1. A superestrutura

Ao falarmos em *esquema*, anteriormente, nos referíamos às associações cognitivas que fazemos ao entrar em contato com as primeiras informações do texto, ou seja, às evocações imediatas que trazemos à mente, proporcionadas pelo conteúdo semântico das palavras ou

proposições introdutórias do discurso em questão. Dissemos que uma palavra como *policia*, por exemplo, ativa um esquema mental de informações relacionadas ao espaço conceitual a que pertencem policiais e suas ações. Agora, quando falarmos de *esquema*, continuaremos levando isso em consideração; não estaremos mais, no entanto, nos reportando aos esquemas mentais e sim ao esquema como estrutura, configuração do texto, forma à qual o discurso se adapta.

Van Dijk e Kintsch (1983) e Van Dijk (1989, 1990) denominam *superestrutura* a estrutura global que caracteriza o tipo de texto, independentemente de seu conteúdo. A superestrutura é, grosso modo, como um gênero textual; e gêneros diferentes, por terem funções específicas, têm características estruturais diferentes. A conformação discursiva, por exemplo, de um texto dissertativo (figura 1), que se caracteriza pela exposição imediata e argumentação ou defesa de uma idéia-núcleo, difere muito da de um texto narrativo (figura 2), cuja preocupação, ao menos aparente, é relatar um episódio real ou fictício. Na narração, a argumentação explícita inexistente, e o tema é apresentado aos poucos ou induzido dos acontecimentos.

Van Dijk (1989) defende que as superestruturas se fundamentam nas estruturas pragmáticas dos discursos. Logo, pode-se dizer que elas “não são arbitrárias, mas refletem determinadas funções cognitivas, pragmáticas ou sociais da comunicação textual” (p.152).

Assim como os esquemas mentais, o esquema estrutural de formato do texto contribui para a construção do processo discursivo e ajuda a determinar, ou ao menos direcionar, os esquemas semânticos que trazemos à mente, já que textos diferentes despertam expectativas diferentes no leitor (Solé, 1998). Quem lê, por exemplo, um texto científico, tem expectativas e objetivos diferentes de quem lê uma receita de bolo ou uma peça de teatro e, certamente, vai canalizar seus esquemas mentais para diferentes direções.

As superestruturas, então, assim como as macroestruturas, “formam planos cognitivos imprescindíveis para a estrutura das intenções de significado” (Van Dijk, 1989, p.222), determinando também os objetivos da leitura, uma vez que, informados sobre a superestrutura, saberemos, ao menos em parte, quais as intenções do texto e se elas estão de acordo com os nossos objetivos para a ocasião. Compreendemos e recordamos muito melhor

textos que têm a ver com um objetivo específico, que nos direcionam a informação para determinado propósito (Kleiman, 1992).

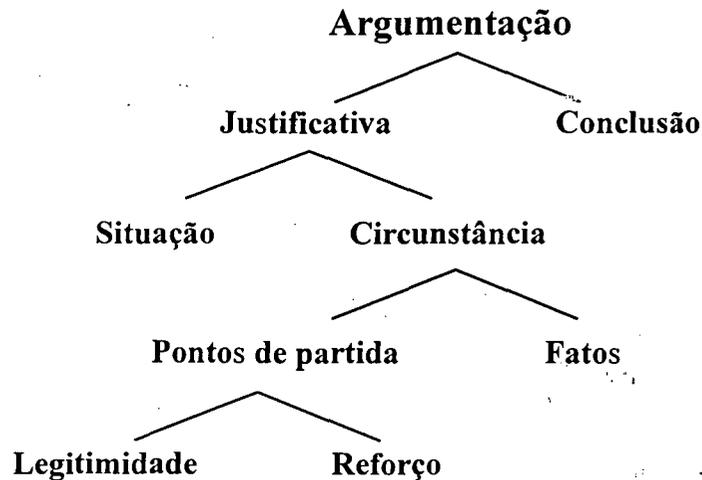


Fig. 1: Representação esquemática da argumentação (Van Dijk, 1989, p.160)

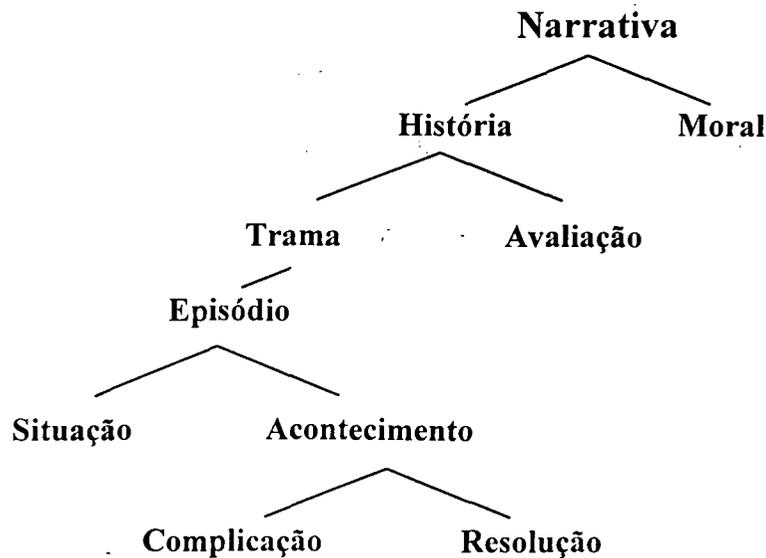


Fig. 2: Representação esquemática da narrativa (Van Dijk, 1989, p.156)

A superestrutura existe independentemente do conteúdo semântico. Como diz Van Dijk (1999, p.30), ela “fornece a sintaxe completa para o significado global”, contribuindo não só para ativar os esquemas cognitivos, mas também para visualizar a função comunicativa (pragmática) desse conteúdo. Por isso mesmo, conhecer as estruturas convencionais dos diversos tipos de discurso é fundamental, pois, de acordo com Van Dijk (1989), seria pouco útil conhecer as regras gramaticais sem conhecer as estruturais: “De pouco adianta conhecer

as regras da gramática, se não sabemos reproduzir os acontecimentos cotidianos com uma narração correta ou não podemos compreender o que os outros nos contam” (p.143).

Ainda segundo Van Dijk, “tanto as superestruturas quanto as macroestruturas têm uma propriedade comum. Não se definem com relação a orações ou seqüências isoladas de um texto, mas para o texto em seu conjunto ou para determinados fragmentos deste” (p.142), e isso particularmente nos interessará quando, mais adiante, tratarmos da superestrutura da notícia.

### 2.1.3.2. A microestrutura

Desde o início temos defendido que, tão logo possível, o leitor buscará um sentido para o enunciado. O processamento do discurso começa já no contato com a primeira palavra e a ativação de uma base esquemática cognitiva onde sua representação textual possa se apoiar. Daí, a prioridade é derivar o quanto antes um sentido global para o texto, a fim de se estabelecer uma temática geral e extrair uma conclusão. Mas, para chegar a isso, o leitor terá que, primeiro, percorrer um caminho eivado de proposições, cada uma com um sentido próprio, e buscar a relação entre elas, visando alcançar seu objetivo. É somente com base no significado das proposições que será possível ao leitor construir o sentido global do texto.

A essa operação que passa da palavra à construção do significado da proposição e daí para a relação de pares coerentes de orações é que Van Dijk (1989, 1990, 1999) denomina estratégia microestrutural do discurso. A microestrutura cuida da coerência local, da estrutura de superfície do texto - enfim, das relações sintáticas e mesmo semânticas e pragmáticas que vão sendo processadas na MCP, encarregada de extrair do texto e enviar à MLP as informações que realmente resultarem importantes. Ao final da operação, já não nos lembraremos da ordem das palavras e não conseguiremos reproduzir a sentença original, mas a informação essencial, aquela de que precisamos para a construção da macroestrutura semântica, estará armazenada na memória, formando, com o sentido de outras sentenças, o todo de que precisamos para compreender o texto.

Durante o processamento microestrutural, ativamos uma série de princípios e regras (ver Kleiman, 1992, e Charolles, 1988)<sup>6</sup>, tanto na produção quanto na compreensão do discurso. O objetivo é reduzir ao mínimo possível o número de elementos do texto, a fim de que ele não fique longo demais e mesmo assim proporcione a coerência desejada. Para que isso seja alcançado é que recorremos às pressuposições, inferências, implicaturas e outras informações extratextuais que nos permitem construir um discurso aceitável e eficaz.

Para ficar mais claro o que estamos dizendo, tomemos o seguinte exemplo de Van Dijk (1999, p.43):

- (1) a. No próximo mês, estaremos em Berkeley.  
b. Permaneceremos com amigos

Aqui não só as pistas coesivas, de retomada da pessoa do discurso e do tempo da ação, nos permitem estabelecer a coerência entre as proposições, mas a própria ordem das sentenças estabelece uma progressão discursiva, que leva à dedução de que os amigos de que estamos falando vivem ou estarão em Berkeley e que é lá que permaneceremos com eles. Embora as sentenças não me tenham dito isso explicitamente, não foi difícil inferir que este foi o pensamento que o autor quis expressar.

Os usuários da língua, procuram, então, “de maneira eficiente, pelas possíveis ligações entre os fatos denotados pelas proposições” (p.28), estabelecer a coerência o mais rapidamente possível, pelas pistas explícitas ou implícitas que lhes são fornecidas. Isso porque eles sabem que um discurso não deve ser só um conjunto de sentenças, mas um conjunto de sentenças sequencialmente ordenadas, que devem satisfazer as condições de coerência que procuramos e geralmente sabemos reconhecer, graças não só ao nosso conhecimento

---

<sup>6</sup> Kleiman (1992) estabelece os seguintes princípios: da *economia* ou *parcimônia*, que, usando de regras da *recorrência* (mediante mecanismos de repetições, substituições, pronominalizações, uso de dêiticos e de frases definidas) e da *continuidade temática* (que regula os comportamentos automáticos na procura de ligações no texto), permite a redução do número de palavras do texto; da *canonicidade*, que, através das regras da *linearidade* e da *distância mínima*, ajuda a construir os laços coesivos e a desfazer ambigüidades; e o princípio da *relevância*, que, pela regra da *não contradição*, permite escolher, entre informações conflitantes, a mais coerente. Charolles (1988) trabalha com quatro metarregras: *repetição* (semelhante à regra da recorrência), *progressão* (que prima pela continuidade temática com o acréscimo constante de informações novas), *não contradição* (semelhante à regra da não contradição) e *relação* (semelhante ao princípio da relevância).

lingüístico, mas também ao conhecimento de mundo já citado aqui e que retomamos com os seguintes exemplos, também de Van Dijk (1999, p. 44-45):

- (2) a. Nós fomos a um restaurante caro.  
b. João pediu truta com amêndoas.
- (3) a. Nós fomos a um restaurante caro.  
b. João pediu um Chevrolet grande.

Na seqüência (2), não há dúvida. Nosso conhecimento de mundo permite rapidamente inferir que truta com amêndoas é um prato caro e que o pedido de João foi feito no restaurante, onde João supostamente foi para comer. Quanto à seqüência (3), ela, a princípio, nos parece estranha e até inaceitável, já que em restaurantes não se servem Chevrolets. Mas a compreensão pode ser restaurada se mais informações do texto estiverem a dizer ou circunstâncias permitirem concluir que João é louco ou está tentando ser engraçado<sup>7</sup>, ou então, se deduzirmos ou mesmo formos informados, na seqüência do texto, que João chamou um táxi grande ou alugou uma limusine para levá-los ao restaurante. Aí o exemplo (3) será coerente e fará sentido, uma vez que a semântica funcional, da qual estamos tratando aqui, defende que “um texto é coerente se descreve fatos conhecidos ou que se acreditam relacionados” (Van Dijk, 1999, p.186).

Mais esses exemplos levam a concluir que “a base para avaliar a coerência do discurso não são os significados das palavras individuais ou referentes, mas, precisamente, o conjunto das proposições, quando elas relatam fatos” (Van Dijk, 1999, p. 46). Logo, a coerência deve ser conjuntamente determinada de um ponto de vista local e global. É essencialmente sobre a coerência global do discurso que trataremos a seguir.

<sup>7</sup> A *lógica da conversação*, formulada por Grice (1975), defende que, ao se comunicarem, as pessoas estabelecem princípios cooperativos, ou seja, buscam um sentido mesmo para as colocações que, a princípio, pareçam absurdas, sem relação nenhuma com o que está sendo dito. No exemplo (3), o emissor teria ferido a máxima da relevância, ao introduzir uma segunda oração que parece não ter relação com a primeira, mas se “o escritor disse/escreveu *p*”, tudo indica que ele deve estar observando o Princípio da Cooperação; de fato, ele não poderia ter dito/escrito *p* a não ser que quisesse dizer *q*; ele sabe (e sabe que eu sei que ele sabe) que eu tenho a capacidade de perceber a hipótese de que ele acha que *q* é necessário para que *p* seja coerente: ele não fez nada para evitar que eu pense que *q*; ele quer que eu pense, ou pelo menos quer me dar a possibilidade de pensar que *q*; e, portanto, o que ele quer dizer é *q*” (Grice, in Meurer & Motta-Roth, 1977, p. 77).

### 2.1.3.3. A macroestrutura e a coerência global do discurso

Além da estrutura semântica local, microestrutural, o discurso também tem uma estrutura semântica global ou macroestrutura. Enquanto que a superestrutura, vista anteriormente, caracteriza o tipo, o formato, a sintaxe do texto, independentemente do seu conteúdo, é justamente para o conteúdo semântico que a macroestrutura se volta. Mas não para as relações de significado da superfície do texto. Aqui o que interessa é o todo, o resultado final das relações proposicionais, a estrutura temático-semântica global do texto.

A macroestrutura é a informação semântica que fornece unidade ao discurso. Daí dizer que ela define a sua coerência global, sem a qual não haveria controle sobre as conexões locais e seqüenciações. A coerência local, por si só, não assegura unidade global ao discurso. Mesmo que eu tenha sentenças coesas, corretamente conectadas, isso não significa que terei um enunciado coerente, conforme podemos verificar neste exemplo de Van Dijk (1999, p. 51):

- (4) Esta manhã eu tive uma dor de dente  
 Eu fui ao dentista  
 O dentista tem um carro grande  
 O carro foi comprado em Nova York  
 Nova York teve sérios problemas financeiros.

Embora estejam relacionados localmente, os fatos não estão relacionados a uma questão central ou tópico. O mesmo, porém, não ocorre no seguinte poema de Mário de Andrade, cujos versos não apresentam uma conexão local aparente, mas que se mostra coerente em nível global, com uma temática geral que poderia expressar a riqueza:

- (5) Num automóvel de luxo,  
 Sessenta vezes por mês  
 Bem barbeado, bom charuto  
 Rei dos reis...

A coerência global de um discurso não se mede, então, pela soma dos graus de conexão entre as sentenças, mas pela ativação intuitiva de operações estratégicas que "selecionam.

reduzem, generalizam e (re-)constroem proposições em outras proposições menores, mais gerais ou mais particulares” (Van Dijk, 1999, p. 51). A essas operações é que Van Dijk denomina macrorregras. As macrorregras podem ser definidas como regras de interpretação semântica que resumem a informação, eliminando proposições de relevância exclusivamente local, desnecessárias para a compreensão do resto do discurso ou para o seu sentido global, e agrupando determinadas seqüências de proposições em macroproposições. Assim, uma seqüência de proposições como:

- (6) (a) João deixou o prédio correndo
- (b) João seguiu direto para a rua
- (c) João não olhou para os lados
- (d) Um Kadett e um Escort vinham em sua direção
- (e) João foi colhido pelo Kadett
- (f) João ficou estirado no asfalto

poderia ser resumidamente expressa pela seguinte macroproposição: “*João foi atropelado*”. Isso, graças à ativação das macrorregras, que assim são estabelecidas por Van Dijk (1989, p. 199):

I **Omissão** – Omitem-se todas as proposições que o falante não considera importantes, ou seja, desnecessárias para a interpretação das proposições seguintes. (Na seqüência por nós formulada poderíamos ficar apenas com a proposição (e), apagando todas as outras).

II **Generalização** – Toda a seqüência de proposições em que aparecem conceitos abarcados por um superconceito comum, se substitui por uma proposição ou termo com este superconceito. (Assim, quando dissemos que um Kadett e um Escort iam em direção de João, mentalizamos que **automóveis** iam em sua direção).

III **Construção** – Toda seqüência de proposições que indica requisitos normais, componentes, conseqüências, propriedades, etc., de uma circunstância mais global, se substitui por uma proposição que designe esta circunstância global. (Daí, dizer que “João foi atropelado”).

Com a aplicação das macrorregras, os falantes basicamente extraem os temas de cada parágrafo ou episódio e são levados a guardar apenas as informações necessárias para reconstruir a mensagem. Um episódio pode ser definido como uma unidade semântica, “a parte de um todo, com começo e fim” (Van Dijk, 1999, p. 102). Ao processar o texto, pode-se dizer que o leitor vai, inconscientemente, extraíndo a macroproposição de cada episódio; é

importante lembrar; porém, que, dentro de um episódio mais geral, pode haver uma série de pequenos episódios, que, durante o processamento do texto, vão sendo paulatinamente apagados, incorporados pelo mais geral. Daí dizer que as macrorregras são recursivas, sendo aplicadas novamente a cada nível mais alto do texto. Para visualizar melhor o que ocorre, vejamos a figura a seguir, que expressa a representação esquemática da macroestrutura semântica do texto.

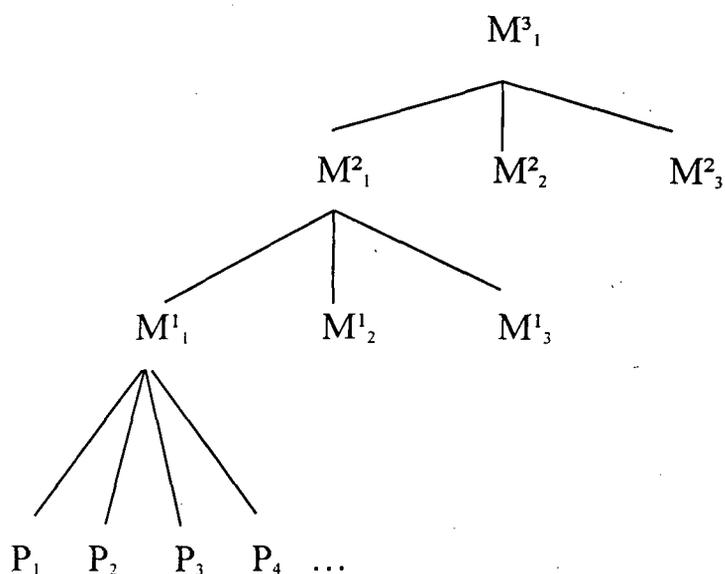


Fig. 3: Representação esquemática da macroestrutura semântica de um texto (Van Dijk, 1990, p. 57)

Uma seqüência de episódios pode ser resumida, então, por algumas macroproposições. Na seqüência, essas macroproposições podem ser resumidas pela reaplicação das macrorregras, até que se alcance o nível mais alto do texto, que será resumido em sua totalidade por uma, duas ou três macroproposições gerais. Assim chega-se à macroestrutura, que define a organização temática do enunciado e também sua coerência global. Os temas que resultam deste processo é que “garantem que um texto ou fala tenha uma unidade semântica” (Van Dijk, 1990, p. 57).

#### 2.1.3.3.1. *A subjetividade das macroestruturas*

Embora não entraremos em detalhes aqui, é preciso reconhecer que o processo de construção do texto é subjetivo, permitindo ao leitor construir sua própria macroestrutura.

Desta forma, não se pode dizer que os discursos em geral têm uma macroestrutura única e definitiva. Isto pode até ter sido pensado pelo falante, mas nada garante que, durante o processo de compreensão, o leitor não construa a sua própria representação textual, de acordo com os temas que lhe pareçam mais importantes ou relevantes<sup>8</sup>. Quando lemos um romance, um conto ou vemos um filme, temos diferentes expectativas e interesses e daí é natural que episódios que comovem a uns possam não despertar a atenção de outros receptores.

#### 2.1.3.3.2. *Macroestratégias de processamento do texto*

Poderíamos dizer que, para construir a macroestrutura em sua totalidade, necessitamos primeiro desvendar o sentido de cada uma das proposições do texto e procurar a relação entre elas. Nesse processo, as informações importantes para o significado global que buscamos vão sendo processadas pela MCP e enviadas à MLP, sob a forma de macroproposições, pela aplicação inconsciente das macrorregras. No final, o que resultará é a macroestrutura do discurso.

Porém, vimos que, tão logo possível, sem esperar pela leitura completa do texto ou mesmo de um número considerável de sentenças, o leitor procurará chegar a uma interpretação, presumindo o significado global do enunciado, ou, senão isso, pelo menos o assunto, o tema, o tópico do discurso. E ele tem meios para isso: informações geralmente lhe são fornecidas por pistas que constam da maioria dos textos ou do contexto, tais como títulos, sumários, resumos críticos, bibliografias, *trailers* ou mesmo proposições iniciais que resumem o enunciado ou revelam o tópico mais importante, como é o caso da notícia.

Essas informações estratégicas são importantes para a ativação de modelos pré-existentes na memória, tornando presentes *frames* e *scripts*, ou seja, esquemas que nos permitem construir um modelo provisório de compreensão, dentro do qual organizaremos a nova representação textual. As informações pré-existentes, resultantes de nosso conhecimento de mundo, possibilitam inferências mais precisas, que, associadas ao conteúdo textual e

---

<sup>8</sup> Sperber & Wilson (1986) dizem que, durante o processo cognitivo, direcionamos nosso olhar e nossa audição ao que nos é relevante. E uma suposição é relevante quando nos diz respeito e na medida em que ela interage com o seu contexto, ou seja, na medida em que há uma interação entre a informação nova (do enunciado) e a informação antiga (de nosso contexto enciclopédico).

contextual, ainda que incompletas, conduzem e agilizam a interpretação de acordo com uma lógica formulada mentalmente.

Pode-se dizer, então, que a macroestrutura, ou ao menos uma estrutura semântica global provisória - que poderíamos chamar de macroproposição inicial -, é apressadamente construída pelo leitor, a partir das informações-chaves que o texto e o contexto lhe dão. Esta macroproposição possibilita não só constituir um significado ou tema provisório para o discurso, como também guia a atenção do leitor por uma linha de coerência global. “O tema atua como uma instância de controle principal sobre a posterior interpretação do resto do texto” (Van Dijk, 1990, p. 59), facilitando a interpretação das palavras e sentenças e tornando mais perceptíveis as associações dos detalhes secundários com o conteúdo central. Quanto mais visíveis forem as relações entre as proposições, menos tempo se usará para a compreensão global do texto e maior será o número de informações retidas pela memória. A capacidade de armazenamento dos falantes é limitada e, durante a fala ou leitura de um texto, muitas informações se perdem, não chegando à MLP; no entanto, esta perda será menor quanto maior for o grau de coerência macroestrutural. De acordo com Van Dijk (1989, p. 184),

só somos capazes de reter na memória a enorme quantidade de informação sobre circunstâncias gerais e particulares que necessitamos para nosso ‘funcionamento’ cognitivo e social se as informações estão mais ou menos eficazmente estruturadas.

Van Dijk mede o valor estrutural das proposições pelo número de relações que elas guardam entre si, enfatizando que “quanto mais relações estruturais possui uma proposição na memória, mais rápido poderá encontrar-se e reproduzir-se” (p. 216). E essas relações, responsáveis pela coerência macroestrutural do discurso, são facilmente alcançadas e sintetizadas com o auxílio das macrorregras.

## 2.2. A ESTRUTURA DA NOTÍCIA

A idéia de que o leitor opera com um processamento estratégico do discurso, buscando não só a coerência local, mas, tão logo possível, um sentido global para o texto, é fundamental para compreender o porquê da estrutura da notícia, tanto no que se refere à organização esquemática quanto ao conteúdo semântico. Se a distribuição das informações ocorre obedecendo a uma configuração textual e de acordo com uma lógica bem definida, não é por

questão de estilo ou de preferência, mas para atender a motivações cognitivas. São elas que determinam a superestrutura e a macroestrutura do texto jornalístico, sobre as quais trata o presente capítulo.

Antes, porém, convém restringir a noção de notícia.

### 2.2.1. Delimitação de notícia

A notícia, em sentido amplo, é freqüentemente tomada como toda e qualquer informação nova, bem como toda e qualquer matéria veiculada pelos meios de comunicação, sejam relatos de acontecimentos, comentários, opiniões, desde que expressem algum tipo de novidade e despertem interesse público, sem nítida intenção publicitária.

Neste caso particular, interessa-nos a notícia compreendida como um dos gêneros básicos do jornalismo, essencialmente informativa, e definida por Lage (2000, p. 9) como “o relato de um fato novo, ou de uma série de fatos novos relacionados ao mesmo evento, a partir do aspecto mais relevante”. Lage diferencia *notícia* de *reportagem*, o outro gênero básico do jornalismo, dizendo que, enquanto a notícia relata um fato, a reportagem trata de um assunto, “conforme ângulo preestabelecido” (1985, p. 46). A reportagem, segundo o mesmo autor, obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não. Ela não narra nem argumenta; limita-se à exposição dos fatos e, de preferência, de forma objetiva, porque, segundo Genro Filho (apud Meditsch, 1992, p. 32), “se o leitor se interessa por opinião, pode ler um ensaio, procurar um artigo sobre o tema”, mas o que ele espera de uma notícia é que lhe dê compreensão dos fenômenos tal qual ocorrem.

Sodré & Ferrari (1986, p. 18) observam que um fator determinante para a circulação da notícia é o tempo: “o fato deve ser recente, e o anúncio do fato, imediato”. Este é outro aspecto importante a diferenciar notícia de reportagem. Como a reportagem não prescinde de atualidade, não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia; poderá ser mais rica em detalhes e mais extensa. A atualidade, portanto, é requisito básico para a notícia, porque, como reitera Amaral (1969, p. 60), “a notícia jornalística é a notícia do presente. O passado só lhe interessa como complementação ou como meio de interpretação do fato novo, nunca como informação em si”.

### 2.2.2. A superestrutura da notícia

Os textos não só têm uma estrutura semântica global, mas também uma estrutura esquemática global, denominada superestrutura. Isso ocorre também com as notícias, que, segundo Van Dijk (1989, 1990, 1999), têm a sua própria estrutura formal, na qual o conteúdo global deve ser inserido. Ele observa que o conteúdo semântico pode ser diferente em cada caso, mas o esquema basicamente não muda. As diversas pesquisas realizadas pelo autor levaram-no a concluir que a estrutura esquemática da notícia é de natureza fixa, convencional e apresenta a seguinte configuração:

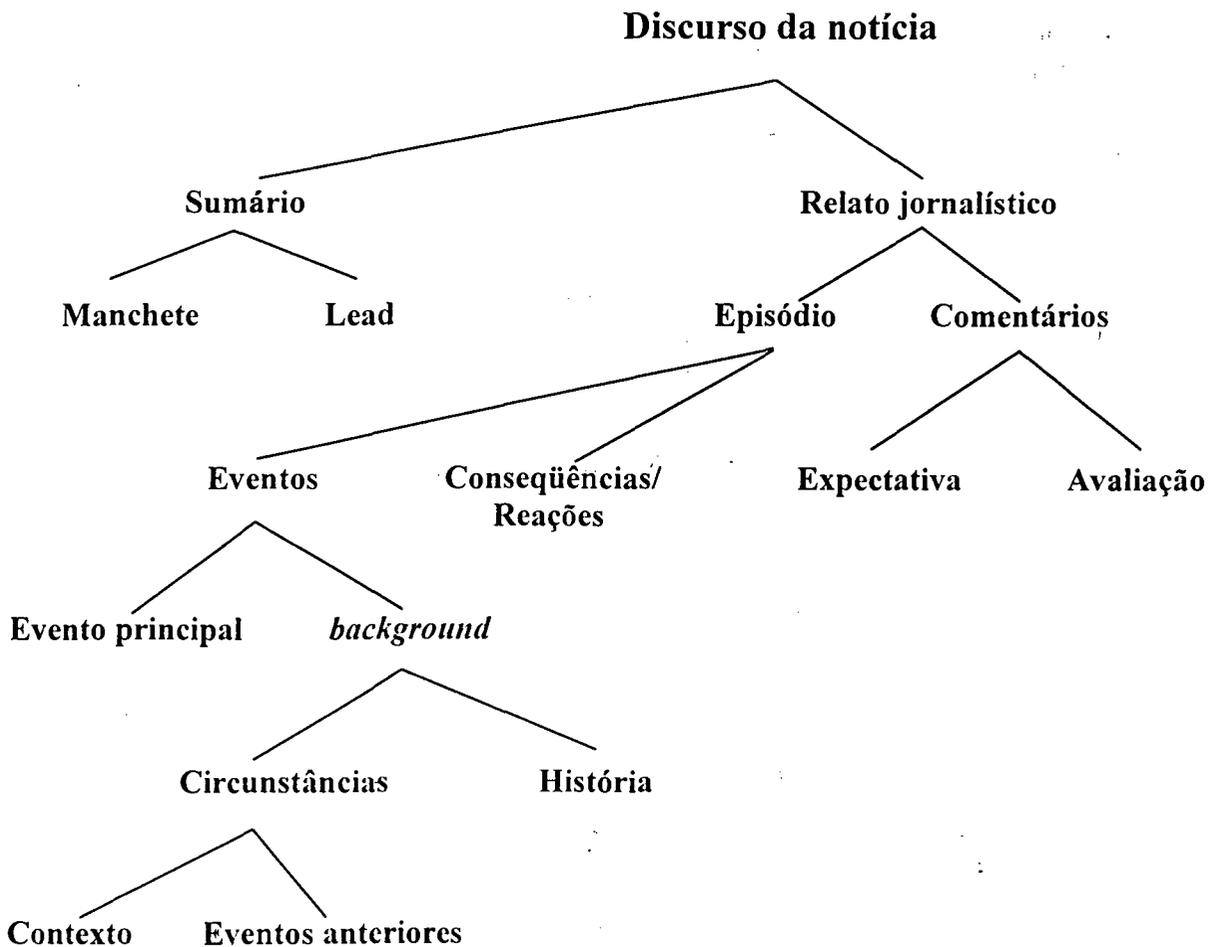


Fig. 4: Esquema do texto noticioso<sup>9</sup> (Van Dijk, 1999, p. 147)

<sup>9</sup> O autor elege para seu *corpus* matérias de jornais que tratam com certa profundidade de séries de eventos, reunindo informações de várias fontes agrupadas segundo critérios lógicos: causa/consequência, evento e circunstâncias etc. São textos do jornalismo europeu, em que a *avaliação*, por exemplo, refletindo perspectiva individual do repórter, é admitida, o que não ocorre, ou ocorre com menos incidência, no jornalismo que segue o modelo americano.

Van Dijk admite que uma ou outra dessas categorias, dependendo da relevância ou importância, pode variar de um relato jornalístico para outro ou mesmo não aparecer, com exceção das chamadas categorias óbvias da notícia, que são o título (também chamado de manchete<sup>10</sup>) e o *lead*. O *lead* corresponde ao primeiro parágrafo da notícia, onde devem constar as informações mais importantes, na concepção do redator e no suposto interesse dos leitores.

Consideradas as categorias que expressam as macroproposições de mais alto nível, o título e o *lead* são elementos consagrados do discurso noticioso, presentes nos textos de jornais do mundo inteiro. No Brasil, este formato difundiu-se a partir da década de 50, com a introdução das “técnicas de redação originalmente desenvolvidas nos Estados Unidos e que já se haviam generalizado nos países desenvolvidos” (Lage, 2000, p. 16). Descontada a manchete, Lage (1985, p. 37) sintetiza essa estrutura com a seguinte fórmula:

$$L_1 + L_2 + E_1 + D_1 + E_2 + D_2 ,$$

onde  $L_1$  representa o *lead*;  $L_2$ , o *sublead* (segundo parágrafo, tipicamente colocado aí no jornalismo brasileiro e correspondendo ao segundo evento em importância);  $E_1$ , o primeiro entretítulo;  $D_1$ , a primeira documentação (relativa ao *lead*  $L_1$ );  $E_2$ , o segundo entretítulo; e  $D_2$ , a segunda documentação (relativa ao *sublead*  $D_2$ ). “Outros leads por acaso incluídos no texto costumam vir em seguida, eventualmente precedidos de entretítulos e acompanhados de suas documentações” (p. 37). Segundo Lage, esta distribuição – uma adaptação da fórmula tópico frasal + documentação, própria do texto expositivo<sup>11</sup> – está mais de acordo com as contingências gráficas dos jornais brasileiros. Ela, contudo, acaba contemplando, senão a totalidade, boa parte dos elementos citados no esquema de Van Dijk, com a ressalva de que alguns deles, como *comentários*, *background* e suas derivações, costumam aparecer em matérias complementares, ao pé da primeira, com títulos próprios. São as chamadas sub-retrancas.

<sup>10</sup> *Manchete*, no jornalismo brasileiro, é mais usada para denominar o título da matéria principal da edição, que aparece em destaque na capa do jornal. Também se usa para o “título de maior destaque (em tamanho e importância jornalística) no alto de cada página de notícias” (Rabaça & Barbosa, 1987, p. 379). Aqui a denominação aplica-se a qualquer título de notícia.

<sup>11</sup> Ver Garcia (1996, p. 201-212).

De qualquer forma, a notícia apresenta um esquema informativo: não só os jornalistas dele se utilizam para passar as informações como os leitores também são guiados pela organização estrutural dos relatos. Segundo Thorndyke (1979), um dos primeiros psicólogos da cognição a pôr à prova hipóteses sobre a organização estrutural das notícias, a forma como o conteúdo semântico é distribuído no texto ajuda a compreensão e permite melhor evocação dos episódios relatados. Isso se deve à lógica macroestrutural da notícia, que prioriza as informações relevantes<sup>12</sup>, conforme veremos na seqüência.

### 2.2.3. A macroestrutura da notícia

A superestrutura desempenha papel fundamental na organização do processo de leitura, compreensão e reprodução do discurso jornalístico, porque organiza a macroestrutura. A macroestrutura é a estrutura temático-semântica global do texto. Ela se encarrega do conteúdo, ou seja, da definição dos temas ou assuntos principais e da sua distribuição ao longo da matéria, primando, sobretudo, pela organização lógica e ordenada das proposições e pela conseqüente coerência do enunciado. Todo texto, independente de tamanho, tem um planejamento macroestrutural. Na hora de dizer alguma coisa, o falante sabe, ainda que implicitamente, qual o conteúdo de sua mensagem e o que pretende com ela. Automaticamente separa o mais importante do menos importante. Prioriza algumas informações, omite outras, por julgá-las desnecessárias ou irrelevantes para a ocasião, e formata seu discurso de acordo com a intenção e o efeito pretendidos com o enunciado. Da mesma forma, pela macroestrutura, pode o leitor deduzir com rapidez o tema central da mensagem, isto é, de que fala o emissor e aonde ele quer chegar com as informações que está passando.

Esse planejamento pragmático tem uma estrutura bem marcada no jornalismo, especialmente no que se refere à elaboração de notícias, que obedecem a um mesmo esquema, tanto em nível macro como superestrutural. Para Van Dijk (1989, 1990 e 1999), o vínculo mais óbvio entre ambas as estruturas é estabelecido nos títulos e no *lead*, conjunto que ele denomina “encabeçamento”. Estas primeiras e bem conhecidas categorias do esquema

---

<sup>12</sup> Nesta seção, não tomamos a relevância na exata concepção de Sperber & Wilson (1986), para quem é relevante tudo aquilo que diz respeito aos interesses das pessoas, conforme seus valores, ideologias ou necessidades circunstanciais. A relevância aqui é tomada de acordo com os princípios da imprensa, que prioriza determinadas informações em detrimento de outras, levando em conta fatores como atualidade e impacto das informações.

aparecem em posição de destaque, no início do texto, e, pelo menos no caso dos títulos, em letra maior, carregando com elas as informações tidas como as mais importantes.

### 2.2.3.1. O princípio da relevância

Títulos e *lead* particularmente nos interessarão aqui não só por serem as categorias óbvias do discurso jornalístico, com forma e posição fixas, mas por carregarem as informações mais importantes. Diferente de outros gêneros do discurso, onde, na maioria das vezes, as primeiras sentenças são apenas introdutórias, a notícia apresenta uma lógica própria, fundamentada no que Van Dijk (1999, p. 123) chama de “estrutura da relevância”. Ao invés da ordem cronológica dos fatos, a notícia prioriza a ordenação por relevância. Os fatos ou informações mais importantes ou interessantes, pelo menos para o emissor e na suposta ótica do receptor, aparecem primeiro, quase sempre de maneira resumida ou breve; detalhes e informações secundárias são deixados para depois e distribuídos hierarquicamente ao longo do texto.

É oportuno observar que, de acordo com sua própria conceituação, a notícia é tida como informação nova. Daí decorre que os eventos mais recentes de qualquer acontecimento tendem a ser considerados também os mais importantes. Essa é uma regra jornalística que se baseia no princípio de atualidade da imprensa; a exceção se aplica a acontecimentos não recentes, mas inéditos, isto é, desconhecidos do público.

A organização estrutural da notícia e os princípios que a norteiam não são autônomos nem arbitrários. Na verdade, são condicionados por várias imposições de produção e uso, em respeito a condições sociais, culturais e cognitivas. Por um lado, os jornalistas deles se utilizam para facilitar a produção das notícias. Por outro, os leitores aprenderam, pelo hábito da leitura de jornais, a encontrar no esquema os sinais de que precisam para uma cognição rápida e eficiente do relato.

### 2.2.3.2. A importância da macroestrutura na compreensão da notícia

Entre os fatores que justificam a lógica de distribuição das informações no texto jornalístico, talvez a mais importante seja justamente a que tem por função “assinalar ao leitor

o que é importante ou relevante” no processo de compreensão, “influindo na representação textual de sua memória episódica” (Van Dijk, 1989, p. 293).

No primeiro contato com o texto, intuitivamente, o leitor busca uma informação que lhe dê idéia do assunto tratado. Assim, as primeiras proposições ou mesmo palavras-chave processadas pelo receptor encarregam-se rapidamente de, com o auxílio da Memória Episódica, estabelecer um contexto. Isto resultará em ativadores de memória: as expectativas e objetivos criados em relação ao texto permitirão a monitoria do processo de compreensão.

Por sua posição estratégica e visibilidade, o título é a primeira categoria da notícia a fornecer o tópico de que o leitor precisa para ativar um esquema mental<sup>13</sup>. A hipótese provisoriamente formulada será confirmada ou redirecionada pelo *lead*, com o fornecimento de novas macroproposições. Juntos, título e *lead* permitirão visualizar a macroestrutura do texto e, portanto, os principais temas de que ele trata. De posse dessas informações, é possível ao leitor compreender superficialmente a notícia; caso prossiga a leitura, terá sua atenção guiada por uma linha de coerência global, com os tópicos de nível superior, derivados do título e *lead*, sendo “usados como mecanismos de monitoração *top down* para a compreensão e organização do resto do texto” (Van Dijk, 1999, p. 143), uma vez que ficará mais perceptível a associação dos detalhes secundários, seja em termos de antecedentes, contexto ou conseqüências, com o conteúdo central.

Van Dijk (1990) observa que títulos e *lead* compensam a grande “desorganização” que o leitor tem que desemaranhar ao longo do artigo. A notícia muitas vezes é constituída por uma série de fatos, alguns mais outros menos importantes, mas todos, de alguma forma, relacionados a um tema principal. Cabe ao leitor buscar esta relação, o que nem sempre é simples frente a grande número de informações expostas de forma atemporal e que saltam de um parágrafo para outro, detalhadas conforme sua importância.

Cada parágrafo da notícia pode ser uma seqüência em relação a um tópico anterior, mas também cada parágrafo pode ter seu tópico original. Uma informação, portanto, pode ser dependente de outra ou complementar. E, em geral, no discurso noticioso, os antecedentes aparecem mais tarde, porque a lógica da notícia funciona basicamente com a exposição das

---

<sup>13</sup> Sobre o processamento do discurso, ver seção 2.1.1.1, que trata da teoria dos esquemas, na concepção de Bartlett (1932).

informações mais recentes, importantes ou interessantes primeiro, relacionando a seguir as secundárias, para somente depois voltar ao detalhamento ou documentação das proposições iniciais - e assim sucessivamente.

Essa lógica, aparentemente confusa, é compensada pela estrutura da notícia, que prioriza uma ou mais macroproposições, destacando-as no título ou ao menos no *lead*, que, aliás, funciona, segundo Lage (2000, p. 2), como um “parágrafo-tópico”. Van Dijk (1989) diz que decifrar estes primeiros elementos do texto pode exigir um tempo extra, mas, uma vez que eles estabelecem uma estrutura de controle, a compreensão do enunciado ficará mais fácil posteriormente.

Além disso, pesquisas realizadas pelo autor (Van Dijk, 1990, p. 228-248) demonstraram que a lógica organizacional da notícia permite melhor evocação dos fatos relatados. Na impossibilidade de guardar todas as informações constantes da matéria, as pessoas tendem a centrar atenção naquelas que lhes são apontadas como mais relevantes, ou seja, que expressam a macroestrutura. Daí porque os estudos sobre evocação dos fatos jornalísticos têm revelado que as informações de nível mais alto (do título e do *lead*) que, de certa forma, sintetizam o enunciado, são recordadas primeiro e melhor; já a maioria dos detalhes não é objeto de evocação posterior.

#### 2.2.3.2.1. *A pré-leitura como processo de leitura da notícia*

Uma técnica comumente usada pelos leitores, quando se trata de jornal, é a da pré-leitura. Como os jornais, geralmente, são extensos e tem grande variedade de assuntos, é comum aos leitores darem uma passada rápida pelas páginas, para depois fazerem a leitura definitiva. A vantagem desse hábito, além de despertar interesse por determinadas matérias, é a de que já permite fazer inferências sobre os temas que serão lidos depois, o que facilitará a compreensão.

Mesmo sem terem conhecimento consciente das estruturas da notícia, sabem os leitores que a informação essencial é, na maioria das vezes, encontrada no título, e só a leitura dele pode ser suficiente para uma compreensão satisfatória do tema do relato, se o restante das informações vier automaticamente pela ativação de esquemas mentais, especialmente de

acontecimentos prévios noticiados em edições anteriores. Quando necessário, ainda nesta etapa, recorre-se ao *lead* para se obter mais informações. Às vezes, a pré-leitura acaba se constituindo na própria leitura do texto, sem necessidade de que o leitor retome a matéria. Van Dijk (1990, p. 204) observa que:

Folhear o jornal é a estratégia efetiva que consiste em uma série de interpretações textuais parciais, que podem resultar suficientes para o processamento informativo global: a informação resultante deste processo se dirige até o processo de decisão que pode levar a uma leitura posterior. (...) O tempo de leitura é tão restrito, que (nos jornais) somente se lê uma seleção de artigos.

A economia de tempo proporcionada ao leitor que está apenas em busca de informações rápidas para se manter atualizado é também algo a ser levado em consideração quando se fala em estrutura da notícia. A leitura parcial do texto jornalístico permite não uma compreensão parcial, mas a apreensão do sentido geral ou relevante do enunciado, com a perda somente de detalhes de nível mais baixo, que não comprometerão o entendimento do relato.

### 2.2.3.3. A importância da macroestrutura na produção da notícia

A estrutura temática (e igualmente a esquemática) da notícia facilita também a sua produção. Ao cobrir um acontecimento, o jornalista geralmente depara-se com uma série de fatos que terá que relatar. A notícia tem que ser feita às pressas e, mais importante, de modo a facilitar a compreensão do leitor, respondendo, se possível, às perguntas que se supõe que ele fará enquanto estiver lendo o texto.

Como o espaço do jornal é limitado, o jornalista terá que promover uma seleção dos fatos. Esse processo inicia-se ainda durante a coleta das informações. Pelo hábito profissional, o repórter vai separando os fatos mais relevantes dos menos relevantes (na sua ótica e na suposta do leitor, é claro) e, na hora de redigir, parte logo para as informações mais importantes, interessantes e/ou recentes.

A sumarização organizada no *lead* facilitará não só o controle semântico durante a leitura, mas também funcionará como guia de controle básico para o jornalista escrever o texto e deduzir o(s) título(s)<sup>14</sup>. As informações do *lead* servem de roteiro para a posterior

---

<sup>14</sup> Ver seção 2.2.4.2.

entrega dos detalhes que complementarão os dados inicialmente apresentados. Isto não só agiliza o processo de construção do texto, como também contribui para organizar “a complexidade por vezes desconcertante dos temas da notícia” (Van Dijk, 1999, p. 152). Van Dijk entende que a forma lógica e ordenada como as informações são distribuídas no texto ajudam o jornalista a perceber melhor a necessidade de documentação complementar ou de *background* sobre um evento da notícia. E essas categorias complementares da informação já estão previstas no esquema superestrutural do texto jornalístico, devendo ser aplicadas quando necessárias.

A separação das informações relevantes das irrelevantes ou das menos relevantes atende também a outra particularidade da imprensa. Nada impede que um fato de última hora venha a comprometer parte da área destinada a uma notícia. Em casos assim, é comum a redução dos textos. Mas, como a lógica estrutural das notícias manda deixar para o fim os detalhes menos importantes, não haverá necessidade de redigir um novo texto. Basta suprimir parágrafos no pé da matéria, o que poderá ser feito com rapidez e sem comprometer o conteúdo informativo.

#### 2.2.4. A elaboração das categorias essenciais da notícia

Dada sua abordagem cognitiva, este trabalho volta-se para a dimensão macroestrutural do discurso jornalístico. Daí a razão de priorizarmos títulos e *lead*, que expressam a macroestrutura da notícia.

Reforçamos que:

Macroestruturas semânticas são estruturas de sentido total, global, de um texto, que consistem em um conjunto de macroproposições hierarquicamente arranjadas, derivadas dos sentidos das sentenças (proposições) do texto por meio de macrorregras, as quais reduzem a informação complexa ao que é essencial (Van Dijk, in. Trevisan, 1991, p.62).

A macroestrutura, então, é formada por macroproposições, também chamadas tópicos (Van Dijk, 1999), que expressam os principais temas do discurso. Para chegar até eles, usamos inconscientemente de macrorregras<sup>15</sup>, encarregadas de condensar o sentido de uma série de proposições.

---

<sup>15</sup> Ver seção 2.1.3.3.

Como o *lead* comumente sumariza as macroproposições que representam as principais informações do texto, e o título expressa a macroproposição de nível mais elevado, o procedimento estratégico cognitivo se desenvolve na cabeça da notícia<sup>16</sup> e opera a partir dela. Daí, a importância do cuidado na elaboração de títulos e *lead*, de que trata esta seção.

#### 2.2.4.1. A coerência começa no *lead*

Quando tratamos de macroestratégia de compreensão do discurso jornalístico, é indiscutível que a primeira categoria da notícia a ser observada é o título, embora seja ele, em regra, o último enunciado a ser produzido. Essa primazia na visibilidade determina que ele deve expressar a informação mais importante do texto, a macroproposição de nível mais elevado, que não só guiará a compreensão e a estrutura de relevância da representação da notícia na memória, mas também poderá ser decisiva para despertar o interesse pela matéria. Muitos leitores deixam de ler a notícia por não se sentirem atraídos pelo título ou por não verem relação imediata de seu conteúdo com as informações iniciais do texto.

O título, portanto, deve estar coerente com o *lead*, expressando a sua informação principal. Daí dizermos que a coerência do texto jornalístico - embora, na ótica do leitor, seja buscada a partir do título - começa, na verdade, no *lead*, que é de onde o título sairá.

A coerência do texto, então, é, em primeiro lugar, um problema do jornalista, encarregado da formulação do título a partir das informações do *lead*. Claro que a busca desta relação requer a participação do receptor, durante a leitura, mas cabe ao autor do título ajudá-lo, fornecendo-lhe as evidências necessárias para uma apreensão rápida dos temas, que

são cruciais para o entendimento total do texto, por exemplo no estabelecimento da coerência global. Os temas funcionam como um controle semântico global sobre o entendimento local no micronível. Certamente, desempenham um rol central no texto. Sem eles, seria impossível entender aquilo de que globalmente trata o texto. Somente entenderíamos os fragmentos locais do texto e não suas relações globais, a hierarquia e a organização (Van Dijk, 1990, p. 59-60).

<sup>16</sup> Rabaça & Barbosa (1987, p. 87) definem “cabeça” como o “conjunto formado pelo título (inclusive antetítulo e subtítulo, se houver) e lide, quando composto em medida diferente do corpo do texto”. Aqui, desconsideramos a observação “em medida diferente do corpo do texto”, pelo fato de ter caído em desuso no jornalismo brasileiro. Trataremos “cabeça” como o conjunto de título(s) e *lead*, denominado por Van Dijk (1990, 1999) de encabeçamento.

Os diversos estudiosos da cognição têm dito que os textos expositivos que não começam com o tema ou tópico central são mais complexos de compreender. Também alertam para a importância de promover a identificação do título com o tema do texto. Kleiman (1989, p. 59) lembra que

textos cujos títulos não correspondem ao tema são incompreendidos, ou distorcidos, pois o leitor considerará como temáticas ou subtemáticas apenas aquelas informações relativas a sua primeira hipótese, com base no título, e tenderá a ignorar aquilo que para ele é mero detalhe. Como, de fato, é comum, tanto nos livros didáticos como em outros textos, fornecer títulos que apelem para o interesse do leitor, sem que reflitam necessariamente a informação mais alta na macroestrutura, há então inúmeras possibilidades de o leitor menos eficiente fracassar na apreensão do tema.

O título, então, estabelece uma estrutura de controle que resulta mais fácil a compreensão. Mas, no caso da notícia, é o *lead* o determinante para a eficiência do título e a conseqüente eficácia do texto.

#### 2.2.4.1.1. *A popularidade do lead*

A popularidade do *lead* jornalístico na constituição de notícias não ocorre por acaso. Está comprovado que “tanto os processos de produção como a compreensão e memorização cognitiva da notícia dependem do ‘formato’ desse produto” (Van Dijk, 1999, p. 125). Estudos cognitivos têm demonstrado que no início de narrativas e relatos, em especial os de um só episódio, “o tempo de compreensão para as primeiras sentenças é significativamente mais alto que para as outras sentenças do mesmo episódio” (p.116)<sup>17</sup>. Isso porque o leitor não está ainda familiarizado com o assunto. Quando já se conhece o tema, é mais fácil compreender as proposições do texto. Daí, a importância de as primeiras sentenças derivarem macroproposições que permitam compreensão melhor e mais rápida do enunciado em sua totalidade. Por tentar, o mais rápido possível, derivar o tema do relato, o leitor não deve ser sobrecarregado com muitas e complicadas informações (detalhes, circunstâncias, antecedentes etc.) logo de início (Blikstein, 1992). Só depois de saber do que trata a mensagem e ter demonstrado interesse por ela, é que o leitor receberá as informações complementares.

<sup>17</sup> Van Dijk relata pesquisa experimental realizada em Amsterdã, em que se constatou que o tempo de compreensão das primeiras para as demais sentenças do episódio se dá na proporção de 800 milésimos de segundo vs. 600 milésimos de segundo.

A técnica conhecida como “pirâmide invertida”, que manda apresentar os dados da notícia por ordem de importância, começando pelo *lead*, ou seja, pelas notações principais, é, segundo Lage (1985, 2000), mais antiga do que se pensa. Está relacionada à própria tradição oral, por sua eficácia para comunicar uma informação singular. O autor diz, por exemplo, que se alguém, a caminho do escritório, vê um atropelamento, é exatamente pelo fato principal que iniciará seu relato aos colegas, quando chegar ao trabalho - “Vi um sujeito morrer atropelado agora mesmo na Costeira” (Lage, 2000, p. 9) - deixando para depois as circunstâncias e os detalhes do acidente. Amaral (1969) enfatiza que ministrar primeiro os fatos mais importantes é fundamental para manter o leitor preso à informação, algo que o redator sempre deve perseguir:

Se o redator conseguir mantê-lo agarrado às primeiras linhas da notícia, já conseguiu seu objetivo. Ocorrem, então, dois fatos: se o leitor realmente não se interessa por aquele tipo de informação, vai em busca de outra, mas já tomou conhecimento dela; se se interessa, vai lê-la até o último parágrafo (p. 66).

#### 2.2.4.1.2. *O formato do lead*

Por questão prática e também de funcionalidade, o *lead* deve responder basicamente às seguintes perguntas: *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê*<sup>18</sup>. Dependendo do espaço exigido para a abertura da matéria, uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no *sublead* – o parágrafo seguinte - já que, por razões cognitivas, não é aconselhável que o *lead* seja extenso. Ele deve se constituir um “parágrafo sintético, vivo, leve, na tentativa de fisgar a atenção do leitor” (Amaral, 1969, p. 66).

Característica fundamental do *lead* reside na ordem das notações, ou seja, a ordem como o fato (ou fatos) é exposto. Como ocorre na notícia, a coerência no *lead* também é baseada na relevância:

O *lead* de uma notícia deve começar pela notação principal, aquela que desperta mais interesse: poderá começar pelo sujeito, pelo complemento do verbo ou por qualquer das circunstâncias, se estiverem nesse caso. Começará pelo sujeito, se este for o mais relevante, ou se a ação expressa pelo verbo, esta sim, for relevante; pelo complemento do verbo, se este for o mais relevante; ou pela circunstância que for mais relevante. Do ponto de vista do *lead* jornalístico, Kennedy foi morto por um

<sup>18</sup> Essa fórmula, proposta por Harold Laswell na década de 1920, descende diretamente da retórica clássica, em particular de Publius Cicero.

desconhecido é melhor do que um desconhecido matou Kennedy, porque a notação 'Kennedy' é mais relevante do que a notação 'um desconhecido' (Lage, 1999?).

O *lead*, portanto, pode (e deve) ser redigido de formas diferentes, priorizando sempre a notação mais importante do episódio. Erbolato (1991, p. 70-72) ensina seis modos de redigir o *lead*, valorizando cada um dos elementos da notícia (*quem, o que, quando, onde, como, por que*). O mesmo autor cita a existência de vários tipos de *leads*, enumerando 12 possibilidades: *simples, composto, integral, suspense, flash, resumo, citação, contraste, chavão, documentário, direto e pessoal*. Alguns desses apresentam pequenas variações apenas do *lead* formal clássico, construído sobre dados factuais. Segundo Lage (1998), *leads* para informar, por exemplo, sobre previsão do tempo, cotação de moedas, colocação em *rankings* ou campeonatos etc. poderão mesmo ser automatizados, com o avanço das tecnologias informacionais e programas especializados no processamento de códigos lingüísticos.

#### 2.2.4.2. O título como guia para a leitura

Quando bem construído, o texto pode garantir, já no primeiro parágrafo, as informações básicas que o leitor comumente espera encontrar em uma notícia. De posse desses elementos e de conhecimentos anteriores, informações circunstanciais, crenças, atitudes e ideologias, que imediatamente associa aos fatos, será o leitor capaz de dar uma representação satisfatória à informação ou ao conjunto de informações que acabou de receber. É por isso que se diz que não só o escritor, mas também o leitor participa da construção da notícia, buscando fazer do texto um todo coerente (Van Dijk, 1999, p. 129-134).

Mas, se, para o jornalista, é no *lead* que a construção da notícia começa, uma vez que é dali que sai o título, com o leitor é diferente. É justamente no título que a sua participação se inicia, pois, de acordo com nossa cultura jornalística, é o título (ou manchete) que encabeça a notícia em veículos impressos.

O título, conforme Guimarães (1990, p. 51), “expressa a macroestrutura, pois, lido em primeiro plano, orienta a compreensão para a estrutura de relevância na apresentação das notícias”. Funcionando como “chave para a decodificação da mensagem”, se convenientemente proposto, do ponto de vista do consumidor, é mais importante que o *lead*, porque “sem título atraente, o leitor não chega sequer ao *lead*” (Burnett, 1991, p. 43).

Mas o que é título atraente? Para Amaral (1969, p. 86), é aquele que, consegue chamar a atenção do leitor para a notícia “de forma clara, objetiva, apelativa, resumida”. O título, segundo o autor, deve ser constituído de palavras curtas e usuais e corresponder exatamente ao conteúdo do texto que resume e interpreta.

O leitor é sujeito apressado, que precisa rapidamente da informação; os jornais, pelo menos os que se pretendem ao jornalismo sério e, por isso, são os de maior credibilidade, têm muito a contar em um espaço que é limitado. Por isso, economia de espaço para o jornal e de tempo para o leitor são palavras de ordem nas redações. Logo, o título não precisa falar demais. Precisa, sim, dizer muito com poucas palavras.

Já chamamos a atenção para os aspectos cognitivos ativados pelo leitor logo no primeiro contato com o texto. Ele estará apto, portanto, para, a partir do mínimo de palavras, construir ou supor um sentido para as sentenças que contêm informação nova (Van Dijk, 1999). Assim, não só construirá “sua própria representação da estória, como também combinará essa interpretação com a representação dos pressupostos sobre o que o falante queria que ele entendesse” (p.17). Vale ressaltar, todavia, que, quanto maior a identificação do título com o *lead*, mais aproximado será o sentido pensado pelo autor da representação derivada pelo leitor. Daí, a importância de a manchete sair do *lead* e de ambos expressarem a macroestrutura da matéria. Van Dijk (1999, p. 134) reforça: “quando uma manchete ou lead não é uma sumarização adequada de todo o sentido global de um texto, podemos, formalmente ou subjetivamente, dizer que são distorcidos”.

#### 2.2.4.2.1. *A configuração do título*

O título do texto jornalístico está hoje tão intimamente ligado à notícia, que, sem ele, a matéria perde o sentido. Melo (1985) concebe o título quase como uma peça publicitária, com poder de “vender uma notícia”. Mas não foi sempre assim:

A manchete jornalística de hoje não surgiu com a forma e função que conhecemos, mas foi tendo seu papel alterado e sendo aperfeiçoada na medida em que a atividade jornalística passou a acompanhar as transformações da sociedade, devido ao processo de industrialização (Sartori, 1999, p. 113).

Segundo Sartori, os títulos, que “eram apenas meras fórmulas para separar diferentes tipos de textos ou indicar diferenças temáticas dos mesmos”, só adquirem função estética e expressiva a partir do final do século XIX, com o advento do que Melo (1985) denomina de ‘popularização’<sup>19</sup> da imprensa norte-americana. Cada vez mais simples e eficientes, os títulos foram se consolidando de tal forma que hoje são determinantes para a leitura ou não de uma notícia: “A vista do leitor percorre rapidamente a página, detendo-se momentaneamente em cada título. Quase instantaneamente ele decide, com fundamento nesse relance, se lerá ou não o texto” (Douglas, 1966, p. 24).

O título, portanto, serve para dar equilíbrio estético à página, anunciar o fato, resumir a notícia e ativar fatores cognitivos que guiem a compreensão. É também pela importância que exerce na macroestrutura da notícia que ele aparece em corpo maior, comumente acima da matéria. Em geral, deve ser constituído de uma frase, redigida em ordem direta e sempre com verbo, o que garante impacto e expressividade (Manual Geral da Redação, 1987)<sup>20</sup>. Por questão de estilo, os manuais de redação dos jornais aconselham que se evite a reprodução literal das palavras iniciais no texto.

#### 2.2.4.2.2. *O papel do subtítulo*

O título, embora muito resumido, tem todas as condições de ser uma síntese precisa da notícia, expressando sua macroproposição mais importante. Pode haver casos, porém, de duas informações igualmente relevantes, mas que, por uma razão de espaço, estilo do veículo de comunicação e mesmo de eficiência, não podem ser ditas em uma única frase, o que deixaria o título demasiado longo e comprometeria sua expressividade.

Para resolver esse problema, muitos veículos de comunicação impressa adotaram o subtítulo. Ele desempenha papel análogo ao dos títulos, “realçando os elementos de significação do texto e, principalmente, facilitando a retenção do conteúdo” (Guimarães,

<sup>19</sup> A disputa pela conquista do mercado, no fim do século XIX, deu origem à chamada “guerra jornalística”, desencadeada por Hearst e Pulitzer, os principais empresários da notícia em Nova Iorque. Ao perceberem que o aspecto tipográfico influenciava na venda de jornais, ambos imediatamente começaram a modificar a primeira página, introduzindo uma paginação equilibrada, com títulos de duas colunas nas margens do jornal, incluindo também subtítulos e admitindo, mais tarde, manchetes que ocupavam toda a superfície, em oito colunas (Melo, 1985, p. 86).

<sup>20</sup> Distinguimos notícia de artigos, comentários ou reportagens de revista, em que o título é quase sempre um sintagma nominal.

1990, p. 51). O subtítulo, que geralmente aparece redigido em corpo menor, colocado logo abaixo ou acima do título principal (neste caso, se chamará “antetítulo”), deverá cuidar do evento, senão menos importante, menos recente. No jornalismo, os últimos eventos principais são os mais importantes. Outra função importante do subtítulo é a de, quando houver necessidade, detalhar, em rápidas palavras, o título principal. Às vezes, em decorrência do estilo ou para obter impacto jornalístico, títulos (principalmente manchetes) constituem-se de uma só palavra ou de uma locução expressiva, mas que não dão dimensão exata ao leitor sobre a que assunto está se fazendo referência. Essa técnica é usual em magazines, que normalmente veiculam reportagens, não notícias, mas pode surgir em jornais. Pode ser então necessária uma linha de apoio, para que o leitor tenha sua atenção despertada e vá mais seguro para o *lead*. Um terceiro elemento a contribuir para isso é um breve antetítulo temático, conhecido no Sul do Brasil por *cartola*. Trata-se de uma forma condensada, que freqüentemente identifica eventos duráveis, assuntos constantes ou sazonais e, por isso, pode se repetir em títulos sucessivos, em edições diferentes, enquanto o assunto estiver em pauta (Lage, 2000, p. 37). Muitos títulos são melhor compreendidos quando situados em contexto, o que o antetítulo (ou a *cartola*) pode fazer.

#### 2.2.4.3. Evidenciando a importância de título e *lead*

Van Dijk (1999, p. 205) observa que, por seu papel cognitivo, a interpretação do título pode demandar tempo maior. Ao lê-lo, o leitor estará, ao mesmo tempo, extraindo um fragmento macroestrutural provisório, fazendo conjecturas contextuais, estabelecendo modelos situacionais relevantes ao tema inicialmente derivado e mesmo construindo um plano de leitura parcial, que inclui a decisão de continuar ou não lendo o artigo, ou ler só um parágrafo. Tudo isso exige tempo extra, no entanto, “uma vez estabelecida a estrutura de controle, as orações do texto jornalístico resultam mais fáceis de compreender e de representar na memória episódica” (p. 205-206).

É importante deixar claro que, apesar de sua capacidade informativa, o título (e mesmo subtítulo e antetítulo, quando houver) não consegue cobrir toda informação do texto. Ele contempla apenas parte dela, expressando, de preferência, a principal macroproposição. Outras informações importantes terão que ser buscadas no *lead*, que, junto com o título, deve expressar a macroestrutura semântica da matéria. Juntas, as duas categorias funcionam como

sumarização do texto, presidindo a organização e distribuição de circunstâncias e informações secundárias. A decisão de buscá-las ou não fica por conta do leitor. Todavia, há que se considerar que, ao menos em termos de evocação, a leitura dos títulos e do *lead* pode produzir os mesmos efeitos que a leitura completa dos relatos. Pesquisas realizadas por Van Dijk e Kintsch têm demonstrado que “as pessoas em geral não recordam mais que os temas principais de um artigo jornalístico” (Van Dijk, 1990, p. 218).

### 3. ANÁLISE DE UM RELATO JORNALÍSTICO

O objetivo deste capítulo é exemplificar a macroestrutura da notícia na imprensa, de modo a salientar a teoria exposta nos capítulos anteriores. Para isso, tomamos como *corpus* notícia publicada na *Folha de São Paulo* em 15 de agosto de 2001.

O que propomos é uma análise que, partindo da redução do texto pela supressão de detalhes e generalização de informações, procure identificar as macroproposições, especialmente as de nível mais elevado, para desvendar o tema ou temas principais da notícia.

Uma segunda preocupação é perceber se os temas mais importantes ou interessantes estão expressos nos títulos e se há identificação destes com o *lead*, de modo que as primeiras categorias da estrutura esquemática se encarreguem de estabelecer a coerência, dirigir a compreensão do restante do texto e facilitar a recuperação e recordação das informações principais.

#### 3.1. A ESTRUTURA EPISÓDICA DA NOTÍCIA

Van Dijk (1999, p. 99-107) chama a atenção para a estrutura episódica da notícia e destaca a importância dessas unidades em um modelo cognitivo de processamento do relato jornalístico, devido sua relevância processual na leitura, representação e memorização das informações.

Episódios, para o autor, são “seqüências coerentes de sentenças de um discurso, lingüisticamente marcados quanto ao começo e/ou fim, e definidos, além disso, em termos de algum tipo de ‘unidade temática’” (p.99). O episódio é parte de um todo, mas deve ser de algum modo unificado e ter certa independência relativa, que permita identificá-lo e distingui-lo dos demais. Por exemplo, uma briga durante uma partida de futebol pode ser tomada como episódio do jogo. Outro episódio seria a falta discutível que resultou na marcação de um pênalti. Os dois se ligam, mas cada um tem sua unidade e independência e merecerá atenção diferenciada, se o objetivo for noticiar ou reportar a partida e seu entorno.

Há que se considerar, porém, que os vários episódios de um evento podem ser subsumidos em episódios mais gerais, se a intenção for fazer relato mais abrangente. Assim, a partida de futebol em seu todo - e não as ocorrências durante o jogo - pode ser considerada episódio do dia de um jogador. Tomada como evento noticioso, iria ao lado da discussão com o técnico pela manhã e da dispensa do clube após a partida. Se se quiser ser ainda mais geral, pode-se tomar este dia, desde que ele tenha sido marcante<sup>21</sup>, como episódio da semana, do mês ou mesmo da vida do jogador.

Num relato, cada episódio apresenta a sua seqüência própria de proposições, que estarão condicionalmente relacionadas. Van Dijk reforça que a seqüência deve ser “globalmente coerente”, podendo ser “subsumida sob uma macroproposição mais global” (p.103).

Um episódio comumente se apresenta no texto sob a forma de um parágrafo lógico (unidade que nem sempre corresponde ao parágrafo gráfico), mas vale enfatizar que um parágrafo pode conter episódios específicos de um mais geral, assim como dois ou mais parágrafos podem ser subsumidos por outro episódio ainda mais abrangente.

É aqui que entram as macrorregras. Essas regras de mapeamento semântico têm por função apagar, generalizar e transferir informação local para conceitos mais gerais, mais abstratos ou globais. Elas são recursivas, “de modo que se pode ter diversas camadas de seqüências de macroproposições que formam juntas a macroestrutura de um discurso. E tal macroestrutura pode ser tipicamente expressa por resumos do discurso” (Van Dijk, 1999, p.103). É o caso da notícia, em que a macroestrutura geralmente é expressa no título ou neste em conjunto com o *lead*.

A derivação de macroproposições a partir de episódios parece constituir então estratégia bastante eficiente para se chegar à macroestrutura do texto, que é o que pretendemos observar a seguir.

---

<sup>21</sup> Van Dijk (1999, p. 104) restringe a noção de episódio às seqüências que realmente tenham alguma “importância” no discurso ou se constituam como incidentais ou inusitadas para o fato em questão. Detalhes irrelevantes (situações normais, corriqueiras, previsíveis) devem ser desconsiderados como episódio.

### 3.2. O RELATO JORNALÍSTICO

O texto tomado como *corpus* (veja-se apêndice) trata de um acontecimento de repercussão internacional ocorrido em agosto de 2000. O naufrágio de um submarino nuclear na Rússia teve ampla cobertura da imprensa, pelo número de tripulantes envolvidos e a situação inusitada em que se encontravam, além das possíveis implicações políticas e ambientais. Por aproximadamente uma quinzena, os jornais acompanharam diariamente o fato, à espera de um desfecho. A notícia aqui analisada, oriunda das agências internacionais, foi a primeira publicada pela *Folha de São Paulo* sobre o assunto.

As informações foram dispostas em três níveis diferentes. A tabela 1 apresenta o episódio de cada parágrafo (pode haver parágrafo com mais de um episódio), sem preocupação com a eliminação de detalhes e repetições. A redução das informações é feita a partir da tabela 2, com a extração das macroproposições resumidoras do texto num primeiro nível. Generalização ainda maior é apresentada na tabela 3, depois de subsumidas as seqüências anteriores. Este último quadro deve conter as macroproposições de nível mais elevado. A idéia é verificar se as informações mais importantes são relatadas no *lead* e destacadas nos títulos da matéria. Nossa análise começa no *lead*.

Tabela 1. Segmentação em episódios de “Submarino russo fica preso no fundo do mar”

Episódio Linhas	Sentenças	Síntese do episódio
1:1-6	Um submarino...interior da embarcação	Submarino nuclear russo afundou e mais de 100 tripulantes estão presos na embarcação
2:7-9	A marinha russa...submarino Kursk	Marinha russa tenta resgatar o submarino
3:9-13	que ficou preso...Círculo Polar Ártico	Incidente ocorreu durante exercício militar, ainda não explicado
4:14-16	Mas, segundo...são pequenas	Marinha russa admite que possibilidades de resgate são pequenas
5:16-18	Os tripulantes...embarcação acabasse	Tripulantes podem morrer por falta de oxigênio
6:19-25	Segundo informações...entre 107 e 130	Informações divergem sobre o número de tripulantes, que podem chegar a 130
7:26-33	Segundo o pesquisador...limpeza de ar	Pesquisador norueguês diz que tripulantes podem sobreviver por vários dias, se baterias do submarino tiverem energia para bombear oxigênio
8:37-39	A marinha...mortas ou feridas	Marinha não confirma mortos ou feridos
9:40-45	O almirante...embarcação estrangeira”	Submarino pode ter danos graves, provocados por choque com embarcação estrangeira
10:46-50	“Apesar dos esforços...“Itar Tass”	Almirante russo admite dificuldade de desfecho positivo
11:51-59	Segundo a NTV...invadida pelas águas	Há divergências sobre informação de que o submarino já estaria inundado
12:60-65	Um funcionário...te-lo afundado	Funcionário de empresa contratada para o resgate descarta colisão com embarcação estrangeira

13:66-69	Segundo a "Itar Tass"...nariz do submarino	Há danos no nariz do submarino, mas causa é desconhecida
14:70-79	Contatos acústicos...interior do submarino	Contatos acústicos, por golpes no casco, indicam existência de vida no submarino
15:80-89	As autoridades...forte pressão d'água	Profundidade do mar (150 metros) pode dificultar o resgate, por causa da pressão da água
16:90-94	Um porta-voz...não foi cogitada	Porta-voz da Marinha russa garante não haver perigo para a tripulação e assegura o resgate
17:95-101	O porta-voz das Forças...nem de explosões	Porta-voz das Forças Armadas russas descarta riscos de explosões e vazamentos de radiação
18:102-107	O governo da Noruega...estado de alerta ontem	Governo norueguês não detectou vazamento radioativo, mas está em alerta
19:108-114	Em casos de...sobre a embarcação	Perda do controle da situação deve ter feito o submarino baixar ao leito do oceano
20:115-121	O militar russo...referência naval	Militar russo diz que resgates de submarinos são difíceis. Rússia não contaria com submarinos de resgate modernos
21:122-129	Para sair do Kursk...temperatura da água	Tripulação poderia deixar o submarino por cápsulas de resgate ou nadando, desde que usasse equipamento especial
22:130-139	Segundo a "Itar Tass"...em caso de necessidade	Marinha russa teria enviado submarinos menores ao local, para tentar fornecer oxigênio e energia à embarcação e ajudar no resgate
23:140-144	Segundo o comando...ajuda externa	Comando da frota do submarino declara auto-suficiência para o resgate e descarta ajuda externa
24:145-148	Oficiais da Marinha...somente hoje	Marinha definiria somente hoje (dois dias após o acidente) o procedimento de resgate

A tabela 1 apresenta a notícia praticamente em sua íntegra, com o registro de 24 episódios. Eliminadas as repetições e detalhes menos relevantes, a tabela 2 traz as seguintes macroproposições:

Tabela 2. Macroproposições em primeiro nível de "Submarino russo fica preso no fundo do mar"

Macroproposição Episódios subsumidos	Teor da Macroproposição
1:1+6+19	Submarino nuclear russo afundou e mais de 100 tripulantes estão presos na embarcação
2:2+16+24	Marinha Russa tenta resgatar o submarino
3:3+12+13	Acidente pode ter sido provocado por explosão ou colisão com embarcação estrangeira
4:4+10+15	Possibilidades de resgate são pequenas, devido à profundidade do mar e pressão da água
5:5+7	Tripulantes podem morrer por falta de oxigênio
6:8+14	Contatos acústicos, por golpes no casco, indicam que há vida no submarino
7:9+11	Submarino teria danos graves, e água já estaria invadindo a embarcação
8:17+18	Por enquanto, não há riscos de vazamento radioativo e danos ao meio ambiente
9:20	Rússia não teria submarinos de resgate modernos
10:21	Tripulação poderia deixar o submarino usando equipamento especial
11:22	Marinha já teria enviado submarinos menores ao local, para tentar fornecer oxigênio e energia à embarcação
12:23	Rússia declara auto-suficiência para o resgate e descarta ajuda externa

A tabela 3 apresenta nova generalização e abstração das proposições do texto, depois de eliminados os detalhes menos relevantes e feitas as associações possíveis entre as macroproposições anteriores. Ficam restando apenas as macroproposições de nível mais alto e as informações impossíveis de serem subsumidas por elas.

Tabela 3. Macroproposições em segundo nível de “Submarino russo fica preso no fundo do mar”

Macroproposição Macroproposições subsumidas	Teor da macroproposição
1:1	Submarino nuclear russo afundou e mais de 100 tripulantes estão presos na embarcação
2:2+4+9+10+12	Resgate do submarino é difícil
3:3	Acidente pode ter sido provocado por explosão ou colisão com embarcação estrangeira
4:5+6+11	Tripulantes podem morrer por falta de oxigênio
5:7	Submarino tem danos graves e água já estaria invadindo a embarcação
6:8	Por enquanto, não há riscos de vazamento radioativo e danos ao meio ambiente

As macroproposições apresentadas na Tabela 3 expressam a macroestrutura do texto. No entanto, esse modelo de redução, por ser subjetivo, pode apresentar variações: nem tudo o que é irrelevante ou menos relevante para um leitor necessariamente o é para outro. Da mesma forma, há quem possa discordar das associações que originaram as macroproposições finais. Por isso, convém explicar as interpretações que nos levaram a elas:

1. (1) – Contém a informação principal da notícia, a que dá a conhecer o evento noticiado, ativando os esquemas necessários às interpretações posteriores; não é subsumida pelas demais macroproposições;
2. (2+4+9+10+12) – Todas dão conta do procedimento de resgate, mas, numa notícia, os fatos negativos geralmente são mais marcantes, ainda mais quando se trata da iminência de uma tragédia, neste caso, explicitada pela macroproposição 4, que anuncia a dificuldade de um desfecho positivo. Portanto, a macroproposição 4 da tabela 2 é resumidora das demais;
3. (3) – Permanece a macroproposição anterior, sobre as duas possíveis causas do acidente;
4. (5+6+11) – Ambas tratam da sobrevivência dos tripulantes no fundo do mar. A informação de que os tripulantes podem morrer por falta de oxigênio, expressa pela macroproposição 5, é indicativa de que há vida na embarcação, o que dispensa a 6. A iminência da tragédia por falta de ar também se sobrepõe à tentativa de levar oxigênio ao submarino, expressa pela macroproposição 11;

5. (7) – Fica a macroproposição anterior, dando conta dos danos no submarino e a já possível invasão de água na embarcação;
6. (8) – Também permanece a macroproposição inicial, sobre a inexistência de vazamento radioativo;

### 3.2.1. A macroestrutura do relato

As seis macroproposições resultantes da redução aqui realizada representam a macroestrutura semântica do texto. Elas permitem uma compreensão geral da notícia. Por isso, é importante observar que três delas – 1, 2, e 4 - são retratadas pelos títulos (ver apêndice). Os títulos não podem sintetizar tudo, por isso elegem as informações mais relevantes ou essenciais, consideradas de nível mais alto, geralmente extraídas do *lead* e *sublead*<sup>22</sup>.

As macroproposições restantes não têm a mesma importância, ao menos num primeiro momento. A causa do acidente, que poderá ter implicações posteriores mais sérias, se se confirmar o choque com uma embarcação estrangeira, é, a princípio, menos relevante do que a morte iminente de mais de 100 tripulantes retidos no fundo do mar. De qualquer forma, vale registrar que a macroproposição 3 é destacada em matéria à parte, na mesma página da notícia principal, funcionando como *box* ou sub-retranca.

Outra informação que tem sua importância diminuída frente à tragédia que se configura é a que dá conta de possíveis vazamentos radioativos do submarino naufragado (macroproposição 6), mesmo porque, pelo menos até o momento da publicação da notícia, não havia risco declarado de contaminação ambiental. Quanto à macroproposição 5, pode-se considerá-la consequência previsível do acidente. À notícia cabe destacar o novo, o inusitado, o imprevisto e não o que o leitor pode deduzir das informações.

A manchete principal do texto analisado - “*Submarino russo fica preso no fundo do mar*” - sintetiza, então, o tópico mais importante da notícia. Embora não contenha a

<sup>22</sup> Por razão cognitiva, o Manual da Redação da *Folha de São Paulo* (2001) aconselha a redação de parágrafos curtos, contendo apenas uma idéia ou raciocínio completo. Daí a razão de informações essenciais da notícia aparecerem no terceiro parágrafo, como é o caso do texto analisado. Note-se que nesse parágrafo, que também pode ser considerado como *sublead*, o fato ainda está sendo exposto. O detalhamento das informações só se inicia no parágrafo seguinte.

informação de maior impacto, ela expressa o fato em si, o “*o quê*” do relato, possibilitando ao leitor construir um modelo de situação sobre o qual o discurso versa. A consequência imediata do acontecimento, de forte relevância por sua carga negativa<sup>23</sup>, é contemplada com a manchete secundária - “*Embarcação tem mais de 100 tripulantes, que podem ficar sem oxigênio; Marinha diz que desfecho positivo é difícil*”, que informa ainda sobre os participantes (o “*quem*”) da notícia.

Juntos, os títulos expressam o topo da macroestrutura, oriunda dos primeiros parágrafos do texto. *Lead* e *sublead* apresentam ainda informações relevantes, como tempo (“*anteontem à noite*”), local (“*no fundo do mar de Barents, na costa norte do país*”; “*ao norte do Círculo Polar Ártico*”) e causa do evento (“*incidente não explicado durante exercício militar*”), que expressam a macroestrutura num nível inferior.

### 3.3. CONCLUSÃO

A análise realizada permite concluir que as informações mais importantes ou proeminentes, também resumidoras da notícia, estão nos títulos e no *lead*. São elas que organizam a macroestrutura temática, porque a exposição imediata destas macroproposições reduz a estrutura de sentido complexa, detalhada do texto, a um sentido (de nível mais alto) mais simples, possibilitando ao leitor não só construir um modelo situacional como também estabelecer uma linha de coerência na compreensão do relato.

A coerência é dirigida pela sumarização dos eventos só mais tarde detalhados. Ao apresentar as macroproposições julgadas mais relevantes primeiro, a notícia compensa a ordenação descontínua dos temas, que são apresentados em partes, de acordo com sua importância. Nos relatos, uma informação raramente é esgotada antes de dar-se início a outra. Costuma-se apresentar a informação de nível mais alto primeiro; depois talvez a de consequência; a seguir outras informações importantes, relativas à história ou contexto, e assim por diante. Só depois volta-se para os detalhes do evento principal e, de forma similar, para as demais categorias (Van Dijk, 1999, p. 149-153).

<sup>23</sup> Van Dijk (1990, p. 178-180) explica que fatos de carga negativa despertam interesse porque, psicoanaliticamente, expressam nossos próprios temores. Acontecimentos desta natureza estão, portanto, relacionados a um sistema emocional de autodefesa.

O vaivém do texto, todavia, não confunde o leitor. Pelo contrário. A retomada dos temas gera uma estrutura repetitiva, que reforça as informações mais importantes, resumidoras e organizadoras do relato. Van Dijk e Kintsch (1983, p.61-98) lembram que esta lógica expositiva é também útil aos leitores na recordação dos textos: as macroproduções de nível mais alto ficam por mais tempo guardadas na mente do leitor e são evocadas com maior facilidade.

## FOLHA MUNDO

Tel: 011/224-3451  
E-mail: mundo@fol.com.br  
Fax: 011/223-1444

Serviço de atendimento ao assinante:  
011/224-3000

PÁGINA A 12 ★ SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 2000

## ACIDENTE Embarcação tem mais de 100 tripulantes, que podem ficar sem oxigênio; Marinha diz que desfecho positivo é difícil

# Submarino russo fica preso no fundo do mar

DAS AGENCIAS INTERNACIONAIS

1 Um submarino nuclear da Rússia ficou retido ontem à noite no fundo do mar de Barents, na costa norte do país, deixando seus 25 mais de cem tripulantes presos no interior da embarcação.

A Marinha russa passou o dia ontem tentando resgatar o submarino Kursk, que ficou preso no fundo do mar após um incidente não explicado durante um exercício militar na região, ao norte do Círculo Polar Ártico.

As possibilidades de resgate são pequenas. Os tripulantes correriam risco de morrer se o oxigênio dentro da embarcação acabasse.

Segundo informações passadas pelo comando da Marinha à rede de televisão NTV, haveria 116 pessoas a bordo do Kursk, entre oficiais e marinheiros. Outras fontes calculavam o número exato de tripulantes entre 107 e 130.

Segundo o pesquisador norueguês Thomas Nilsen, autor de um estudo sobre a Marinha russa, a tripulação teria condições de sobreviver por vários dias se o submarino ainda tiver energia em suas baterias para manter funcionando o sistema de limpeza de ar.

A Marinha não confirmou informações segundo as quais já haveria pessoas mortas ou feridas.

O almirante Vladimir Kuroyev, comandante da Marinha, disse que o Kursk aparentemente sofreu danos graves após uma colisão forte, "possivelmente com outra embarcação estrangeira".

"Apesar dos esforços que estão sendo feitos, a probabilidade de um desfecho positivo não é muito alta", disse ele à agência de notícias russa "Itar-Tass".

Segundo a NTV, a parte da frente do submarino teria sido inundada após a entrada de água pelos tubos dos torpedos durante um exercício de tiro. Um porta-voz disse que um problema técnico teria causado o acidente, mas negou que a embarcação tivesse sido invadida pelas águas.

Um funcionário de uma empresa contratada para ajudar no resgate do Kursk disse que as observações preliminares do submarino teriam diminuído a hipótese de uma colisão té-lo afundado.

Segundo a "Itar-Tass", ele não excluiu a possibilidade de que uma explosão tivesse provocado danos no nariz do submarino.

Contatos acústicos

Segundo um porta-voz da Marinha, não haveria contatos por rádio com o submarino, mas "contatos acústicos" por sinais, que in-

dicariam haver gente com vida no interior da embarcação. Segundo a "Itar-Tass", foram detectados golpes dados na parede interior do submarino.

As autoridades militares russas não divulgaram a profundidade em que o submarino se encontrava, mas, segundo uma versão do governo da Noruega, que também é banhada pelo mar de Barents, o Kursk estaria a 150 metros de profundidade, o que dificultaria o resgate por causa da forte pressão da água.

Um porta-voz da Marinha, porém, garantiu que não haveria perigo para a tripulação e que a possibilidade de o trabalho de resgate ser abandonado não foi cogitada.

O porta-voz das Forças Armadas russas, Igor Dygalo, disse que o submarino, que entrou em operação há apenas cinco anos, não levava armas nucleares e que não haveria riscos de vazamentos de radiação nem de explosões.

O governo da Noruega disse que suas medições também não detectaram nenhum possível vazamento radioativo, mas, por precaução, decidiu entrar em estado de alerta ontem.

Em caso de emergência como esse, um submarino teria de voltar à superfície. Mas Dygalo disse que o Kursk se viu obrigado a baixar ao leito oceânico, o que indicaria que a tripulação perdeu o controle sobre a embarcação.

O militar russo Vladimir Gundarov disse que os resgates de submarinos são muito difíceis. As Forças Armadas russas não contam com submarinos de resgate modernos, segundo as publicações de referência naval.

Para sair do Kursk, os tripulantes poderiam usar cápsulas de resgate, mas também poderiam tentar escapar, segundo ele, nadando pelos tubos dos torpedos. A ação requer equipamento especial por causa da profundidade e da baixa temperatura da água.

Segundo a "Itar-Tass", a Marinha russa enviou para o local dez submarinos menores. Um equipamento especial chamado Kolokol (sino, em russo) teria sido acoplado ao Kursk para fornecer oxigênio e energia à embarcação. O equipamento também poderia auxiliar a saída dos tripulantes em caso de necessidade.

Segundo o comando da frota a que pertence o Kursk, as equipes russas de resgate teriam recursos suficientes para trabalhar sem ter de recorrer a ajuda externa.

Oficiais da Marinha disseram que a decisão final sobre o melhor procedimento de resgate poderia ser tomada somente hoje.



150  
Profundidade em metros\*

116  
Tripulantes a bordo\*\*

\* Segundo informação do governo de Noruega. \*\* Segundo informação divulgada pela Marinha russa à TV NTV



Imagem aérea do submarino Kursk feita pela NTV em maio deste ano

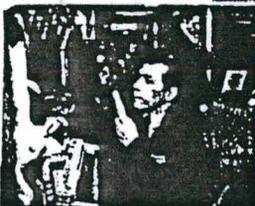
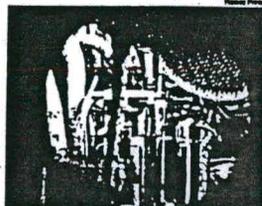
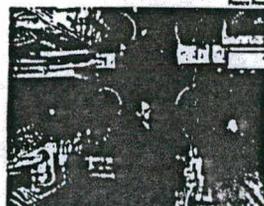


Imagem interna do submarino similar



Reator nuclear de submarino tipo Oscar 2



Compartimento de torpedos do submarino

### SUBMARINO NUCLEAR KURSK

Tipo Oscar 2, segundo definição da Otan

		
<b>Peso</b> 13.900 toneladas	<b>Motores</b> 2 reatores nucleares	<b>Velocidade</b> 28 km/h submerso 52 km/h na superfície

#### A reserva de ar

Os submarinos possuem reservas de oxigênio comprimido em seu interior para a tripulação e, em modelos mais antigos, para o processo de combustão que move o motor. Os submarinos nucleares, como o Kursk, só usam o oxigênio para a tripulação e que lhes permite permanecer mais tempo submerso.

#### O poder de fogo

O submarino Kursk é uma embarcação desenhada para atacar porta-aviões. Quando carregada, é capaz de lançar até 24 mísseis de uma só vez.

Cada um dos mísseis, chamados de "Shipwreck" pelo Otan, pesa sete toneladas e tem a capacidade de atingir um alvo a 500 km de distância.

A embarcação pode ser carregada com torpedos de 533 mm e de 650 mm. Estes são utilizados para repeli ataques feitos ao submarino.



## 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

### 4.1. A PESQUISA

A estrutura esquemática que evidencia as categorias essenciais da notícia, priorizando as informações mais relevantes, é adotada pela quase totalidade<sup>24</sup> dos grandes jornais, devido à praticidade conferida à elaboração dos textos e por sua eficiência cognitiva. Os manuais de redação dos jornais e as disciplinas das escolas de Comunicação voltadas ao Jornalismo enfatizam a importância dos títulos e *lead* e das informações neles contidas.

Apesar de sua popularidade, o *lead* parece ser uma técnica ainda distante das redações de muitos periódicos do interior do país, que apresentam textos com falhas estruturais graves, deficientes do ponto de vista cognitivo. Não raro, as notícias são apresentadas em forma narrativa, com as informações expostas em ordem cronológica ou relatando primeiro fatos de importância secundária. São comuns também títulos com pouca ou nenhuma relação com os principais eventos noticiados. Nem sempre há identificação do título com o primeiro parágrafo do texto. Tudo isso prejudica a cognição e afasta o interesse do leitor pela notícia.

Situações como as relatadas são comuns em jornais do interior de Santa Catarina, especialmente nas regiões onde não há escolas de Comunicação e são escassos jornalistas formados ou profissionais conhecedores das estruturas mais apropriadas aos textos jornalísticos. É o caso da região do Contestado, em cujos jornais está centrado este estudo.

A pesquisa aqui realizada procura chamar a atenção, do ponto de vista cognitivo, para as estruturas problemáticas desses jornais. Trata-se de abordagem semântico-pragmática<sup>25</sup>, fundamentada sobretudo nos estudos de Van Dijk sobre superestrutura e macroestrutura da notícia. A análise leva em conta principalmente fatores que prejudicam a compreensão e a evocação dos eventos relatados e tornam a matéria pouco atrativa do ponto de vista jornalístico, como: 1) falta de clareza na definição do tema da notícia; 2) desconhecimento de

---

<sup>24</sup> A exceção é o *Correio Brasiliense*, que adota freqüentemente uma estrutura narrativa (seqüencial) precedida de um *lead* muito curto (3 a 4 linhas corpo 14).

<sup>25</sup> Este trabalho não tem por pretensão a análise aprofundada de fenômenos semântico-pragmáticos. A abordagem se restringe à observação do conteúdo explícito das informações e a maneira como a sua distribuição pode facilitar ou prejudicar a compreensão do relato.

*lead* e falta de relação do primeiro parágrafo com o título; 3) inversão das categorias esquemáticas, com priorização de informações pouco relevantes; 4) inexistência da informação anunciada no título; 5) títulos que se contradizem; 6) falta de relevância do tema da notícia.

#### 4.1.1. Delimitação da pesquisa

A região do Contestado, que compreende área de 34.700 km<sup>2</sup> e engloba 50 municípios do território catarinense, totalizando população de aproximadamente 800 mil habitantes, tem cerca de 50 jornais (incluindo bissetmanais, semanais, quinzenais e mensais). Este estudo toma como amostragem textos de periódicos dos cinco municípios sede da Universidade do Contestado (Caçador, Concórdia, Mafra, Canoinhas e Curitibanos), instituição de educação superior multicampi que atende a região. Os artigos foram retirados dos seguintes jornais:

**Folha** (Caçador) – formato tablóide, periodicidade bissetmanal, tiragem de 2000 exemplares, fundado há 11 anos;

**O Jornal** (Concórdia) – formato tablóide, periodicidade bissetmanal, tiragem de 3000 exemplares, fundado há 26 anos;

**O Imparcial** (Concórdia) – formato tablóide, periodicidade quinzenal, tiragem de 2500 exemplares, fundado há 6 anos;

**Tribuna da Fronteira** (Mafra) – formato standard, periodicidade semanal, tiragem de 4000 exemplares, fundado há 41 anos.

**Gazeta de Riomafra** (Mafra) – formato tablóide, periodicidade semanal, tiragem de 3000 exemplares, fundado há 20 anos.

**Correio do Norte** (Canoinhas) – formato standard, periodicidade semanal, tiragem de 2000 exemplares, fundado há 54 anos;

**A Semana** (Curitibanos) – formato tablóide, periodicidade semanal, tiragem de 1800 exemplares, fundado há 17 anos;

A seleção observou a representatividade dos jornais<sup>26</sup> nos municípios em que estão inseridos. As matérias foram escolhidas de forma aleatória, desde que se sobressaíssem nas edições em que foram publicadas. Optou-se preferencialmente por notícias com chamadas de capa (primeira página) ou ocupando posição de destaque na página.

---

<sup>26</sup> O formato, periodicidade e tiragem dos jornais referem-se à época de realização da pesquisa.

## **5. RELEVÂNCIA DA PESQUISA**

Este é o primeiro estudo, de que se tem conhecimento, a analisar, sob enfoque cognitivo, a estrutura dos textos dos jornais da região do Contestado. A pesquisa é oportuna porque se dá justamente no momento em que a Universidade do Contestado, que atende à região, está implantando em duas de suas unidades (Concórdia e Mafra) o curso de Jornalismo. Para que o curso possa atuar com objetividade na formação de profissionais aptos a corrigir as deficiências apresentadas pelos meios de comunicação, é importante que parta de conhecimentos teóricos consistentes, entre eles, os de natureza lingüística.

## 6. ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS

### 6.1. UM TEMA PARA A NOTÍCIA

Um dos problemas mais comuns dos jornais da região do Contestado é a falta de definição do tema central da notícia. Os redatores parecem encontrar dificuldade na identificação da informação principal. Daí resulta a incompatibilidade do título com o *lead*. Não raro, o título diz uma coisa e o *lead* outra.

Isso prejudica o entendimento e a evocação do discurso. A primeira coisa que o leitor faz ao se deparar com o título é tentar a derivação de um tópico provisório. A partir dele, formula um esquema mental, cria expectativas para a informação inicial e espera que as primeiras sentenças confirmem o que inferiu<sup>27</sup>.

O relato pode até contrariar as expectativas. Pode ser que o evento noticiado apresente desfecho e mesmo situação diferente da imaginada, mas o que se espera, ao menos, é que a abordagem se dê, de imediato, em torno do tema inicialmente apresentado, ou seja, que haja não só relação, mas identificação das informações do parágrafo inicial com o título.

Se isso não ocorre, haverá necessidade de ativação de novo esquema, o que pode retardar a compreensão ou mesmo torná-la confusa, caso não haja definição por uma temática central que “atue como instância de controle principal sobre a posterior interpretação do resto do texto” (Van Dijk, 1990, p. 59). Van Dijk lembra que “quando já conhecemos o tema, é mais fácil compreender as respectivas orações do texto” e “estabelecer a coerência global”.

A ausência ou indefinição do tema dificulta não só o entendimento, mas também evocação posterior da idéia central do relato. Outro risco é o desinteresse pela notícia, quando ela é de difícil compreensão ou demora a satisfazer a curiosidade do leitor.

Relatos como os apresentados a seguir exemplificam a situação descrita.

---

<sup>27</sup> Ver capítulo 2, seção 2.1.1.1.

# UHE-Itá começa a gerar energia ainda neste mês

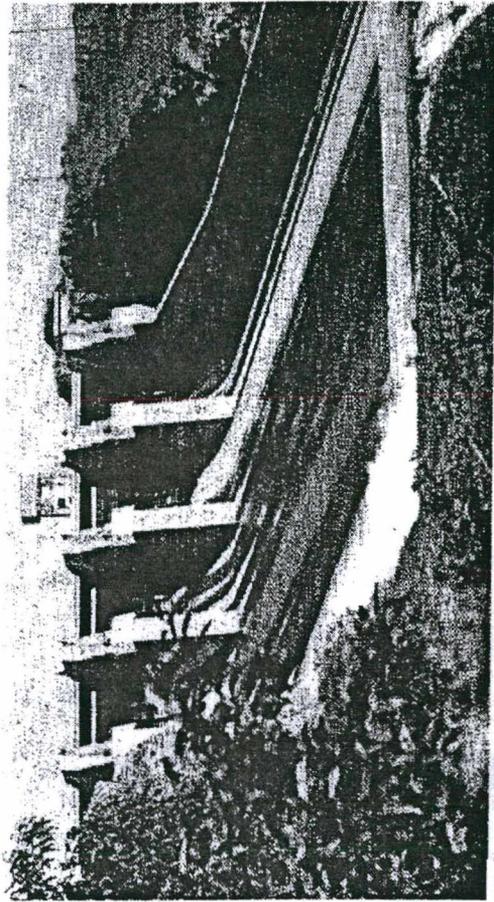


15 comemorado com uma grande festa.

A Usina Hidrelétrica de Itá terá capacidade para produzir 1.450 MW quando as três turbinas estiverem em funcionamento. A energia gerada pela primeira turbina, a partir do dia 15 de junho, será destinada ao sistema elétrico interligado do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A previsão é de que aumente em 45% a oferta de energia nas regiões mais industrializadas do País. O adiamento da inauguração não representa nenhuma perda, segundo o prefeito de Itá, Mílvo Zancanaro, "Haveria algum tipo de prejuízo caso o início da geração da

energia fosse adiada devido a algum problema na barragem".

A Hidrelétrica de Itá foi projetada no início dos anos 80 e começou a ser construída em 1985. Até 1995, a obra foi parada apenas com dinheiro público e passou por várias interrupções. A construção só deslançou quando a hidrelétrica foi vendida para um consórcio de empresas em agosto de 1995. A transferência para a iniciativa privada da hidrelétrica se completou em 1998, quando a Gerasul, estatal responsável pelo aumento da oferta de energia no sul do Brasil, foi vendida para um grupo belga.



Hidrelétrica de Itá começa a gerar energia no dia 30

## Macroproposições principais:

**Título:** início da geração de energia pela UHE-Itá

**Lead:** indefinição da data de inauguração da usina

O texto 1 apresenta como principal macroproposição "o início da geração de energia pela hidrelétrica de Itá". O título chama a atenção para este episódio; entretanto não é esta a informação trabalhada pelo *lead*. A notícia da geração de energia até consta no primeiro parágrafo, mas relegada a posição secundária, numa oração subordinada temporal, e sem praticamente nada acrescentar ao que já foi informado pelo título.

O *lead* desenvolve-se em torno de outra macroproposição, que é "a indefinição da data de inauguração da usina", não mencionada no título. Este episódio ganha a atenção do início ao fim do parágrafo introdutório, com descrição de detalhes, como as autoridades que deverão estar presentes e a expectativa do prefeito de Itá para a solenidade. A notícia, enfim, deixa de ser a geração de energia para ser a solenidade de inauguração da usina, com data indefinida.

As informações, embora relacionadas, têm a sua independência e criam expectativas diferentes nos leitores. O leitor interessado na inauguração não necessariamente pode estar interessado no início das operações da hidrelétrica ou vice-versa.

Desta forma, corre o redator o risco de não despertar interesse pela matéria, caso a intenção tenha sido informar sobre a inauguração. O título, ao propor outra informação, não atende a sua principal função, que é oferecer ao leitor, senão um resumo, ao menos uma indicação do tema central da notícia.

Caso a intenção tenha sido informar principalmente sobre a geração de energia, há também risco de desinteresse do leitor, por não encontrar de imediato as informações relacionadas a este episódio, já que o título lança uma expectativa que será satisfeita, em parte, somente pelo segundo parágrafo.

A falta de identificação entre uma idéia e outra pode, ainda, atrapalhar a assimilação das informações e comprometer a evocação, especialmente no caso de a leitura parar ao fim do primeiro parágrafo. A notícia da geração de energia praticamente se apaga após a série de informações sobre a inauguração da hidrelétrica. A informação do título só é reforçada a partir do momento em que se dão detalhes sobre a sua capacidade de produção e o que isso representa para o país.

O texto, portanto, é deficiente do ponto de vista cognitivo. Ele dá a impressão de que o redator não soube mensurar a importância das informações, identificando a principal delas. Num primeiro momento, até parece que a informação principal é a do título, mas a maneira como ela é colocada no *lead* leva a crer que se trata de informação velha, já conhecida do leitor. A informação nova, que faria jus à notícia, seria, então, a indefinição da data de inauguração da hidrelétrica, não trabalhada no título. A inauguração pode ser vista pelo leitor como consequência apenas das operações da usina; a importância mesmo estaria na possível vinda dos presidentes de três países e o que isso representaria para a região. Neste caso, a falha do redator seria dobrada porque esta informação não consta no título, tem papel diminuto no *lead* e não mereceu a atenção dos parágrafos seguintes.

# Mourão/Concórdia joga em casa dia 1º e na quinta



1 **Concórdia** - A arbitragem foi a grande vilã do jogo entre o Mourão/Concórdia e a equipe do Santa Catarina na cidade de São João Batista na quarta-feira à tarde. Esta é a opinião do técnico João Carlos Corina, depois da derrota de 2 a 1. "Nunca reclamei da arbitragem, mas o que o juiz (Ronildo Lopes) fez hoje, foi uma palhaçada", desabafou. Agora, a equipe concordiense terá que lutar muito para se recuperar. "Vamos brigar até o último minuto para ganharmos o título no primeiro turno", adiantou Corina. No próximo sábado, Mourão Concórdia joga outra vez fora de casa enfrentando Curitibanos, lanterna do campeonato. Já na segunda-feira, dia 1º, o concordiense poderá no-



Equipe espera o carinho e apoio do torcedor nos próximos jogos

vamente ir ao estádio municipal torcer por Mourão Concórdia que enfrenta Timbó, a partir das 16h. E, na quinta-feira, joga novamente em casa, às 20h30, contra o Guarani.

O jogo de quarta-feira foi marcado por falhas da arbitragem, segundo o técnico Corina. "Reconheço que mi-

nha equipe jogou mal, quase não tocou na bola, mas tem árbitros que não podem apitar os jogos", reclamou. De acordo com Corina, o pênalti contra o Mourão/Concórdia, no segundo tempo, foi escandaloso (não existiu); houve faltas violentas (não marcadas) em cima dos jogadores do Mourão e o juiz ainda

prolongou demasiadamente o jogo no final. "Acredito que ele estava com a intenção de ajudar a equipe da casa". O técnico ressaltou também a não presença de público no campo. "Isso desmotiva qualquer jogador e espero que a torcida de Concórdia nos dê muito apoio nos próximos jogos em casa". Bizu marcou o gol do Mourão Concórdia.

55 No domingo passado, o Mourão Concórdia, venceu o Blumenauense na base da garra e superação. Começou com um gol de pênalti, marcado por Bizu, mas terminou o primeiro tempo empatado em 1 a 1. No segundo tempo a Blumenauense virou o jogo em 2 a 1, em seguida Eric empatou para Mourão/Concórdia e a vitória veio com um segundo gol de Bizu. A equipe já havia perdido a liderança da Segundona na quarta-feira da semana passada, quando perdeu para o Internacional de Lages. Segundo o técnico, a equipe precisa melhorar sua atuação. Até agora, vem de três vitórias, um empate e duas derrotas.



A equipe de Natação CPC/FMEC participou do Campeonato Estadual de Natação, realizado em Joinville, nos dias 15 e 16 de abril. Na categoria Petiz (feminino) Louise Warnava ficou em 3º lugar nos 50m costas e nos 50m peito. Na categoria Infantil (masculino) Fernando Bastian classificou-se em 3º nos 50m livre. Já na categoria Juvenil Guilherme Antunes ficou em 3º nos 50m costas. No revezamento Infantil masculino a equipe formada por Fernando Bastian, Alexandre Faccin, Filipe Vivan e Davi Cadore conquistou o primeiro lugar. Já no revezamento Juvenil Guilherme Antunes, Paulo Bastian, Felipe Faccin e Júlio Gomes Filho ficou em 3º.

### **Macroproposições principais:**

**Título:** a realização em casa de dois dos próximos jogos do Mourão/Concórdia

**Lead:** a atuação da arbitragem na última partida do time

Caso semelhante ao anterior ocorre no texto 2, do mesmo jornal. O título destaca o fato de “a equipe de futebol do Mourão/Concórdia jogar em casa dois de seus próximos jogos”, mas o *lead* centra a atenção no “problema havido com a arbitragem na última partida do time”. Não há nenhuma relação do episódio relatado pelas primeiras sentenças com o do título. Eles são totalmente independentes, além do que um se refere ao passado; o outro, ao futuro. Da maneira como estão colocados, poderiam até ser tratados em matérias distintas. Nada impede associar um ao outro; o que é inadmissível, por motivos ligados ao processo de cognição, é o título contrastar de tal forma com o conteúdo inicial que o leitor pode sentir-se diante de outra notícia.

A informação do título só é encontrada no fim do primeiro parágrafo (linha 21), que, a esta altura, fica difícil chamar de *lead*, por ser excessivamente longo e não se ater a um tema central. Mesmo assim, o episódio é tratado com pouca importância: merece apenas oito das 75 linhas do texto. Após a linha 28, a notícia volta-se outra vez para a partida anterior e a informação do título não mais é retomada.

Além da falta de relação com o *lead*, o título peca pela falta de expressividade: seu conteúdo não é expressivo mesmo para o fragmento a que se volta. A informação principal desse fragmento (linhas 21 a 28) não é o fato de o time jogar em casa. Ela está implícita. Trata-se da possibilidade de, ao jogar em casa, o time ter maior possibilidade de se recuperar no campeonato depois da derrota sofrida.

O título, portanto, soa como implicatura, que o leitor precisa desvendar. Ele só conseguirá fazer a relação se desenvolver a seguinte lógica:

- a. O Mourão/Concórdia perdeu o último jogo por causa da arbitragem;
- b. A derrota deixou o time em situação difícil no campeonato;
- c. A equipe joga em casa duas de suas próximas partidas;
- d. Jogos em casa são mais fáceis de ganhar, por causa do apoio da torcida;

e. O Mourão/Concórdia pode se recuperar no campeonato, se a torcida ajudar.

Da forma como está redigido, o texto pode conduzir para este raciocínio, mas deveria ter sido mais explícito. O título, isoladamente, não ativa esta idéia. Ele depende de outras informações do parágrafo introdutório para fazer sentido. Tudo bem que a resolução de implicaturas pela busca de relações de sentido seja um bom exercício mental, mas prevalece o mandamento da Teoria da Relevância, segundo a qual o leitor busca o máximo de informações com o mínimo de esforço.

A lógica da notícia manda facilitar a interpretação para o leitor apressado de jornal ou menos informado sobre o tema que se noticia. A partir de um tópico principal, ele deve estabelecer com facilidade e rapidez as relações com os demais episódios. Logo, síntese representativa para esta notícia seria algo como: “Mourão/Concórdia tenta recuperação jogando em casa” ou “Mourão/Concórdia busca recuperação na torcida”<sup>28</sup>. Nestas manchetes também há implicaturas<sup>29</sup>, mas elas levam com maior facilidade ao entendimento que o texto quer dar.

Neste artigo, ainda, outra possibilidade seria a elaboração de um título voltado para a informação que recebe maior atenção no texto, ou seja, a falha da arbitragem no jogo anterior do Mourão/Concórdia. O *lead*, desta forma, estaria perfeito, além do que a informação inicial é retomada no parágrafo seguinte com maiores detalhes, como manda a estrutura da notícia<sup>30</sup>. Bastaria, portanto, mudar o título. Mas por que o redator não o fez desta forma?

Tudo leva a crer que o redator, ao fazer o título, tenha levado em conta um princípio elementar da notícia, não observado na elaboração do texto: o princípio da recência<sup>31</sup>. Como se trata de jornal de circulação semanal, a informação do jogo passado está velha, supostamente já foi dada pelo rádio e televisão e muito comentada durante a semana. Assim, quando o assunto for trabalhado pelo jornal, embora se trate de episódio significativo, não despertará mais interesse. O redator supostamente percebeu isso – mas não a tempo ou com a

<sup>28</sup> O número de caracteres não deve extrapolar o espaço disponível. Por motivos estéticos, é aconselhável que o título da matéria cabeça de página, quando ocupa toda a sua extensão, não tenha mais de uma linha. Havendo necessidade de explicação do título ou de se dar outra informação de relevância equivalente à principal, pode-se recorrer a um subtítulo, redigido em tipo menor. Ver capítulo 2, seção 2.2.4.2.2.

<sup>29</sup> Ver Grice (1967) e Meurer & Motta-Roth (1997).

<sup>30</sup> Ver capítulo 2, seção 2.2.2.

<sup>31</sup> Ver capítulo 2, seção 2.2.3.1.

convicção necessária para leva-lo a refazer a matéria, daí porque teria tentado corrigir a falha no título.

## Presidente da Afubra orienta fumicultores a produzir fumo mais leve

O presidente da Afubra (Associação dos Fumicultores do Brasil), Hainsi Gralow (foto), esteve em Mafra dia 22 a fim de informar aos fumicultores da região a situação do mercado do tabaco no Brasil e nos países produtores e para onde são exportados. Conforme Gralow esta é uma época oportuna para integração com os associados, uma vez que a categoria está se preparando para uma nova safra. Ele afirmou sair satisfeito do encontro com os fumicultores da região, ocorrido pela manhã na Sociedade União Fuchs, principalmente devido à participação massiva dos associados.



A orientação da Afubra para os fumicultores nesta safra é para que não se plante em excesso, caso contrário deve sobrar fumo no mercado. Os fumicultores brasileiros colheram na última safra 515 mil toneladas de fumo, 65 mil toneladas a mais que a colheita anterior. Com isso, os compradores foram mais seletivos, não oferecendo aos produtores o preço desejado. Segundo Gralow, na safra passada almejava-se vender o fumo a R\$ 2,10 o quilo, mas só conseguiu-se R\$1,87 pelo quilo do produto. Nesta safra a classificação média ficou em R\$2,25 o quilo, informa.

O presidente da associação ressalta que é mais viável planejar o plantio, além de seguir as normas para produzir o máximo com o mínimo de custo. "O fumicultor deve observar as regras técnicas para produção de um fumo mais leve, que é o que o mundo quer hoje", explica. Outra medida

importante, segundo Gralow, é a de não esquecer de diversificar culturas, ou seja, de plantar simultâneo ao fumo outros produtos, de acordo com a potencialidade das regiões, a fim de complementar a renda familiar. Gralow diz ainda que devem haver investimentos na área, desde que haja planejamento, a fim de evitar um endividamento incontrolável. Informa que a Afubra está em fase de atendimento dos fumicultores que precisaram do seguro agrícola e salienta que é necessário que os associados que não foram prejudicados com o granizo paguem seus prêmios de seguro a fim de que a associação prossiga em sua assistência aos produtores de fumo.

### OMS

No ponto de vista do presidente da Afubra, o fato da fumicultura proporcionar emprego a milhares de pessoas no mundo e grande receita aos governos são pontos positivos que

devem ser considerados antes de se fazer movimentações contra a fumicultura, como a que vem sendo desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), acredita Gralow. "Fala-se em diminuir o preço do fumo para desestimular o plantio", lamenta acrescentando que não pretende fazer campanha em prol do tabagismo quando fala em acreditar que o cigarro, desde que consumido com moderação, pode proporcionar somente prazer ao fumante. Conforme Gralow, a OMS precisa antes de articular campanhas anti-tabagistas, se preocupar em combater as doenças que estão tomando proporções incontroláveis, entre elas, a Aids.

### Projetos

A Afubra está lançando este ano a IV edição do Projeto Verde é Vida. O último livro ecológico de apoio didático-pedagógico preparado pela associação intitula-se "A Floresta e a Água" e deve em breve ter seu lançamento em Mafra. Gralow afirma que os planos da Afubra são sempre de expansão, por isso, planeja-se em uma ocasião oportuna instalar a filial da Afubra em Mafra em um espaço físico maior.

O presidente da Afubra partiu na tarde do dia 22 para a cidade de Imbituva, no Paraná. Sua agenda de intercâmbio e planejamento da safra com os fumicultores e diretoria das filiais da Afubra incluiu também os municípios de Irati, Erval do Oeste, São Miguel do Oeste, Tubarão, Araranguá e Santa Cruz do Sul.

(Cintia Kappke Medeiros)

### Texto 3- Tribuna da Fronteira – 27/5/2000

**Macroproposições principais:**

**Título:** orientação aos fumicultores para produzir fumo mais leve

**Lead:** visita do presidente da Afubra para falar sobre o mercado mundial de fumo

A dificuldade do redator para eleger o tema mais importante da notícia está evidenciada no texto 3. Não só pela falta de identidade entre título e *lead*, mas pela localização e superficialidade da informação eleita como manchete.

A informação do título, que deveria ser a principal, é dada somente no terceiro parágrafo (linha 40) e, mesmo assim, de forma vaga, sem que o leitor comum possa entender o que é “fumo mais leve”, a que o texto se refere. Não há explicação da informação, nem nos parágrafos seguintes - o que é aconselhável, quando se trata de termo técnico ou de domínio de um grupo restrito de leitores. Este detalhe sugere que a matéria foi feita para produtores de fumo e não para público mais amplo<sup>32</sup>, o que, por si só, pode afastar o interesse de contingente significativo de leitores. Mesmo que o texto seja lido, a informação poderá ter sua compreensão prejudicada.

Justamente por sua vagueza, a informação talvez não tenha despertado interesse nem do autor do texto, que só a elegeru como título para deixar a notícia mais atual, corrigindo, desta forma, falha cometida no corpo da matéria, em que não foi observado o princípio da recência. O *lead* inicia com informação velha: “o presidente da Afubra esteve em Maфра dia 22” (o jornal foi publicado dia 27). Supostamente, o redator quis antes de tudo agradecer a pessoa focalizada no artigo, o que também é defeito em jornalismo<sup>33</sup>.

Outra evidência do desinteresse pela informação do título e também da dificuldade para definir qual o tema principal da notícia é o fato de outros tópicos que poderiam ser considerados significativos serem trabalhados antes. Pelo menos três macroproposições podem ser destacadas:

- a. A época oportuna para integração da empresa e associados (linha 10);
- b. A orientação para o fumicultor não plantar em excesso (linha 20);
- c. A importância de se planejar o plantio (linha 35).

---

<sup>32</sup> Erbolato (1991, p. 55-58) diz que a notícia deve ser recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público. Acrescenta que as notícias devem ser selecionadas levando em conta o maior interesse que despertam.

<sup>33</sup> Para Erbolato (1991, p. 58), “o diretor, o repórter e os demais componentes da Redação devem ter *olho clínico* para evitar o desperdício de espaço com matérias que atendam apenas a vaidade das pessoas nelas focalizadas, mas que irritam os compradores de jornais.”

Para efeitos cognitivos, estas informações deveriam ter ficado para mais tarde, depois que o leitor já tivesse assimilado o tópico principal, que, no lugar onde está, fica perdido no texto. A matéria tem o defeito, ainda, de dar muitas informações sem aprofundá-las. Não há detalhes que ajudem a fixá-las, nem o vaivém normal da notícia, que vai subsumindo e ‘amarrando’ as informações, de modo a fazer do texto um todo coerente: o que sempre caracterizou o texto jornalístico é justamente o acúmulo de informação factual, o apelo ao detalhe e à prova empírica. Ao final, fica a sensação de que nenhuma informação restou ao leitor.

Os três textos, portanto, pecam por falta de significado global, de uma macroestrutura que formalize o tema ou o tópico do discurso como um todo. E, sem macroestrutura, não há coerência global, essencial para a compreensão e evocação do discurso (Van Dijk, 1999, p. 68-72).

## 6.2. RELATO CRONOLÓGICO E NENHUMA NOÇÃO DE *LEAD*

Texto jornalístico bem construído do ponto de vista cognitivo é o texto funcional, aquele em que o leitor recebe de imediato a informação principal. Isso proporciona economia de tempo na formação de uma representação mental e estabelece um sistema de controle no processamento do discurso. A partir de uma macroproposição, é mais fácil ao leitor ajustar as informações inferiores, compreendendo com mais clareza e rapidez a notícia.

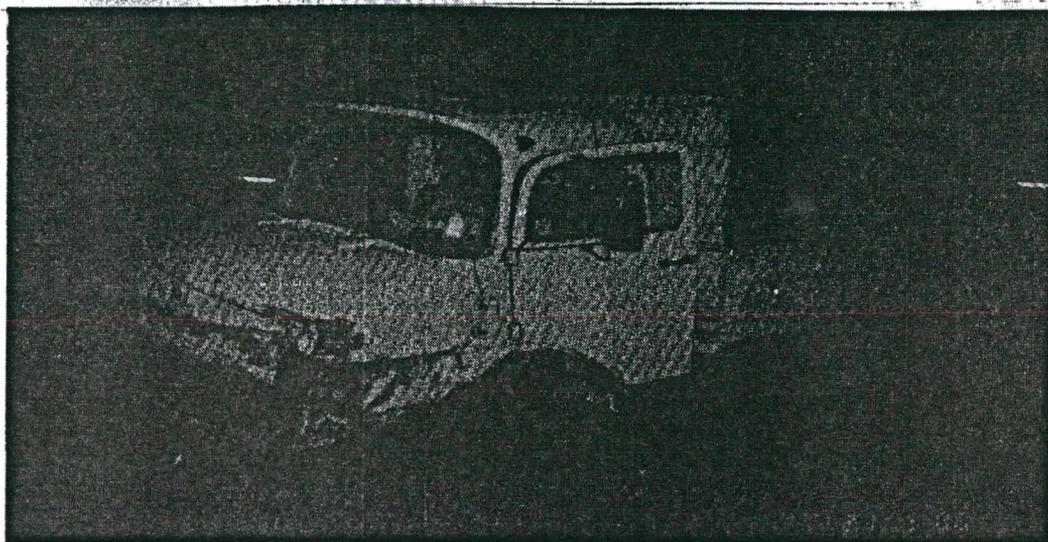
A pragmática da notícia, portanto, desconsidera a estrutura condicional dos fatos e ignora a seqüência cronológica de apresentação das informações, típica da narrativa. A lógica do texto jornalístico é expositiva<sup>34</sup>, com sua coerência funcional baseada na relevância: “a informação importante vem em primeiro lugar e os detalhes por último” (Van Dijk, 1999, p. 69).

Entretanto, este princípio básico do jornalismo, que deu origem ao *lead*, nem sempre é seguido pelos jornais do Contestado, conforme verificamos nos textos a seguir:

---

<sup>34</sup> Para melhor compreensão da diferença entre o *narrativo* e o *expositivo* no texto moderno, ver Lage (2000, p. 1-8).

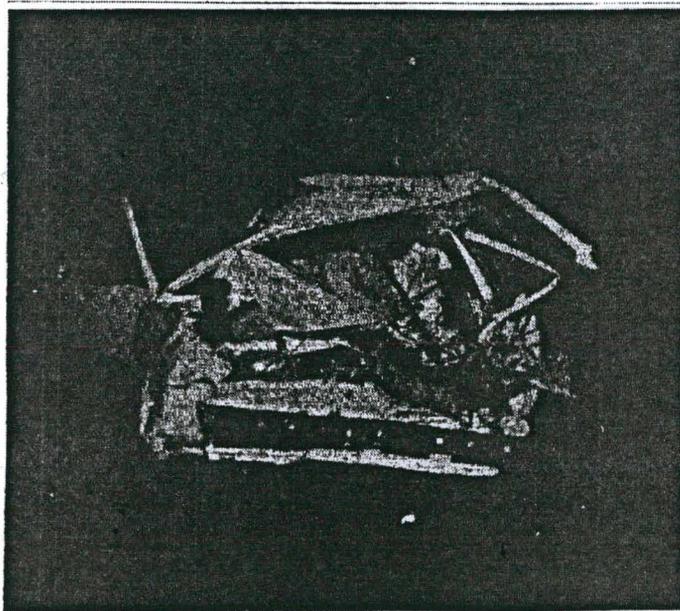
## Rionegrense morre em grave acidente



1 Por volta das 5:30 ho-  
ras de domingo passado,  
o Corpo de Bombeiros de  
Rio Negro foi acionado  
5 para atender um grave  
acidente ocorrido no km  
201 da BR 116, na conhe-  
cida como "curva do Co-  
légio Agrícola", envol-  
10 vendo dois caminhões e  
um veículo de passeio.  
Edson Arantes Maciel  
(22 anos), conduzia o Gol  
placas LXX 1773, quan-  
15 do colidiu contra o cami-  
nhão Mercedes Benz pla-  
cas BWF 4293 de Porto  
União, conduzido por Ta-  
deu Cjelinski. Com o im-  
20 pacto do acidente, o mo-  
torista do Gol teve morte  
instantânea e seu acom-  
panhante Magnus Vini-  
cius Cardoso de Moura -  
25 também de 22 anos, aca-  
bou sofrendo graves le-  
sões no tórax e abdômen,  
sendo encaminhado às  
pressas para a Unidade

30 Ambulatorial de Emer-  
gência do município. O  
caminhão Mercedes Benz  
de placas ISB 6744 con-  
duzido por João Tasca e  
35 que vinha no mesmo sen-  
tido do veículo Gol, aca-  
bou colidindo contra a  
traseira do automóvel,

ocasionando um grande  
40 susto no motorista e da-  
nos em seu caminhão. O  
Corpo de Bombeiros de  
Rio Negro teve bastante  
trabalho para retirar a ví-  
45 tima fatal dentre as ferra-  
gens do veículo, que ficou  
totalmente destruído.



Texto 4 – Gazeta de Riomafrá – 24/5/2000

A disposição da notícia em um único parágrafo de 47 linhas é a primeira falha evidenciada no texto 4. Não há separação formal de *lead*, *sublead* e outras categorias que formam o texto jornalístico. Mas, supondo-se que o *lead* seja constituído pelo primeiro período, cabe verificar se nele encontram-se as informações mais importantes.

A razão da notícia é a morte de um rionegrense (cidadão da cidade em que o jornal é editado) em acidente de trânsito. O tema (o “o que”) está explicitado no título. Competiria ao *lead*, portanto, retomar ou complementar esta informação com seus aspectos mais relevantes. E o mais relevante neste caso seria informar quem é a pessoa morta no acidente. É ela que interessa ao leitor. Na seqüência, viriam as informações circunstanciais: “quando”, “onde”, “como” e “porque”.

O período inicial, entretanto, fornece uma informação secundária, irrelevante ao leitor, que é “o socorro prestado pelo Corpo de Bombeiros”. Esta informação até poderia ser dada ao final, se houvesse espaço, mas é dispensável. Logo, nada justifica que apareça no lugar mais nobre do texto, retardando o que o leitor realmente quer saber.

Outra falha é priorizar as circunstâncias em detrimento do sujeito da notícia. Isso só faz sentido quando a circunstância é o inusitado ou curioso<sup>35</sup>, o que não é o caso aqui, embora haja insinuação neste sentido ao nomear o local do acidente como “a conhecida curva do Colégio Agrícola”. Se a curva é lugar perigoso, responsável por mortes anteriores, então caberia ao redator atualizar esta informação. A curva, neste caso, poderia até ser foco de reportagem, o que funciona bem em jornal semanal (ver capítulo 7), que, ao noticiar apenas eventos factuais, corre sempre o risco de trabalhar com informação velha.

A curva, entretanto, não é o tema deste texto. O tema é a morte de um rionegrense, informação dada somente na linha 21, depois de novos detalhes (descrição dos veículos envolvidos no acidente) que também poderiam ser deslocados para depois. Informação importante também preterida (pelo lugar em que se encontra – linha 23) é a de que o carro da vítima levava um passageiro que se feriu gravemente. A informação do estado de saúde do passageiro, aliás, deveria ter sido atualizada no dia de fechamento da edição.

Mas voltando ao foco desta análise, verifica-se que se trata de relato cronológico, a partir da observação da entidade que prestou socorro ao acidente, o que leva a deduzir que a notícia tenha sido redigida baseada no boletim de ocorrência do corpo de bombeiros, sem a observância dos princípios elementares da redação jornalística.

<sup>35</sup> Ver Lage (1981, capítulo 7; 1985, p. 31-33).



a. *A Câmara de Vereadores autorizou o custeio de despesas de viagem de negócios à China para apenas duas das quatro pessoas solicitadas pelo prefeito. O diretor de Desenvolvimento Econômico, Claudiomar de Lima, e o presidente da Coopercanoinhas, Edmar Gonçalves Padilha, não poderão ter suas despesas pagas pelo município.*

ou

b. *O diretor municipal de Desenvolvimento Econômico, Claudiomar de Lima, e o presidente da Coopercanoinhas, Edmar Gonçalves Padilha, não poderão integrar viagem de negócios à China com despesas pagas pelo município. O pedido do prefeito Orlando Krautler foi vetado pela Câmara de Vereadores, que autorizou apenas o pagamento das despesas do chefe do Executivo e do presidente da Câmara.*

Nunca é demais ressaltar que a notícia é o veto da Câmara e não o pedido do prefeito. Primeiro, porque o pedido é causa, e a notícia, “devido ao princípio da ‘recência’, dedica atenção especial aos resultados ou conseqüências dos eventos” (Van Dijk, 1999, p. 146). Segundo, porque a informação de que o pedido do prefeito foi negado é suficiente por si só. Ela já pressupõe<sup>36</sup> que houve um pedido, sendo, portanto, dedutível esta informação. Se houve veto a um pedido, é porque houve pedido.

Dada a informação principal, seria a vez, daí sim, de dizer o porquê do veto e detalhar a razão da viagem, já indicada nos modelos propostos nos itens “a” e “b” (viagem de negócios). A razão de uma viagem de comitiva do município a uma nação distante e de importância significativa no cenário mundial deve despertar a curiosidade do leitor. Portanto, é justificável que ela seja informada logo, o que, aliás, o texto do *Correio do Norte* faz bem. O objetivo da viagem é informado a partir da linha 6.

*A Semana* (texto 6) preocupa-se em relatar como foi informado do ocorrido e não em dizer ao leitor o que aconteceu. Da maneira como o texto é redigido, o jornal dá a entender que o importante é como a imprensa ficou sabendo do episódio e não o que ocorreu.

<sup>36</sup> Sobre a lógica pressuposicional, ver Ducrot (1977, 1987) e Moura (1999).

# Carpas aparecem mortas no Rio Correntes



Carpas mortas são tiradas diariamente do Rio Correntes.

tes, lodo do fundo do rio, além de alguns exemplares de peixes mortos. O material foi levado para laboratório do Centro de Ciências Agroveterinárias, na cidade de Lages, para análise. "Primeiro vamos apurar do que se trata, depois vamos atrás dos responsáveis", declarou o subtenente da PA Ângelo Zampolli.

Zampolli levanta três hipóteses para a mortandade: desequilíbrio natural no ecossistema do Rio Correntes; agrotóxicos utilizados na agricultura ao longo do rio - principalmente na cultura da maçã, uma vez que o rio atravessa o município de Fraiburgo, - e rejeitos industriais expelidos pelas indústrias papeleiras que estão acima daquele ponto.

O prefeito de Frei Rogério, Takashi Chonan, que acompanhou o trabalho da Polícia Ambiental, lembrou que em 1991 e 1992 também ocorreu mortandade de peixes ao longo do Rio Correntes, mas naquela vez haviam todas espécies de peixes, e não só de carpas como desta

1 O "A Semana" foi chamado à localidade de Salto Correntes, próximo à empresa Iguazu Papel e Celulose, para registrar um fato estranho, quando aparecerem boiando pelo rio, uma quantidade enorme de carpas, todas de porte grande, pesando de 10 a 15 quilos. O policial Valdecir, de Frei Rogério, preocupado com a cena que os moradores vinham presenciando anunciou a imprensa, bem como a Polícia Ambiental de Lages, para investigar a origem da mortandade. No dia 28, policiais do 6º Batalhão de Polícia Militar de Lages estiveram no Rio Correntes, colhendo material para análise. O objetivo é descobrir as causas da mortandade de peixes que está ocorrendo há pelo menos 10 dias numa extensa área de seu manancial e em alguns de seus afluentes. Está estimado pelos moradores do Salto Correntes, que mais de 1500 exemplares de carpas foram retiradas do rio, e todas de grande porte. Na represa da Iguazu chegou a ser registrado mais de 100 delas por dia, sempre pesando entre 10 e 15 quilos.

Na vistoria da Polícia Ambiental, dia 28, apesar do volume do rio ter aumentado devido as chuvas, foram encontradas dezenas de carpas ao longo das margens do Rio Correntes, acima da represa. "Nos primeiros dias a gente observava que as carpas estavam boiando, ainda vivas, mas bastante tontas. Aí começaram a aparecer mortas", declarou Mário Novakoski, morador da região.

A Polícia Ambiental recolheu amostras da água em cinco pontos diferen-

## Texto 6 – A Semana – 1/4/2000

O que o jornal faz é um relato cronológico a partir de sua ótica, registrando informações irrelevantes, que remontam ao momento em que a notícia chegou à redação. A matéria, além de pessoalizada e sem nenhuma objetividade, usa espaço desnecessário ao dizer o que o leitor não precisa e provavelmente não quer saber para estar informado do ocorrido.

Não é relevante ao leitor a informação de que “o jornal foi chamado para registrar o fato” (linhas 1 a 6). O que interessa é o fato. Também não interessa quem informou a imprensa (linhas 11 a 16). Quando lê uma notícia, o leitor não está preocupado em saber como a imprensa ficou sabendo sobre ela. Inconscientemente, parte do princípio de que é papel da imprensa saber o que acontece.

Desta forma, o parágrafo introdutório gigantesco (41 linhas) poderia ser resumido em poucas linhas, dando idéia mais clara do ocorrido ao leitor. Uma possibilidade seria esta:

- a. Centenas de carpas, algumas pesando até 15 quilos, estão morrendo no Rio Correntes. O fato, segundo moradores da localidade de Salto Correntes, ocorre há 10 dias em área extensa do rio (seria o caso de informar o tamanho da área) e também em alguns afluentes (quantos?). Na represa do Iguaçu, foi registrada a morte de mais de 100 peixes por dia. A Polícia Ambiental investiga as causas da mortandade.*

Este seria um possível *lead* para a notícia. Objetivo, iria direto ao assunto, daria as informações que o leitor precisa e deixaria a critério dele a busca de detalhes, como, por exemplo, as supostas causas da mortandade. Esta informação, aliás, poderia ser priorizada no *lead*, caso se considerasse velha a notícia sobre a morte dos peixes. Basta observar que quatro dias já separam o registro do fato (28 de março) da publicação da notícia (1º de abril); provavelmente, a mortandade não seria mais novidade. O que o leitor pode estar querendo saber agora é o motivo do incidente (informação dada somente no quarto parágrafo, já no fim do texto). Uma possibilidade de *lead* que atualizasse a notícia seria esta:

- b. A mortandade de peixes no Rio Correntes pode estar sendo provocada por uma das seguintes causas: desequilíbrio natural, contaminação da água por agrotóxicos ou despejo de resíduos industriais. Carpas de até 15 quilos estão morrendo há cerca de 10 dias principalmente na localidade de Salto Correntes. Na represa do Iguaçu, foi registrada a morte de mais de 100 peixes por dia.*

Ao *sublead*, caberia detalhar cada uma das possíveis causas, explicitando os fatores que levam a elas. Também seria o caso de informar qual o tempo para a conclusão das análises da

água e dos peixes. Desta forma, estaria se oferecendo ao leitor uma notícia nova, atual, e não fato já conhecido, de domínio público e, por isso, sem interesse.

### 6.3. INVERSÃO DAS CATEGORIAS ESQUEMÁTICAS

O capítulo 2 (seções 2.2.2. e 2.2.3.) deste estudo mostrou que a notícia tem uma estrutura temática, denominada macroestrutura, mas também uma estrutura esquemática, denominada superestrutura. Esta é encarregada de organizar aquela, e ambas “ajudam o leitor a organizar informação na memória” (Van Dijk, 1999, p. 152).

A superestrutura é o esquema da notícia, ou seja, a forma como as categorias são ordenadas no texto. E as categorias óbvias deste esquema são a manchete e o *lead*, que aparecem primeiro<sup>37</sup>, expressando os temas mais relevantes e importantes da estrutura temática.

Van Dijk (1999, p. 152) explica que o esquema facilita a produção, porque ajuda “a organizar a complexidade por vezes desconcertante dos temas da notícia”, mas o mais importante, de acordo com nosso estudo, é que os princípios adotados na produção proporcionam leitura estratégica que favorecem a compreensão e memorização do discurso.

Segundo Van Dijk (1999, p. 142-143), “Manchetes e *leads* são lidos e interpretados em primeiro lugar, e sua informação formal ou semântica inicia um complexo processo de compreensão”, aqui apresentado de forma resumida e adaptada:

1. Manchetes e leads são reconhecidas como tal, estabelecendo ou confirmando o modelo de contexto comunicativo. O leitor sabe que está lendo jornal, que envolve interesses, objetivos e crenças específicas.
2. As proposições iniciais, explícitas e subjacentes, ativam conhecimentos e crenças e instanciam scripts relevantes e modelos da memória, que fornecem a base para que o leitor determine a importância do conteúdo e decida se está interessado ou não em obter informação sobre ele.
3. As categorias iniciais indicam ou expressam macrotópicos relevantes, que podem ser estrategicamente usados para construir os níveis mais altos da base textual e do modelo de situação particular para este artigo. Este(s) tópico(s) provisórios de nível superior podem ser usados como mecanismos

<sup>37</sup> Para saber as demais categorias, ver capítulo 2, seção 2.2.2. Estudos mais completos são encontrados em Van Dijk (1990 e 1999) e Lage (1985).

de monitoração top down para a compreensão e organização do resto do texto.

4. Os primeiros parágrafos são usados para construir macroproposições completas, para confirmar (ou rejeitar) as macro-hipóteses iniciais do leitor, e, para, posteriormente, ampliar a macroestrutura e o modelo do texto.
5. A distribuição descontínua de tópicos no texto noticioso pode ser estrategicamente posta sob controle pela função de monitoração dos tópicos centrais. A estrutura hierárquica dos temas permite “desembaralhar” a estrutura tópica “embaralhada” da notícia.

Por sua importância estratégica e cognitiva é que se compreende a difusão do esquema, nem sempre adotado, entretanto, pelos jornais do Contestado. Não em razão de esquema alternativo, que produza efeitos semelhantes, mas, ao que parece, por desconhecimento da eficiência da forma convencional.

### 6.3.1. A história antes do fato

Pela estrutura convencional da notícia (ver capítulo 2, seção 2.2.2.), as categorias ‘contexto’ e ‘história’ figuram entre as últimas do relato. Têm por objetivo situar a informação principal dentro de um contexto (social, político, histórico) determinado e resgatar acontecimentos do passado de alguma forma relacionados ao evento presente, de modo a complementar a informação e dar ao leitor idéia mais geral do fato noticiado.

Esses dados, entretanto, só interessarão ao leitor depois de dada a informação principal. Eles estão ali para complementá-la e só fazem sentido por causa dela. Portanto, dificilmente alguém vai querer saber o complemento antes do elementar.

Logo, a estrutura da matéria a seguir (texto 7) é desaconselhável:

O texto não só historia o fato antes de apresentá-lo, como começa com uma introdução vaga e desnecessária, conhecida no jargão jornalístico como *nariz-de-cera*<sup>38</sup>. O assunto da notícia é apresentado apenas na linha 4, mas sem ir direto ao tema, que é “a assembléia que pode pôr fim à greve”, noticiada só ao final do parágrafo. O título, em si, é ambíguo, de vez que o verbo decidir, no presente, tanto pode ser complementado pela decisão (o mais comum)

<sup>38</sup> “O nariz-de-cera vigorava na linguagem jornalística antes do surgimento do lide. Consistia num preâmbulo muitas vezes desnecessário” (Rabaça & Barbosa, 1987, p. 413), “retardando a entrada no assunto específico do texto” (Manual da Redação, 2001, p.86).

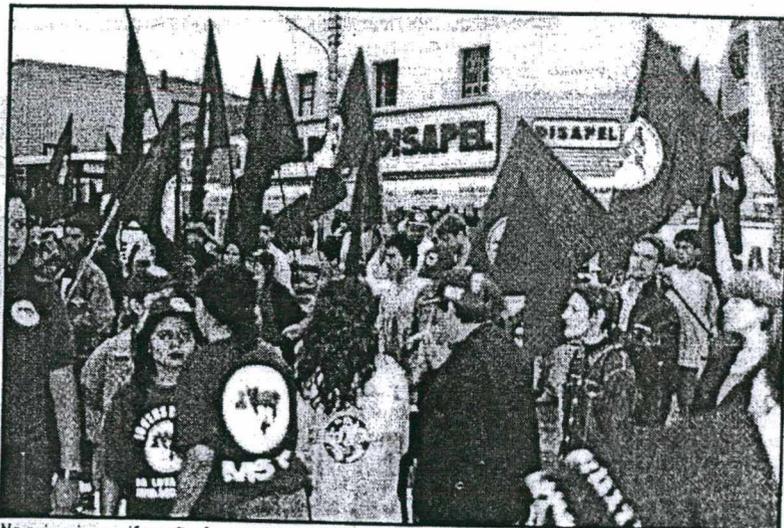
quanto pelo assunto; e o complemento, no caso, admite as duas interpretações, favorecendo a primeira, que não é a real.

## Greve dos professores Assembléia decide fim de paralização

Abril e maio foram de extrema turbulência para o Governo Federal que teve que suportar a paralização do funcionalismo público de vários setores. Em Santa Catarina o mais preocupante foi dos professores. A greve iniciou no começo de abril com uma adesão de 50%. Até perto do dia 18 de abril, o número aumentou para 70%, segundo informações do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Santa Catarina (Sinte/SC). Até o momento, 3.347 professores continuam sem trabalhar. Isso representa 8% do quadro, aproximado em 42 mil docentes. A proposta do governo Estadual para acabar a greve no Estado está sendo discutida hoje em Assembléia Geral em Chapecó com a participação de professores e sindicalistas do Estado. Uma decisão positiva pode levar a greve ao fim.

Com quase 60 dias de paralização, o Governo aceita algumas reivindicações do magistério. Uma delas é a volta do vale-alimentação, (no início do mandato do atual governo ele já estava em vigor, mas foi retirado por contenção de despesas), pagamento de promoções do ano de 99 e adiamento do calendário dos pagamentos atrasados. Quanto ao reajuste de 53,89%, reivindicado pelos grevistas, o Governo propôs uma medida paliativa com a aprovação do novo plano de carreira que inclui um reordenamento de salários, o que pode gerar alguns reajustes.

Por enquanto, a discussão gira em torno da reposição das aulas. A aprovação da proposta de reposição irá normalizar a situação dos salários dos professores grevistas. Cerca de 4 mil docentes tiveram desconto na folha de maio.



Na primeira manifestação do magistério, MST engrossou o ato no Largo Caçanjurê

### Texto 7 – Folha – 7/6/2000

Até a linha 11, o leitor não recebe nenhuma informação do tema anunciado no título, que é a notícia propriamente dita. Ao invés de noticiar a assembléia e o que ela pode decidir, o texto preocupa-se em fazer um apanhado histórico da greve e em contextualizá-la, em dar informações que deveriam ser deslocadas para o fim da matéria. A greve não é mais notícia. O leitor já sabe de sua existência. O que ele quer saber agora é se a greve pode ou não acabar. Esta é a informação buscada. Logo, isto é o que deve ser noticiado primeiro.

A contextualização e o resgate histórico do movimento só interessarão aos leitores menos informados ou em busca de dados adicionais ao fato principal. Portanto, os demais devem ser poupados dessa leitura, para eles, desnecessária. A anteposição de informações estranhas ao título pode confundir o leitor, atrapalhar sua compreensão ou mesmo desestimulá-lo a continuar a leitura, fazendo-o contentar-se apenas com o título. Neste caso ele poderá concluir que a paralização acabou, o que não é o caso.

### 6.3.2. Antecipação de detalhes

Pelas razões já expostas, detalhes também não devem se antecipar aos tópicos principais. É aconselhável, primeiro, dar idéia clara ao leitor do que trata a notícia, para depois então apresentar a documentação (com os detalhes) referente ao tema ou temas abordados no texto.

Assim, ao *lead* e *sublead* cabe o papel de apresentar os eventos<sup>39</sup>, na ordem de sua importância, e não de detalhá-los, como faz a matéria a seguir (Texto 8), cujo primeiro parágrafo não pode ser considerado um *lead*, exatamente porque pouco informa:

Descontada a baixa informatividade<sup>40</sup>, manchete e olho abaixo dela criam a expectativa para a abordagem de dois temas importantes no contexto local (de circulação do jornal):

1. O tombamento de terrenos fossilíferos.
2. O asfaltamento do aeroporto local.

O modo como os temas são abordados na manchete e olho dá a entender que ambos os fatos têm a mesma relevância e receberão atenção parecida no texto. A leitura da matéria, todavia, mostra preferência pelo tema “1”, que seria considerado (pelo redator) o evento principal. Embora nenhuma distinção tenha sido feita anteriormente, seria possível considerar o tema “2” como segundo evento em importância.

Mesmo assim, e principalmente pela expectativa que se cria na manchete e em seu texto de apoio, ambos os fatos deveriam ter recebido tratamento parecido no texto. Mas não é o que ocorre. O primeiro e segundo parágrafos tratam apenas de um deles: “o tombamento de terrenos fossilíferos”. O tópico “asfaltamento do aeroporto local” só é abordado no terceiro parágrafo. Até aí parece que o assunto foi esquecido, e o leitor interessado nele pode ser desestimulado a continuar a leitura.

<sup>39</sup> Ver no capítulo 2, seção 2.2.2., distribuição adotada pelos jornais brasileiros. Maiores detalhes em Lage (1985, p. 37-38).

<sup>40</sup> Não é objetivo deste estudo analisar o grau de informação e objetividade dos títulos e sentenças. No entanto, pode-se observar que, quando um assunto é discutido em reunião, importa o que se concluiu ou, não havendo conclusões, que posições estiveram em confronto.

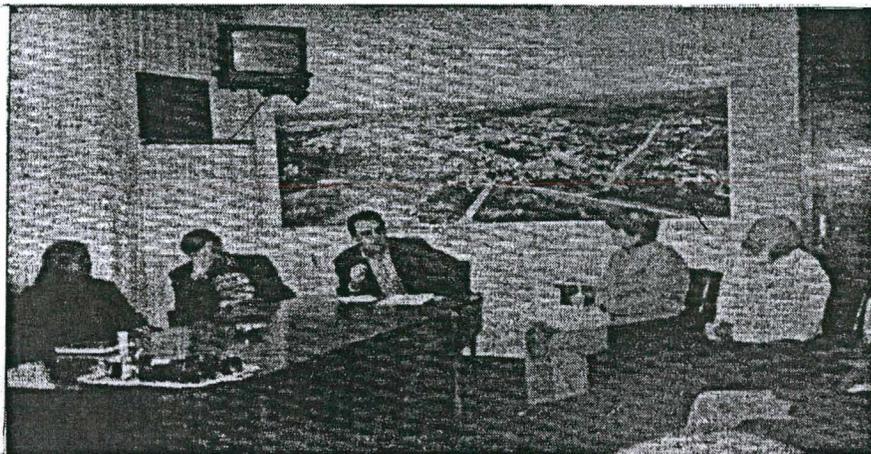
## Terrenos fossilíferos e aeroporto regional foram temas de reunião em Mafra

Em reunião realizada na última segunda-feira no gabinete do prefeito Carlos Saliba, contando com diversas lideranças riomafrenses, foram tratados assuntos relativos ao tombamento de terrenos fossilíferos e sobre o asfaltamento do aeroporto local

Na presença de representantes das Associações Comerciais de Rio Negro e Mafra, prefeitos das duas cidades, vereadores, representantes do Clube de Ultraleves Águia do Planalto; Universidade do Contestado, Fiep, comércio e indústria e ainda do paleontólogo Oscar Rösler, o prefeito mafrense afirmou que será dado todo encaminhamento necessário, para o tombamento de áreas no km 9 em Mafra - que se constituem "Localidade Tipo" de novas espécies e novos gêneros de peixes fósseis.

O objetivo do tombamento é preservar a área para pesquisas e formação de um museu a céu aberto, onde poderão ser observadas camadas geológicas e a inserção dos fósseis nas sucessões sedimentares. O anúncio foi feito quando Saliba recebeu dos representantes do Consórcio Cenpáleo, o pedido de tombamento da área de 15m<sup>2</sup> que se constitui em sítio fossilífero. Ele afirmou que quanto a parte legal do processo, será dado encaminhamento imediato, mas destacou que a questão da aquisição da área deverá respeitar as novas normas da Lei de Responsabilidade Fiscal. Para tanto o prefeito garante que determinará à assessoria jurídica do município, estudo urgente da questão.

Um dos pontos que recebeu maior atenção durante a reunião foi a questão da pavimentação do Aeroporto de Mafra. O prefeito afirmou por várias vezes que toda comunidade de Rio Negro e Mafra deve encetar esforços para que o aeroporto possa ser asfaltado,



obra que considerou imprescindível para receber os visitantes aos museus e pesquisadores científicos na questão Cenpáleo.

**"Desejo reafirmar minha preocupação pela necessidade premente da pista ser pavimentada. A questão é essencial para o bom andamento do projeto e para o desenvolvimento de toda a região".**

**Carlos Saliba**  
prefeito de Mafra, falando sobre a importância do asfaltamento do aeroporto local

### CENPÁLEO

O Centro Paleontológico que inclui o Museu da Terra e da Vida é um projeto amplo, que trará inúmeros benefícios à pesquisa geológica e às comunidades envolvidas. O Museu servirá como palco para circulação de estudantes, professores, cientistas, turistas e interessados em propagar o conhecimento científico e cultural. Para Mafra, Rio Negro e região, apresentará em desenvolvimento econômico.

Todos os presentes concordaram sobre a ne-

cessidade urgente de pavimentação do aeroporto. Ficou estabelecido que o Clube Ultraleves, a pedido do prefeito Saliba, deverá capitanear esforços, com apoio das ACIs, para que a obra seja concretizada.

O prefeito Ary Siqueira afirmou que o aeroporto não é importante apenas para Mafra, mas também para Rio Negro, e às regiões Sudeste do Paraná e Norte Catarinense. Arlindo Miguel, presidente da ACI de Mafra considerou que o Cenpáleo pode ser o diferencial da região, mas precisa do esforço de todos para que o projeto caminhe de forma coesa.

**"A Universidade do Contestado está disposta a continuar investindo no Cenpáleo, para que o projeto se consolide e possa ter continuidade".**

**Mário Fritsch** - diretor presidente da UnC, sobre o Projeto Cenpáleo

**"A área de influências do aeroporto irá para toda a região norte catarinense e sul paranaense e será razão de futuros investimentos, provavelmente até de empresas multinacionais como a Bandag -**

**que irá investir mais 12 milhões de dólares em nossa cidade, para ampliação do parque fabril".**

**Laydsmar Gomes**  
vereador em Mafra

### VERBAS PARA ASFALTAMENTO

O vereador mafrense, Laydsmar Lichnerski Gomes, adentrou com Requerimento ao Plenário nesta semana, solicitando que seja incluído no Orçamento Anual para 2001 e também na Lei das Diretrizes Orçamentárias, o montante de R\$ 100 mil para viabilização do projeto de arquitetura e engenharia para a construção do Aeroporto Regional em Mafra. Gomes justificou o pedido citando que o desenvolvimento do planalto norte passa pela necessidade da existência de um aeroporto pavimentado, que possibilite a operação comercial de voos regulares. Cita ainda o edil, que o empenho da atual administração é de fundamental importância para a viabilização do projeto, contando com o apoio do Clube de Ultraleves Águia do Planalto. Laydsmar lembrou ainda, que a classe empresarial também está lutando pelo asfaltamento do aeroporto, apoiados pelo Clube de Diretores Lojistas e Associação Comercial e Industrial.

O problema é que, ao invés de apresentar o evento de segunda importância (e distinção já deveria ter sido feita na manchete) no *sublead* ou ainda no *lead*, ao lado do evento principal, o texto parte para o detalhamento deste tópico, o que deveria ter ficado para mais tarde, depois que o leitor tivesse tomado ciência (de forma resumida) do que a reunião relatada propôs para ambos os temas.

A confirmação dos temas do título com duas macroproposições iniciais resumidoras daria idéia geral da notícia, criando expectativas e motivando a continuação da leitura, em busca de detalhes, caso se confirmasse o interesse pelo conteúdo anunciado nos tópicos. Também aceleraria a ativação de representações mentais, preparando o leitor para receber a documentação referente aos eventos noticiados.

O mais importante nesta notícia é o possível “tombamento de terrenos fossilíferos” e “o asfaltamento do aeroporto” e não os participantes da reunião. Para o leitor, a reunião em si não interessa, o que importa são as suas definições. Portanto, a nomeação dos sujeitos presentes ao encontro não passa de detalhe. Os nomes não precisariam figurar no *lead*, mas, caso se considerasse isso necessário, tendo em vista o encaminhamento das propostas, deveriam ao menos ter sido citados por último e não inicialmente, como ocorre.

## Kindermann, *faltando* uma vitória para a classificação

**Vitória de dois a zero sobre a Chapecoense, no sábado, coloca o clube próximo à vaga no hexagonal**

**A**o derrotar a Chapecoense, sábado a tarde no Estádio Costa Neves, por 2x0, a Sociedade Esportiva Kindermann reacendeu suas esperanças numa das vagas da Chave “C”, do Estadual de Juniores, para disputar o Hexagonal deste ano, repetindo o feito do ano passado, quando decidiu com o Criciúma o título estadual.

Não fez um bom primeiro tempo: a equipe esteve muito lenta. No segundo tempo o técnico Cabinho fez algumas alterações que propiciaram maior movimentação do time da casa até chegar ao primeiro gol que aconteceu aos 19 minutos. Vanderlei, que substituiu Giovani, entrou pela direita da defesa adversária chutando contra o corpo do goleiro Robson. Roni que vinha na corrida completou para as redes.

Aos 35 minutos, outra vez Roni, agora aproveitando uma desatenção da zaga contrária, que pedia impedimento do atacante, avançou e na saída do goleiro colocou no canto esquerdo.

Com dois a zero, e a essa altura, dominando completamente o adversário, o time limitou-se a tocar a bola até o final do jogo.

Com o triunfo sobre a Chapecoense, a Sociedade Esportiva Kindermann está a um passo de conseguir uma das duas vagas. Soma 9 pontos contra 10 da Chapecoense e 10 também do Fraiburgo. Só que, enquanto a Kindermann fará seu último jogo em Lages, contra o time local, Chapecoense e Fraiburgo enfrentar-se-ão no Estádio Índio Condá. Para chegar a classificação, todavia, é necessário passar pelo Lages.

O problema do texto 9 é que sua informação principal aparece por último, no pé da matéria: o redator percebeu isso, tanto que é de lá que extrai o título. O que faltou, todavia, foi trazer para a frente o último parágrafo.

A introdução não é problemática. Ela completa a informação principal e poderia, com ela, compor o *lead* e *sublead* da notícia. Os detalhes relativos ao jogo passado é que deveriam ter sido deslocados para o fim, por se tratarem de informação velha. A notícia agora é o jogo que pode garantir a classificação.

Uma sugestão de *lead* (e *sublead*), respeitando a idéia original, seria a seguinte:

*A vitória sobre a Chapecoense reacendeu a esperança da Kindermann no Estadual de Juniores. Se vencer sua última partida desta fase, conquista uma das duas vagas restantes para o hexagonal.*

*Com 9 pontos, o time está atrás da Chapecoense e do Fraiburgo, que têm 10, mas conta com a vantagem de que estas equipes jogam entre si, enquanto a Kindermann faz seu último jogo contra Lages. Se vencer, independentemente do resultado da outra partida, consegue a classificação.*

Na seqüência da matéria, caberia a retomada do jogo anterior; a disputa do título, no ano passado, poderia ser deslocada para o fim do texto.

#### 6.4. CADÊ A INFORMAÇÃO DO TÍTULO?

Quando se lê uma notícia, o que de mais óbvio se espera é que o texto apresente ou confirme o que está sendo anunciado no título. Caso contrário, estará se anunciando uma coisa ao leitor e se entregando outra. Além de perder tempo em busca da informação que lhe interessa, o leitor se sentirá enganado ao perceber que ela não se encontra no texto e dificilmente aproveitará ou lembrará algo da matéria, já que o título foi o que o motivou a lê-la. Questiona-se a validade, portanto, de notícias cujo conteúdo não seja o que foi anunciado no título, como as apresentadas a seguir:

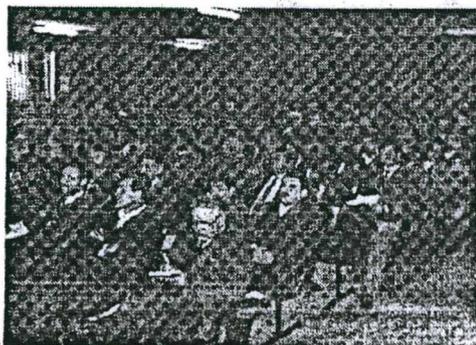
## Fórum de Conjuntura aponta caminhos para a avicultura e suinocultura

1 O 1º Fórum de Conjuntura Nacional de Suínos e Aves, promovido pela Embrapa Suínos e Aves em parceria com a Secretaria da Agricultura de Santa Catarina no dia 28  
5 de julho, das 13h30m as 19h30m, no auditório do Parque de Exposições Atílio Fontana, conseguiu apontar caminhos importantes para a suinocultura e avicultura  
10 brasileiras. As principais lideranças nacionais dos dois setores debateram durante o evento sobre competitividade regional, exportações, sanidade animal, meio ambiente,  
15 abastecimento de milho e outros assuntos. "Foram momentos muito importantes para a Embrapa Suínos e Aves e para a avicultura e suinocultura. O fórum com certeza trouxe  
20 informações decisivas para o futuro das duas atividades", disse o chefe geral da Embrapa Suínos e Aves, Dirceu Talamini. Estiveram presentes no fórum: Luiz Carlos de Oliveira, secretário nacional de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e do Abastecimento; Clóvis Puperi, diretor  
25 executivo da União Brasileira de Avicultura (UBA); José Adão Braun, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS); Hélio Mauro França, diretor da Agência de Promoção da Exportações  
30 (APEX); Luiz Fernando Furlan, presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (ABEF) e da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS); Cláudio Martins,  
35 secretário executivo da Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (ABEF) e da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS); Odacir Zonta, secretário  
40 estadual do Desenvolvimento Rural e da Agricultura; Moacir Sopelsa, presidente da Comissão de Agricultura da Assembléia Legislativa de Santa Catarina; Dante Scolari, diretor executivo da Embrapa; Hugo Biehl, deputado federal.

**Público foi um dos destaques do fórum**

Além de apontar caminhos para a suinocultura e avicultura, o 1º Fórum de Conjuntura Nacional de Suínos e Aves também marcou o encontro entre produtores, lideranças, representantes das indústrias, políticos, autoridades do governo e estudantes. Cerca de 350 pessoas acompanharam o fórum, lotando o auditório do Parque de Exposições. Pesquisadores da Embrapa participaram de reunião da Comissão de Agricultura

Antes da abertura do I Fórum de Conjuntura Nacional de Suínos e Aves, a Comissão de Agricultura da Assembléia Legislativa de Santa Catarina promoveu, com o apoio da Embrapa Suínos e Aves e da Associação Catarinense dos Criadores de Suínos, uma



Cerca de 350 pessoas acompanharam o Fórum. audiência pública sobre a situação da suinocultura no Estado. Os pesquisadores Carlos Perdomo e Nelson Mores participaram da audiência pública. Mores falou sobre sanidade na área de suínos em Santa Catarina. Perdomo abordou a questão ambiental. Cerca de 200 produtores participaram da audiência.

### Texto 10 – O Imparcial – 1ª quinzena de agosto de 2000

O texto 10, inicialmente, confirma (ou repete) a informação do título, mas o mínimo que o leitor pode esperar neste caso é encontrar, mesmo que resumidamente, os “caminhos” ou, ao menos, as principais propostas apontadas no fórum para os dois setores em debate. O título desperta o interesse para isso e, certamente, a pessoa que ler a matéria irá em busca dessa informação. Logo, se sentirá frustrada ao perceber que, além de reproduzir o título, sem nada

acrescentar à idéia que ele desperta, o texto limita-se à exposição de detalhes irrelevantes, como a citação das autoridades presentes e o número de participantes no evento.

## Público prestigia desfile do dia 7

1 O Sete de Setembro, data da Independência do Brasil, foi marcado mais uma vez por brilhante desfile ao longo da rua Dr. Maruri. O tema em destaque neste ano foi os 66 anos de Concórdia, escolhido em reunião da

10 Secretaria de Educação com as escolas e entidades participantes.



O desfile teve a participação de três bandas:

### *Crianças foram o destaque do desfile*

15 Banda Marcial da Escola Agrotécnica Federal de Concórdia, a Fanfarra Municipal de Tangará e a Fanfarra do Colégio Mafrense. A abertura foi dada pela Fanfarra do Colégio Mafrense, seguido da Escola Recanto Azul, da APAE. Também participaram: Oficinas do Caic - Escola Básica Concórdia; Escola Básica Giuseppe Sette; Escola Básica João Teobaldo Magarinos; Escola Básica Melvin Jones; Grupo

20 Escolar Maria Melânia Siqueira; Grupo Escolar Maria Petrolli; Escola Arteducação; Centro Educacional Brincarte; SESC; Escola Chapéuzinho Vermelho; Escola Bem Me Quer; Cooperativa Educacional Magna - CEM; CNEC; Colégio Inovação; Escola de Educação Básica Mansueto Boff; Escola de Educação Básica Walter Fontana; Escola de Educação Básica João Batista de La Salle; Escola de Educação Básica

25 Deodoro; Escola de Educação Básica Vidal Ramos Júnior; Escola de Educação Básica Prof. Olavo Cecco Rigon; Escola Agrotécnica Federal; SESI; Grupo de Escoteiros Concórdia; Pastoral da Criança; Grito dos Excluídos; Comitê da Cidadania; FABET e Sociedade do Corpo de Bombeiros de Concórdia.

### Texto 11 – O Imparcial – 1ª quinzena de setembro de 2000

A informação do título não aparece em nenhum lugar do texto 11, o que leva a concluir que o título não foi extraído da matéria. O redator simplesmente redigiu um título qualquer.

Daí se compreende a obviedade do título. Seu conteúdo é válido a qualquer ano. Afinal, desfiles sempre são feitos para serem apresentados ao público. O problema é que a informação, não expressando novidade, nada acrescenta ao leitor.

Neste caso, título referindo-se ao público só se justificaria se algo inusitado tivesse ocorrido, como ninguém ter ido ao desfile ou o evento ter recebido o dobro de público do que costumava ter. Mas aí, o texto teria que dar esta informação e não deixá-la única e exclusivamente a cargo do título.

A matéria em seu todo, e não só o título, acaba não dando qualquer informação relevante. Dizer que a data da Independência “foi marcada mais uma vez por brilhante desfile” (linha 4) em nada contribui: se foi brilhante, é preciso dizer por que foi; caso contrário, novamente se estará criando expectativa que não será satisfeita.

O tópico desta matéria poderia ter sido algo curioso ou revelador acerca da temática do desfile, que homenageou os 66 anos de história do município. Entretanto, o fato é citado superficialmente.

## 6.5. QUANDO O TÍTULO INTERNO NÃO CONFIRMA O DA CAPA

A capa cumpre papel decisivo na condução da leitura de jornal. Difícil o leitor que dispense, primeiro, olhada geral na primeira página e passe diretamente às páginas internas. Todo mundo sabe que ali se encontra, geralmente, um resumo do periódico, anunciando o que a edição traz de mais importante, pelo menos na ótica dos jornalistas ou daquilo que eles supõem que o leitor queira ver.

Além de conduzir à leitura de algumas notícias especificamente, a primeira página tem função importante na chamada etapa de pré-leitura do jornal<sup>41</sup>. Ao ler a capa, o leitor não só se sente motivado à leitura de algumas matérias em especial, mas já cria expectativas e objetivos em relação ao texto e ativa esquemas para interpretação posterior<sup>42</sup>.

Para que as expectativas sejam mantidas e a leitura se concretize, é importante que o título interno confirme o da capa. Não se trata de repeti-lo, exatamente, o que denotaria falta de criatividade, mas de expressar a mesma idéia, de manter o valor comunicativo, causando o mesmo interesse, o que parece não ocorrer nos exemplos a seguir (textos 12 e 13):

### Macroproposições

**Título de capa:** Capotamento fere sete pessoas na SC-457

**Título interno:** Carro capota na SC-457

<sup>41</sup> Ver capítulo 2, seção 2.2.3.2.1.

<sup>42</sup> Para melhor compreensão desse processo, ver Comassetto (2001)

# A SEMANA

□ ANO XVII □ Nº 871

□ CURITIBANOS, 29 DE ABRIL A 05 DE MAIO DE 2000

□ EXEMPLAR: R\$ 1,00

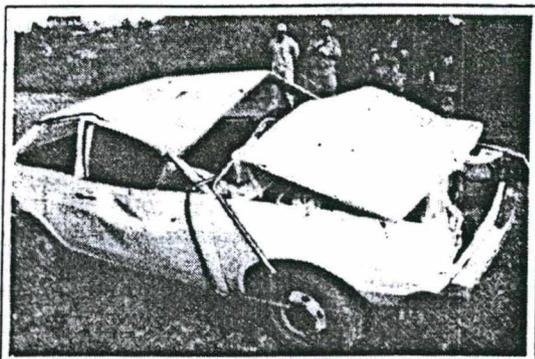


## Capotamento na SC-457 resulta em sete feridos

PÁGINA 27

Texto 12 – A Semana – 5/5/2000

### Gol capota na SC-457



Danos materiais elevados.

1 No dia 27, às 14 horas, 15 motorista, foram levados o Corpo de Bombeiros foi ao Hospital Regional seus acionado para atender a acompanhantes: Maria uma saída de pista com Izabel dos Santos, João 5 capotamento, na SC-457, Alves dos Santos, Izabel próximo a sede dos 20 Mendes dos Santos, Veteranos da AGAFI, no Clarice Aparecida dos Bairro São Luiz. O Gol Santos, Márcia Alves dos placas MAL-5358, Santos e a criança Carine 10 dirigido por Nelson de apenas um mês de Antonio Stockmann, 25 idade. Todos os ocupantes capotou às margens da do veículo tiveram rodovia, indo cair na ferimentos generalizados. ribanceira. Além do

Texto 13 – A Semana – 5/5/2000

Há clara diferença entre o conteúdo das duas macroproposições. O que a evidencia é a informação a mais trazida pela manchete de capa. Ela dá conta não só de um acidente, mas de número expressivo de vítimas em função desse acidente. E este é o fato marcante da notícia: o envolvimento de pessoas, de vítimas. Além de menos corriqueiros que acidentes com danos materiais apenas, desastres com vítimas envolvem interesse humano<sup>43</sup>, causam comoção (ainda mais em cidade pequena, onde as pessoas geralmente se conhecem) e soam mais trágicos. Quanto mais trágico, mais negativo é o fato. E notícia negativa, indicando disfunção de um sistema, é mais atraente<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Erbolato (1991, p. 60-65) aponta critérios que fazem dos fatos notícia. *Interesse humano* está entre eles.

<sup>44</sup> A explicação é dada por Van Dijk (1990, p. 178): "Psico-analiticamente, o interesse por notícias negativas é expressão de nossos próprios temores. O fato de que outras pessoas estejam envolvidas em ocorrências desse tipo proporciona tanto tensão como alívio, por não sermos nós os implicados."

A macroproposição da capa (texto 12) tem muito mais força que a interna (texto 13), e o leitor atraído pela primeira poderá não se sentir motivado pela segunda. É pouco provável que a primeira representação mental seja mantida, caso o leitor, depois da capa, não parta imediatamente para o texto cuja manchete chamara sua atenção.



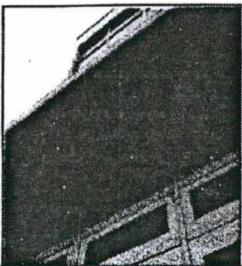
FOLHA



---

EDIÇÃO 905
CAÇADOR 19 DE JULHO DE 2000
R\$ 1,30

## Trânsito violento marca final de semana nas ruas de Caçador



Dois graves acidentes foram registrados pela Polícia Militar, mas nenhum teve vítima fatal 7

Texto 14 – Folha – 19/7/2000

## Acidentes sem vítimas fatais

Ocorrências mais graves foram na SC 451 e nas proximidades da Academia Transpiração

1 **A** pesar da gravidade dos acidentes de trânsito que ocorreram no final de semana, nenhuma pessoa morreu. A guarnição de plantão do Corpo de Bombeiros, domingo, às 16h52, deslocou-se até a rodovia SC-451, nas proximidades do Pet, para atender um acidente no trânsito. O caminhão Volkswagen, placas MBH 3340 de Calmon, saiu da pista. O veículo era conduzido por Getúlio Xavier, de 38, que sofreu pancada nas costas. Os acompanhantes, Maria de Lurdez Xavier e Tatiane Xavier, 13, nada sofreram. Após primeiros socorros, prestados no local, as vítimas foram levadas ao Pronto Socorro do Hospital Maicé.

Segunda-feira, o Corpo de Bombeiros se deslocou para a rua 25 de Março, nas proximidades da Academia Transpiração, para atender acidente, que envolveu o veículo Opala placas ACR 4159 de Caçador, conduzido por Ivo Barboza de 30. O motorista perdeu o controle Opala e bateu no muro da academia e posteriormente num poste. O condutor do veículo sofreu corte no lábio e escoriações pelo corpo. Marli Tavares, 18, sofreu corte na face, Luiz dos Santos, 19, sofreu corte profundo na perna esquerda e escoriações na face e Dioneide de Mello, 14.

O Corpo de Bombeiro também foi acionado sábado, para atender um atropelamento, envolvendo o veículo Belina de Guaira (PR). O automóvel era conduzido por Gilmar de Quadros, 19, que nada sofreu. O pedestre Lorival Ribeiro de Souza, 41, sofreu suspeita de fratura no braço esquerdo e na região da caixa torácica e escoriações pelo corpo. Foi aplicado os primeiros socorros e a vítima foi levada ao Pronto Socorro do Hospital Maicé.

Um princípio de incêndio em uma residência, levou a guarnição, até a rua Itororó, domingo às 17horas. Houve rompimento de uma mangueira que passava atrás de um fogão a lenha. Houve super aquecimento e fogo. O incêndio foi combatido pelo proprietário com o extintor de veículo.

Texto 15 – A Semana – 19/7/2000

### Macroproposições

**Título de capa:** Trânsito foi violento no fim de semana em Caçador

**Título interno:** Acidentes não tiveram vítimas fatais

Os títulos são tão diferentes que obviamente podem despertar no leitor a suposição de que não se trata de mesma matéria. Como no caso anterior, a manchete de capa (texto 14) é muito mais forte que a interna (texto 15), mas lá ainda havia identificação entre as duas, por se tratar de um único acidente e de ambos os títulos falarem em “capotamento”.

Aqui, os títulos ativam idéias diferentes. O da capa fala em “violência no trânsito”, e violência supõe vítimas e danos de elevada monta. Mesmo que não tenha havido mortes, como explica o subtítulo, violência lembra gravidade, ou seja, algo atípico, inusitado, que, de qualquer forma, despertará interesse.

O título interno, por sua vez, ao simplesmente dizer que “acidentes não tiveram vítimas fatais” derruba o interesse pela notícia. O título apaga a idéia não só de mortes mas mesmo de feridos com alguma gravidade ou danos significativos. “Acidentes sem vítimas fatais” são algo corriqueiro, e um título assim de maneira alguma remete à idéia de violência, tragédia, enfim, de fato incomum.

Neste caso, da mesma forma que o anterior, corre-se sério risco de o leitor não associar a manchete de capa à matéria interna, se, depois de lida a manchete, não partir imediatamente para o texto. E mesmo que o faça, pode sentir-se enganado ou desmotivado ao deparar-se com o título interno.

## 6.6. QUAL A RELEVÂNCIA DO TEMA DA NOTÍCIA?

O conceito de relevância é subjetivo, e este estudo não pretende aprofundar esta discussão. O que interessa aqui, conforme já foi dado a entender no capítulo 2, é a relevância de acordo com a lógica da notícia, cuja estrutura prioriza as informações mais importantes ou interessantes “ao leitor e ao debate público” (Manual da Redação, 2001, p. 28).

Priorizar informações, em se tratando de notícia, significa dá-las por primeiro, ou seja, fazê-las constar do *lead* e, conseqüentemente, do título (extraído do *lead*). A idéia de *lead* pressupõe que

qualquer texto publicado no jornal dispõe de um núcleo de interesse, seja este o próprio fato, uma revelação, a idéia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou a declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem (Manual da Redação, 2001, p. 28).

Pela experiência acumulada, mas também auxiliados pelos critérios editoriais que traduzem uma experiência coletiva, os jornalistas sabem (ou ao menos deveriam saber) como encontrar isso, assim como também sabem (ou deveriam) separar o que é notícia do que não é.

Este procedimento é importante não só por despertar o interesse pela notícia, mas porque a derivação de uma macroproposição inicial dirige a atenção e estabelece a coerência global do texto. É mais fácil ao leitor associar as demais informações a um macrotópico. Além disso, o agrupamento proporciona representação mais estruturada na memória e melhor recordação.

O texto 16 não observa este raciocínio. O relevante desta notícia não parece ser o fato em si, ou seja, a reunião promovida pela Adjori em Curitiba. Se fosse, o *lead* teria (ou deveria) trabalhado isso como evento significativo ou extraordinário, enfocando o encontro como possivelmente algo inédito na cidade ou salientando sua importância para o município ou público leitor. O que o parágrafo introdutório faz, todavia, é relato cronológico do ocorrido, apresentando o fato como “reunião de trabalho” (linha 5), o que denota algo corriqueiro, sem novidade e questionável como notícia.

Se o fato em si não é a notícia, cabe ao redator buscá-la dentro dele, identificando a informação principal, aquela que pode interessar ao leitor e que, portanto, será o tema do relato. Neste texto, a novidade é a veiculação de um novo caderno nas edições dos jornais, informação dada somente no terceiro parágrafo (linhas 45 a 56). O relevante, portanto, é não a reunião, mas decisão tomada por ela. A decisão é que deveria ter sido o tópico da notícia, de modo não só a informar o mais relevante – o que geralmente ocorre, mas também organizar a

compreensão, uma vez que detalhes e informações secundárias agregadas a uma informação principal dão unidade ao discurso e proporcionam textos mais coerentes ao leitor.

O núcleo de interesse desta notícia, portanto, não está nem no título nem no *lead* e *sublead*, que se ocupam de detalhes, registrados na ordem em que acontecem, em prejuízo de uma informação significativa que corre o risco de não ser lida, compreendida ou assimilada devidamente, por não ser enfatizada como deveria.

## Adjori reúne jornais do interior em Curitiba



1 Na última segunda-feira, 24, a diretoria da Adjori, Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina, realizou reunião de trabalho no Auditório da Prefeitura Municipal. Os visitantes representando 18 jornais do interior catarinense, foram recepcionados ao meio-dia no Parque Pousa do Tropeiro, pela direção do "A Semana", Hélio e Renato Westpahl, bem como pela prefeita Marilúcia Costa, vereador Roque Stanguerlin e a Comissão Central Organizadora da Expocentro com o presidente Ricardo Stanguerlin.

Marilúcia deu as boas vindas ao presidente, Miguel Gobbi, estendendo aos empresários da imprensa escrita, e aproveitou a oportunidade para entregar uma pasta com material da Expocentro

2000, para ser divulgado pelos jornais presentes, bem como apresentou no almoço o prato típico da região. A Rainha da Ex-10 pocentro 2000, Francielle Saleh, bem como as principais Francielle Schweitzer e Marina Kuwahara, também mostraram a beleza da mulher serrana.

15 Às 13h30 no Auditório da Prefeitura foram iniciados os trabalhos, que definiram a implantação nos jornais do interior, da REDE CATARINENSE DE JORNAIS, que será um caderno de 4 páginas com a quinta página introduzida nos jornais do interior, abordando vários temas, publicidade, buscando abranger uma fatia importante na mídia catarinense. A meta é nos próximos meses, circular 120 mil cadernos especiais,

Presidente da Adjori, Miguel Gobbi (centro), presidiu reunião.

encartados nos jornais interioranos, e em contrapartida cada jornal, montar sua página, divulgando a situação dos municípios onde circulam. Assim buscando uma integração estadual, através dos jornais filiados à Adjori. O presidente da Adjori, Miguel Gobbi, saiu da reunião bastante otimista e concordou para nos próximos 60 dias, introduzir como forma de experiência a nova rede catarinense de jornais. Também ficou acertado, que após este período nova reunião deverá acontecer entre os diretores dos jornais participantes.

## 6.7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DOS TEXTOS

Os textos selecionados mostram o quanto o desconhecimento de estruturas textuais e a desobediência a regras básicas do jornalismo podem prejudicar a cognição da notícia. Nesta análise, procuramos observar principalmente os aspectos relacionados a títulos e *lead*, que são as categorias responsáveis pela organização da macroestrutura textual e, conseqüentemente, da compreensão da notícia.

Ficou evidenciado que, quando há falta de relação entre títulos e *lead* ou quando ambos não atuam como sumarizadores do texto, a identificação do tema central da notícia fica prejudicada. E, sem um tema, fica difícil ao leitor ativar esquemas que permitam fazer previsões ou antecipar conteúdos sobre o relato. Isso, além de inibir a compreensão antecipada pela leitura parcial, prejudica a fruição do texto e compromete a evocação das informações mais importantes. Durante o processo cognitivo, o leitor precisa de um ou mais tópicos norteadores, encarregados de monitorar o restante das informações e fazer a associação entre elas. A ligação a um tópico central também é importante para reforçar a idéia principal da notícia, aquela que ficará mais ativa na mente e, por isso será lembrada com mais facilidade. Quando evoca um acontecimento, o leitor, ao menos num primeiro momento, não está preocupado com detalhes, mas com a informação principal. É esta que de fato lhe interessa e, por isso, é esta que ele busca na manchete e no *lead*.

Estruturas como as apresentadas pelos jornais do Contestado são, portanto, deficientes do ponto de vista cognitivo, por dificultarem ou tornarem impossível a construção de uma estrutura global essencial para a compreensão e evocação do discurso. Isso, por priorizarem informações (nos títulos e *lead*) não relevantes ou apresentarem títulos cujo conteúdo não está contemplado ou privilegiado no texto.

## 7. A VEZ DA REPORTAGEM

Este estudo dedicou-se aos aspectos cognitivos da notícia por ser este o gênero predominante nos jornais da região do Contestado, aqui enfocada. Ao par dessa discussão, entretanto, outra igualmente importante se estabelece: até que ponto é válido aos jornais, principalmente os de periodicidade semanal ou intervalos mais longos entre uma edição e outra, priorizar a publicação de notícias que se limitem ao registro puro e simples de fatos novos, sem expô-los criticamente ou inseri-los em contextos mais amplos, o que está mais de acordo com a reportagem<sup>45</sup>?

Embora tal discussão não seja o objeto principal deste estudo, cujo enfoque é essencialmente lingüístico, ela chama a atenção de jornalistas, redatores e estudantes de Jornalismo para a necessidade de os jornais, em especial os semanários, fazerem matérias mais atraentes para seus leitores.

Ocorre que o “fato novo”, quando publicado em jornal semanal, não é mais novo, mas já foi noticiado por outros veículos de comunicação ou transmitido boca a boca na sociedade da vizinhança; de toda forma, já é de domínio público e, se não for focado de maneira diferente ou abordado a partir de um novo aspecto, não despertará mais interesse.

Daí, a conclusão de que os jornais devam publicar cada vez menos notícias e mais reportagens. Isso mesmo para os diários, que enfrentam a concorrência cada vez mais acirrada da televisão - com seus canais dedicados exclusivamente à veiculação de notícias - e da internet, que dispõe de milhares de *sites* dedicados à informação praticamente em todas as áreas de interesse e que podem ser acessadas a qualquer instante.

A tendência pela reportagem é tanta que o próprio manual de redação da *Folha de São Paulo*, maior diário do país, quase não fala em notícia, dando a entender que praticamente todas as matérias publicadas pelo jornal são e devem ser reportagens, ainda que, na concepção

---

<sup>45</sup> Breve descrição de reportagem, diferenciando-a de notícia, é feita no capítulo 2, seção 2.2.1., e ampliada na seção 7.1. deste capítulo.

da *Folha*, reportagem apresente estrutura semelhante à da notícia<sup>46</sup> e seja introduzida por um *lead* tal qual descrito por este estudo. A diferença está no “tratamento singular dado aos fatos, na sua fundamentação, na solidez da apuração e na boa análise da notícia” (Manual da Redação, 2001, p. 30).

## 7.1. AMPLIANDO O CONCEITO DE REPORTAGEM

A reportagem caracteriza-se principalmente pelo aprofundamento dos fatos, ampliando as notícias, em geral de poucas linhas, divulgadas diariamente, ou, podemos dizer, a cada instante. Fator determinante para a sobrevivência da notícia é o tempo. O fato tem que ser recente, e a sua veiculação, imediata. A reportagem não necessariamente necessita de atualidade. A ela compete

oferecer detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. Um fato recente (a morte de uma personalidade, um casamento célebre, etc.), um assunto polêmico (discos voadores, cura do câncer, homossexualismo) ou perfis de pessoas em destaque – todos poderão ser temas de reportagens, mas só no primeiro caso haverá exigências mais severas quanto à atualidade. Assim mesmo, um fato importante acontecido há cinco ou dez anos poderá ser “comemorado” por uma reportagem, que reproduza quase que da mesma forma a original (Sodré & Ferrari, 1986, p. 18).

Ao ampliar a informação, aprofundando seu conteúdo e dando-lhe sentido crítico, a reportagem preenche os vazios deixados pela notícia. Essa reunião de novos detalhes, fruto de investigação mais demorada, é que faz o diferencial com a notícia e configura-se no atrativo que o leitor espera encontrar.

A reportagem é a matéria-prima essencial das revistas, que, por terem veiculação semanal ou ainda mais distanciada, podem dedicar-se com mais competência ao aprofundamento dos fatos. Boas matérias exigem dedicação e tempo, e os veículos que não dispõem de estrutura satisfatória de repórteres e redatores para se dedicarem às investigações necessárias e às extrapolações analíticas dos fatos certamente encontram dificuldades para fazer reportagens atraentes.

---

<sup>46</sup> Ver capítulo 2, seção 2.2.2.

Embora a periodicidade diária seja uma desvantagem para a elaboração de matérias investigativas, ela não deverá ser impedimento para os jornais, que, se quiserem se manter no mercado, terão que investir cada vez mais em jornalistas dedicados à reportagem. É o que os grandes jornais estão fazendo, e o resultado é visível principalmente nos cadernos especiais e nas edições de fim de semana:

O jornal dominical, como é conhecido hoje, tem o peso de um livro e no seu conteúdo associa o jornal propriamente dito e a revista (Bahia, apud Vilas Boas, 1996, p. 67).

O jornal-revista dominical tem o que publicam o jornal diário, o jornal radiofônico e o telejornal, ou seja, notícias de interesse geral. Além disso, tem o que publicam as revistas semanais de notícias: um grande assunto ou assunto de capa, com profundidade, originalidade e exatidão (Vilas Boas, 1996, p. 67).

Vilas Boas observa que “o modelo de jornalismo comum de segunda a sábado (ainda) é o factual” (p.68), mas a tendência é, inclusive nas edições de meio de semana, os jornais passarem a oferecer mais reportagem, mesmo que seja a partir de temas factuais. Quanto aos jornais de periodicidade mais espaçada, geralmente os de circulação semanal, que predominam em abundância nas cidades do interior, a realização de reportagens é inevitável para a sua sobrevivência, ainda mais nos lugares onde o rádio se encarrega de noticiar os fatos locais do dia-a-dia.

## 7.2. O ESTILO DA REPORTAGEM

A reportagem tem estilo menos rígido que o da notícia. Segundo Lage (1985, p. 47-48), o estilo varia com o veículo, o público, o assunto. “Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história como um conto ou fragmento de romance”, usando-se de uma linguagem mais livre e que permite a adoção de técnicas literárias. Isso é visível principalmente nas revistas, que tentam conciliar o domínio da técnica jornalística com improvisação. Para Vilas Boas (1996, p. 101), “ao tentar imitar a velocidade da televisão, os jornais perderam na beleza, no gosto pela palavra. A objetividade levou o jornal a extremos de racionalização do processo de noticiar”.

Mas, quando fazem reportagens, o estilo dos jornais é mais livre e fica muito próximo do das revistas. Os periódicos procuram usar muito de improvisação, aliando inspiração e criatividade com a técnica, para assim deixar os textos mais atraentes, sem deixar de ser

jornalísticos, isto é, conter informação oportuna, selecionada a partir de interesse público. Nesses textos, geralmente maiores e desenvolvidos em forma de narrativa, predominam a investigação e a interpretação.

Muitos são os tipos ou modelos de reportagem possíveis. Sodré & Ferrari (1986, p. 45-64) apontam três, que eles consideram fundamentais.

1. Reportagem de fatos (*Fact-story*) – Trata-se do relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida. Como na notícia, os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância.
2. Reportagem de ação (*Action-story*) – É o relato mais ou menos movimentado, que começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme.
3. Reportagem documental (*Quote-story*) – É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. (...) A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante.

Especialmente no que se refere a jornal, Nilson Lage nos observa que reportagens podem ser redigidas:

- (a) como notícias, a partir de fato novo;
- (b) como notícias, a partir de fato relevante e desconhecido;
- (c) como texto expositivo, começando por uma narrativa breve, de evento significativo, relevante ou de interesse analítico;
- (d) como texto expositivo (tópico + documentação...).

As formas (a) e (b) são mais esperadas no primeiro caderno (noticioso) dos jornais diários e as outras nos suplementos. No caso de um jornal semanal, é conveniente separar os estilos *jornal* (a e b) e *revista* (c e d) com diferentes padrões de diagramação.

### 7.3. A ABERTURA DA REPORTAGEM

Como na notícia, o que conquista a atenção do leitor para a leitura da reportagem é a abertura. Daí porque, além de apresentar um texto construído de forma mais livre e literária, a reportagem ter uma abertura que saia do convencional. Aqui não necessariamente os fatos mais importantes devem ser informados primeiro. A reportagem é narrativo-expositiva e

apresenta, com certa frequência, o relato cronológico dos fatos. Assim, o uso do *lead* não é uma regra. Pelo contrário. A reportagem rompe as amarras dos diversos tipos de *lead* conhecidos e prima por uma abordagem original e que seja envolvente, objetivando atrair o receptor pela emoção ou pela razão. Para exercer este poder de atração, que “capture” o interesse do leitor, Vilas Boas (1996) aconselha, por exemplo, uma frase criativa, uma descrição, uma declaração-citação, uma história pessoal ou mesmo frases-feitas, trocadilhos, paradoxos, anedotas. O importante é que a abertura desperte a atenção e, quando possível, seja também elegante.

Nilson Lage (1985) explica que, principalmente nos magazines, os dados são organizados a partir de tópicos frasais, que irão introduzir os parágrafos ou grupos de parágrafos. Declarações, citações, indagações - enfim uma frase ficaria encarregada de despertar a curiosidade para a busca das notações essenciais distribuídas ao longo do texto e que dariam idéia geral do tema em questão.

A abertura da reportagem, portanto, precisa ter força bastante para arrebatá-lo e conduzi-lo ao fim da história, cujos fatos principais não se esgotam no *lead*. Diferente da notícia, a reportagem dificilmente admite cortes no fim do texto, por falta de espaço. Aqui, a matéria tem começo, meio e fim e, a cada parágrafo, vai revelando novas e importantes informações ao leitor, que, como num conto, vai passo a passo sentindo-se mais próximo e envolvido com a história e ansioso para saber seu desfecho. Se, a partir de determinada altura, a reportagem não trazer mais nada de importante, admitindo inclusive o corte de algumas linhas ou parágrafos, é porque, na opinião de Vilas Boas (1996), está mal escrita.

A flexibilidade redacional admitida pela reportagem, todavia, não diminui a importância do *lead*, que sempre é uma forma segura de introduzir o assunto. O fundamental, ainda mais quando não se trata de fatos urgentes, é que o *lead* não seja “realizado de maneira automática, com escrita burocrática” (Manual da Redação, 2001, p. 29), preocupando-se apenas em dar respostas imediatas às perguntas tradicionais (o que, quem, quando, onde, como, por que), o que poderia gerar desinteresse pela matéria. Na reportagem, um bom *lead* é o que consegue agregar criatividade à idéia núcleo do texto, ou seja, que consegue apresentar de forma dinâmica, curiosa e atrativa o que desencadeará o restante da matéria.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia de que existe uma estrutura fixa, convencional, mais apropriada à transmissão de notícias não é nova. Estudiosos do jornalismo do mundo inteiro já teceram considerações a esse respeito, apresentando categorias típicas do discurso da notícia e argumentando por que a quase totalidade dos jornais, pelo menos do Ocidente, as adota.

Mas é o estudo cognitivo desse tipo de discurso que permite compreender com segurança por que o esquema da notícia proporciona melhores resultados na difusão de eventos jornalísticos. Foi isso o que fizemos aqui, fundamentados principalmente nas investigações do holandês Van Dijk.

Defendemos que a notícia tem uma estrutura própria não com o intuito de inibir a criatividade ou fechar outras possibilidades. O que procuramos demonstrar é que a estrutura baseada principalmente em títulos e *lead* é mais eficiente de acordo com o propósito da notícia, que procura passar o conteúdo de forma objetiva, proporcionando a assimilação rápida dos episódios e a recordação das informações principais.

Títulos e *lead* facilitam a cognição porque, além de reservarem ao tópico do discurso posição privilegiada, introduzem de imediato o tema central da notícia e as informações mais relevantes, em torno das quais se desenrolará o relato. As duas categorias expressam a macroestrutura do texto, com sinais importantes para a bateria de macroestratégias utilizadas pelo leitor, a começar pela ativação da memória e a formação de esquemas mentais a partir das primeiras informações.

Quanto mais relevantes e representativas do texto forem as informações iniciais, maior o êxito do modelo provisório de compreensão estabelecido mentalmente pelo leitor em sua tentativa de interpretar o mais rápido possível o conteúdo do enunciado. As macroproposições do título e *lead* possibilitam não só constituir um significado como também guiam a atenção do leitor por uma linha de coerência global, tornando mais perceptíveis as associações das informações secundárias com as principais.

Uma estrutura esquemática que permita perceber o conteúdo semântico global do discurso é, portanto, fundamental, para o processo de compreensão. Mas não só isso. Ao evidenciar o objeto da notícia, ela também dará ao leitor a possibilidade de, ao contato com as primeiras sentenças, decidir se está interessado ou não no assunto, se deve continuar em busca de mais informações ou se apenas uma leitura parcial é suficiente para satisfazer sua curiosidade.

Outra observação importante é a que dá conta da evocação do discurso. Sabemos que a capacidade de memória é limitada e que, por isso, nem todas as informações são retidas. A psicologia cognitiva, entretanto, tem demonstrado que, quanto mais estruturadas, maiores as chances de armazenar na memória as informações. Daí porque as proposições que possuem maior valor estrutural, sobretudo as macroproposições, serem as de evocação mais perfeita. Pesquisas realizadas por Van Dijk (1990, p. 228-243) têm constatado também que, como a maioria dos leitores primeiro lê fragmentos de jornal, o que se evoca por completo é o que pertence à macro e superestrutura do texto.

Boa parte do êxito da notícia depende, portanto, da maneira como ela é estruturada. Daí a razão pela qual a preocupação com a qualidade estrutural dos textos deva ser uma constante nas redações. Antes de qualquer coisa, é imprescindível conhecer as categorias essenciais do relato jornalístico, mas com a consciência de que só isso não basta. Igualmente importante é a percepção do autor para a definição do tema da notícia e a identificação dos tópicos, enfim, das informações centrais, aquelas que dominarão a atenção do leitor e serão por ele evocadas posteriormente.

Saber que a notícia constitui-se, sobretudo, de título e *lead* não é suficiente. É preciso saber o que pôr no título e *lead*, para que o enunciado seja bem sucedido. A notícia tem sua estrutura baseada na relevância, e o autor deve ter a capacidade de identificar o que é relevante. O conceito de relevância depende de um acervo conceitual subjetivo: as mesmas informações nem sempre dizem respeito e interessam a todos. Mas, quando se trata de notícia, há dados que permitem ao redator estimar o que é mais importante ou interessante, na ótica da maioria ou de determinado segmento dos leitores.

A noção de notícia como toda e qualquer informação nova estabelece um princípio fundamental, o da recência. Em muitos casos, os episódios mais recentes, que expressam total novidade, tendem a ser considerados também os mais importantes. Daí porque a notícia dedica maior atenção às conseqüências que às causas dos eventos. Essa, todavia, não é condição irrevogável, assim como também não o é a resposta obrigatória a todas as perguntas do *lead* no primeiro parágrafo ou mesmo no decorrer do texto. Para efeitos cognitivos, o fundamental é que a cabeça da matéria seja uma síntese da notícia ou o relato do evento mais importante. Se isso puder ser acrescido de uma dose de impacto e criatividade, tanto melhor. Imprescindível, porém, que o título esteja coerente com o *lead*.

A inobservância de procedimentos básicos como estes constitui falha estrutural grave, resultando em textos deficientes do ponto de vista cognitivo. Mas não só a compreensão e evocação do conteúdo do enunciado são afetadas quando as construções literais são incapazes de traduzir e organizar a macroestrutura temática. A dificuldade de entender o texto compromete também o interesse pela leitura, pondo em risco a sobrevivência dos jornais que desprezam ou ignoram estruturas e técnicas primárias e fundamentais do discurso jornalístico.

Este é o alerta que se faz aos jornais do Contestado, aqui analisados. Em todos eles evidenciam-se construções pouco identificadas com as estruturas aconselháveis para a notícia, principalmente no que diz respeito à organização do conteúdo semântico global. Problemas como a falta de definição de um tema para o enunciado, incapacidade de identificar as informações mais relevantes, priorização de detalhes secundários e títulos em desacordo com o *lead* ou que não traduzem a idéia do texto têm impedido a construção de macroestruturas representativas, retardando a compreensão e evocação do discurso, em síntese, a cognição da notícia.

Por ter se tratado de enfoque lingüístico, não compete a este trabalho emitir parecer sobre as causas das deficiências observadas. O objetivo foi chamar a atenção para os problemas, relatar cientificamente o que eles implicam e sugerir estruturas mais apropriadas, inclusive levando-se em consideração a periodicidade dos jornais analisados. Quem sabe as causas venham a ser objeto de estudo posterior, centrado na estrutura das empresas jornalísticas, pois não só a identificação dos problemas, mas a compreensão de sua origem pode ser igualmente elucidativa para a condução de um trabalho que contribua para mudar a realidade que ora se apresenta.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, L. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARTHES, R. *Introduction à l'analyse structurale des recits*. Communications, 8. Paris, Du Sevil, 1981.
- BARTLETT, F.C. *Remembering*. Londres: Cambridge University Press, 1932.
- BELTRÃO, L. *Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BLIKSTEIN, I. *Técnicas de comunicação escrita*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BONINI, A. *O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: uma contribuição à teoria dos esquemas cognitivos para textos*. Tese (Doutorado). Pós-graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- BURNETT, L. *A língua envergonhada: e outros escritos sobre comunicação jornalística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: COSTE, D. et al. *O texto, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988.
- COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa – um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.
- COMASSETTO, L. R. *A pré-leitura no jornal impresso*. Roteiro, Joaçaba (Unoesc), v. XXV, nº 45, p. 107-121, jan/jun. 2001.
- CORRÊA, H.T. *Títulos e macroestruturas textuais*. Estudos lingüísticos, Belo Horizonte, V.8, n.2, p.53-78, jul/dez, 1999.
- COSTE, D. Leitura e competência comunicativa. In: *O texto, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988.
- DOUGLAS, J. *Jornalismo: a técnica do título*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

GADET, F. & HAK, T (orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GEDRAT, D.C. *Relevância na comunicação*. Verso e Reverso – Revista da Comunicação, São Leopoldo (Unisinos), Ano X, n. 20, 1996.

GRICE, H.P. (1967). Logic and Conversation. In: Cole P. e J. Morgan, *Syntax and Semantics*, v.3. New York: Academic Press, 1975.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH. I.V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção de sentidos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_ & TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e técnica da notícia*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Linguagem jornalística*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *O lead clássico como base para automação do discurso informativo*. Vozes & Diálogo, Itajaí (Univali), ano 2, nº 1, 1998 (abril), p. 61-71.

\_\_\_\_\_. *Redação em jornalismo impresso diário*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, 40 f.

LEFFA, V. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística*. Porto Alegre: Sagra-Luzatto, 1996.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MANUAL geral da redação. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MANUAL da redação. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARTINS, E. (org). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

McWhorter, K.T. *College reading and study skills*. Toronto: Little Brown and Company, 1986.

MEDITSCH, E. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992.

MELO, J.M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1985.

MEURER, J. & MOTTA-ROTH, D. *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria, UFSM, 1997.

MOIRAND, S. Situação da escrita, imprensa escrita e pedagogia. In: *O texto, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988.

MOURA, H.M *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.

PENNA, A.G. *Introdução à psicologia cognitiva*. São Paulo: E.P.U., 1984.

RABAÇA, C. A. & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

RUMELHART, D. E. Schemata: the building blocks of cognition. In: Spiro et al. (org.s). *Theoretical issues in reading comprehension*. New Jersey: L. Erlbaum, 1980.

SARTORI, R. *A relevância da inferência relevante*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SODRÉ, M. & FERRARI, M.H. *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

\_\_\_\_\_. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 4. ed. São Paulo, Summus, 1986.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

THORNDYKE, P.W. *Knowledge acquisition from newspaper stories*. Discourse Processes. 2. 95-112, 1979.

TREVISAN, E. *Leitura: coerência e conhecimento prévio*. São Paulo: Vozes, 1991.

VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1999.

- \_\_\_\_\_. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Barcelona: Paidós, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Macrostructures*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1980.
- \_\_\_\_\_. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.
- \_\_\_\_\_ & KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.
- VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.